

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**TESE DE DOUTORADO**

**PSICOTERAPIA E MUDANÇA – UMA REFLEXÃO**

**Autora**

**Patricia Valle de Albuquerque Lima**

**Orientadora**

**Prof<sup>a</sup>. Dra. Élide Sigelmann**

**Rio de Janeiro**

**2005**

**PATRICIA VALLE DE ALBUQUERQUE LIMA**

**PSICOTERAPIA E MUDANÇA - UMA REFLEXÃO**

**TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE  
JANEIRO COMO PARTE DE REQUISITO NECESSÁRIO PARA OBTENÇÃO DO  
TÍTULO DE DOUTOR**

**Orientadora – Prof<sup>ª</sup> Dra. Élide Sigelmann – UFRJ**

**Rio de Janeiro  
2005**

## FICHA CATALOGRÁFICA

**LIMA, PATRICIA VALLE DE ALBUQUERQUE**

**“ Psicoterapia e Mudança – Uma reflexão”  
152 págs.**

**Rio de Janeiro – UFRJ – Instituto de Psicologia, IP.**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Dezembro de 2005  
Tese de Doutorado em Psicologia**

**1. Psicologia Clínica 2. Epistemologia 3. Gestalt Terapia**

**I – Universidade Federal do Rio de Janeiro II – Título: Doutor**

**Patrícia Valle de Albuquerque Lima**  
**Psicoterapia e Mudança – Uma Reflexão**  
**Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia/UFRJ**

**ORIENTADORA:** \_\_\_\_\_

**Profr<sup>a</sup> Élide Sigelmann**  
**Doutora ISOP/FGV**

**APROVADA POR:** \_\_\_\_\_

**Prof. Dr. Roberto Novaes de Sá - UFF**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Rogério Christiano Buyz – UFRJ**

\_\_\_\_\_  
**Dr<sup>a</sup>. Teresinha Mello da Silveira – UERJ**

\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Ued Manjud Maluf - UFRJ**

**RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL**  
**12 de dezembro de 2005**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, Dra. Élide Sigelmann, pela sua disponibilidade em me acompanhar nesta empreitada, sempre de maneira ética e delicada.

Aos componentes da banca, pessoas escolhidas com muito cuidado e carinho pela importância profissional de todos na minha trajetória acadêmica. Agradeço especialmente à Dra. Teresinha Mello da Silveira por ter sido quem me formou enquanto psicoterapeuta.

À minha mãe e irmãos por sempre terem acreditado em mim e me incentivado nesta caminhada.

Ao meu filho e marido por terem trilhado este caminho junto comigo.

Aos meus amigos e clientes que dão sentido a minha vida e me fazem acreditar que as mudanças não só são inevitáveis como admiráveis.

## Sumário

<b>Agradecimentos</b>	<b>iii</b>
<b>Resumo</b>	<b>iv</b>
<b>Abstract</b>	<b>v</b>
<b>1 – Capítulo 1: Introdução</b>	<b>1</b>
<b>2 – Capítulo 2: Considerações críticas quanto à possibilidade de um projeto determinista e causalista em psicoterapia.</b>	<b>10</b>
2.1 - A crítica da hermenêutica fenomenológica.	14
2.2 - A proposta da Teoria Geral dos Sistemas.	22
2.3 - Os conceitos de subjetividade e ordem no pensamento contemporâneo.	29
<b>3 – Capítulo 3: Pequeno histórico da Gestalt Terapia – influências teóricas e filosóficas.</b>	<b>37</b>
3.1 - A teoria organísmica-holística como parâmetro para a construção de uma teoria da personalidade humana.	45
3.1.1 - A teoria organísmica de Kurt Goldstein	45
3.1.2 - O Holismo em Jan Smuts.	62
3.2 – A teoria de campo e suas implicações na Gestalt Terapia.	75
3.3 – O pensamento fenomenológico-existencial em Gestalt Terapia.	81
<b>4 – Capítulo 4: As novas contribuições à teoria da Gestalt Terapia</b>	<b>94</b>
<b>5 – Capítulo 5: As contribuições das Psicoterapias Sistêmicas e as Psicoterapias de base</b>	

<b>fenomenológico-existenciais para o conceito de mudança.</b>	<b>111</b>
<b>6– Conclusões</b>	<b>127</b>
<b>Referências bibliográficas.</b>	<b>146</b>
<b>Anexo I</b>	<b>149</b>

## Resumo

Para as abordagens psicoterápicas o conceito de mudança é fundamental. Espera-se que quando uma pessoa passa por um processo psicoterapêutico esta apresente modificações do seu comportamento nos diversos âmbitos da sua vida, tais como – vida social, profissional, familiar, etc. O objetivo de produzir mudança deriva-se, em grande parte, dos primórdios da constituição da ciência psicológica, época em que a psicologia era pautada pelos ideais da ciência médica de supressão de sintomas e de cura dos aspectos doentios do indivíduo. As abordagens iniciais de psicoterapia valorizaram esta proposta de constituição de uma ciência que pudesse tratar dos comportamentos doentios e adaptar o sujeito às condições ideais do funcionamento social. Sendo assim, a psicologia era uma ciência normativa e preocupada com a obtenção de resultados aparentes e possíveis de serem medidos e/ou avaliados de algum modo. Diante deste cenário, o psicólogo dedicava-se ao estudo do comportamento manifesto, dos dados acessíveis à consciência e possíveis de serem avaliados, ou ao estudo da subjetividade; enfim, dedicava-se ao estudo de algo que considerasse constituinte da individualidade ou manifestação da mesma. Estas noções de subjetividade, individualidade, etc., são hoje bastante criticadas nas ciências sociais de modo geral. Este pensamento substancialista considerava que alguma instância psíquica contivesse um núcleo, uma base constitutiva do ser, justificando a noção de que existiria algo a ser mudado que pudesse ser verificado ao longo do acompanhamento do trabalho do psicólogo. Como podemos pensar em uma mudança sem nos referirmos a uma essência (subjetividade, individualidade, consciência) ou alguma manifestação (comportamento, percepção, cognição) possíveis de serem modificadas ao longo do tempo? O objetivo desta dissertação é refletir sobre esta possibilidade à luz da abordagem gestáltica.

Acredito que repensar o conceito de mudança não seja de utilidade apenas para a teoria da Gestalt Terapia, mas também, sem dúvida, para as outras abordagens psicológicas e principalmente àquelas de embasamento fenomenológico-existencial que tem uma visão de homem e de mundo em sintonia com a abordagem gestáltica. Além do mais, refletir sobre o conceito de mudança em psicoterapia dentro deste enfoque – o que acontece de diferente quando uma pessoa passa por um processo de psicoterapia? - nada mais é do que questionar o papel e a função da psicoterapia e suas decorrências para a vida daqueles que se envolvem neste processo. Nesta tese, a proposta é fazer uma reflexão sobre o que seria mudança, dentro do viés da abordagem gestáltica, coerente com seus pressupostos teóricos e filosóficos. Para isto irei apresentar os suportes epistemológicos sobre os quais a abordagem gestáltica apoiou-se para pensar o papel da transformação na vida do ser humano, procurando refletir se estes mesmos suportes são ainda válidos no pensamento contemporâneo.

Palavras-chave: mudança, psicoterapia, Gestalt Terapia.

## Abstract

As far as psycho-therapeutical approaches are concerned one has to move with the times. It is hoped that when someone goes through a therapy, this will bring about modifications in his/her behaviour on several features of his life – social, professional, family life, etc. The goal of causing such changes derives mainly from the primeval stages of the psychological science, when psychology followed the standards of medical science, namely the suppression of symptoms and cure of the unhealthy aspects of the patient. The early approaches to psychotherapy valued this suggestion that the structure of a science might cure him of his sickly behaviour and adapt him to the ideal circumstances of social life. Psychology was, therefore, a normative science concerned with the acquisition of apparent results capable of being measured and/or evaluated in some way.

Before such a scenario, the psychologist committed himself to studying the observable behaviour, the accessible data to the conscience apt to be evaluated, or to the study of subjectivity, in short, devoted himself to the study whatever he considered part of the individuality or its manifestation. Such notions of subjectivity, individuality, etc. are now unfavourably criticized by many as far as social sciences are generally concerned. This substance-oriented model believed that some psychic component might contain a core, a constituent basis of the being, which would provide adequate ground for the notion that there should exist something to be altered that might be confirmed in the course of the psychologist's work.. How can we consider a change lest we should refer to an essence (subjectivity, individuality, consciousness) or some manifestation (behaviour, perception, cognition) capable of being modified in the course of time? It is the goal of the present work a reflection on this possibility considering a gestalt approach.

In my opinion, rethinking the concept of change would not only come in useful to Gestalt Therapy but also, undoubtedly, to all psychological approaches mainly those of phenomenological-existential basis which view man and world at syntony with the Gestalt approach.. Moreover, reflect about the concept of change so focalized – what really changes when one goes through a psycho-therapeutical process? – is just to question the role and the function of psychotherapy and its consequences to the lives of those involved in the process. In this thesis, it is proposed a reflection about what is actually a change, within the Gestalt focus, coherent with its theoretical and philosophical assumptions. With a view to such a goal, we will present the epistemological bases on which the Gestalt approach leans to consider the role of transformation in the life of the human being., trying to reflect whether these bases are still valid in the contemporary thinking.

Key-words: change, psychotherapy, Gestalt Therapy

---

## 1 - Introdução

Quando uma pessoa busca uma psicoterapia, assim o faz por que reconhece que alguma coisa na sua vida atual a aflige de algum modo. O mesmo se dá com um casal ou uma família. Algo parece não estar funcionando muito bem, que pode ser reconhecido como um sintoma aparente ou apenas como uma sensação de insatisfação sem que haja uma causa evidente. Como dizemos no jargão da psicologia, esta(s) pessoa(s) tem uma queixa, às vezes de modo explícito, outras não tão bem estruturadas.

Esta atitude de buscar uma psicoterapia, seja por iniciativa própria ou por recomendação de outrem, mostra que sem dúvida esta pessoa gostaria que algo mudasse – em si própria, na forma de conduzir sua vida, nas pessoas que a cercam, no seu modo de se relacionar com elas ou na sua forma de compreender a realidade. Seja como ela interprete esta demanda de ajuda, percebendo que o que a deixa insatisfeita está nela própria, está nas suas relações afetivo-sociais, está nas outras pessoas ou no seu meio social, está na sua incapacidade de resolver algumas questões práticas no seu dia-a-dia; a verdade é que ela busca a psicoterapia, pois acredita que através deste recurso algo diferente possa acontecer, que algo mude.

E como nós, psicoterapeutas, lidamos com esta queixa? Na realidade não existe uma proposta única de condução deste pedido, mas sim propostas muito diversas, ancoradas em diversos modos de compreender o homem, baseadas em teorias sobre a personalidade, sobre o desenvolvimento humano e social e sobre uma visão de adoecimento e psicodiagnóstico muitas vezes até antagônicas. Esta grande diversidade teórica da psicologia resultou no surgimento de inúmeras linhas de psicoterapia que possuem arcabouços teóricos, nem sempre coerentes uns com os outros, criando visões sobre o homem e modelos de atuação bastante variados e centralizados em objetivos em grande parte divergentes.

Isto que estou chamando de diversidade no campo psicológico se relaciona à própria história do surgimento da Psicologia. O pensamento psicológico apresentou-se, durante vários séculos, extremamente afinado com a Filosofia. No século XIX, a Psicologia procurou tornar-se uma ciência reconhecida com um campo conceitual e teórico particular. Wundt, na segunda metade do século XIX, valorizou a vertente da Psicologia fisiológica como adequada para o trabalho experimental e científico. Outra corrente, de menor importância, dedicaria-se ao estudo das questões sociais. Deste modo, alguns autores procuraram adaptar-se aos padrões das ciências médicas, concebendo a psicologia como um ramo das ciências naturais, voltada para o entendimento e para a criação de propostas de cura para os desvios de conduta, comportamentos desajustados, e adoecimentos de ordem psicológica. Outros autores já se pautaram por uma leitura mais sociológica para o entendimento dos fenômenos humanos, procurando encontrar padrões de funcionamento nos grupos, descrever, e incentivar procedimentos adequados para a formação de líderes, assim como explicar os critérios da distribuição de poder na sociedade e suas consequências. Este será um dos tópicos que irei desenvolver no primeiro capítulo desta tese.

A partir da segunda metade do século passado, estes parâmetros que serviam de base para as abordagens em psicologia começaram a ser questionados, e pontos de vista diversos para se pensar o papel do psicólogo surgiram. O movimento da chamada “Terceira Força em Psicologia”, no qual a abordagem centrada no cliente emerge como uma das principais representações, buscava uma mudança na visão de homem que vinha sendo adotada na psicologia através das contribuições filosóficas do existencialismo e da fenomenologia. A psicóloga Cecília Coimbra destaca em artigo de 1995 a importância do intitulado “Movimento do Potencial Humano”, surgido nos Estados Unidos a partir da década de 60 do século passado, vinculado ao pensamento da contracultura. Conforme palavras desta: “E foi neste movimento que começaram a gestar algumas práticas “psi” “alternativas”: dele saíram a

Gestalt Terapia e as Terapias Neo-Reichianas, dentre outras que, somente no final dos anos 70 e início dos 80, penetraram mais fortemente no Brasil” (p. 58). Com estas novas práticas, criou-se um impasse e promoveu-se uma ampla discussão no campo da psicologia, pois se a preocupação do psicólogo não deveria ser a de curar ninguém e nem a de entender o sujeito através de uma visão sociologizante, qual seria então o verdadeiro objetivo da psicologia? Mais especificamente, qual o papel do psicoterapeuta, daquele profissional cujo trabalho está voltado para uma ação clínica psicológica?

Acredito que este questionamento trazido pela abertura no campo conceitual da psicologia através da contribuição do pensamento filosófico fenomenológico-existencial e também do pensamento político e cultural de esquerda, foi uma verdadeira ruptura, uma força alternativa para se pensar o papel e a função do psicólogo. O cenário das psicoterapias de base fenomenológica e existencial será discutido mais à frente tentando demarcar algumas diferenças e semelhanças entre estas. Quando uso a palavra “alternativa” aqui, não estou de modo algum usando em sentido pejorativo, mas como aquilo que busca a criação de um outro caminho, que não o usual, para se chegar ao objetivo final. Na realidade, este pensamento filosófico aplicado à clínica já vinha se fazendo presente na psiquiatria que, com a contribuição de importantes autores tais como Jasper, Van den Berg, Biswanger etc., propunha-se a buscar novos critérios diagnósticos e um novo modelo de tratamento para se tratar das doenças mentais. Neste sentido, a fenomenologia em Husserl, e mais tarde a hermenêutica heideggeriana, trouxeram contribuições fundamentais para aqueles que buscavam no pensamento filosófico suportes para pensar o homem. A hermenêutica, conforme concebida por Husserl e depois por Heidegger (2002), encontra-se apresentada de modo mais detalhado no primeiro capítulo desta tese.

O movimento da anti-psiquiatria liderado por Cooper tomou vulto na década de 70, partindo da extensa obra do psiquiatra britânico Ronald Laing e de suas experiências com um

modelo clínico fenomenológico. Não podemos deixar de considerar, neste contexto, a grande contribuição trazida pela obra de Michel Foucault (1972), que re-contou a história da loucura de um novo modo, dando destaque ao papel das relações de poder na construção dos padrões sociais e também na constituição da subjetividade individual. Esta nova corrente psiquiátrica tinha um enfoque político-ideológico bastante comprometido com os movimentos de esquerda, com a busca de modelos de auto-gestão institucional, com uma representação conjunta de suas idéias nos meios culturais, sendo desta época a montagem de alguns textos no teatro adaptados da obra de Laing. Uma efervescência se deu então, cultural e ideológica, através das quais o modelo clínico ficava definitivamente aliado ao pensamento político e cultural. Não é sem razão que o existencialismo também teve uma grande divulgação nesta época, juntamente com algumas apropriações da filosofia oriental ocidentalizadas através dos movimentos ecológicos e hippies tão badalados desde a década de 60. Ser holista, ter uma visão cosmológica da realidade, pensar de modos integrativo e não dicotômico, fugir de qualquer tipo de reducionismo, estas foram grandes máximas adotadas por um extenso grupo de filósofos, psiquiatras, psicólogos, sociólogos, teatrólogos, cineastas, ativistas políticos, artistas plásticos, etc.

Foi nesta corrente que estas outras abordagens de psicoterapia “alternativas” se desenvolveram e ganharam destaque. A abordagem centrada no cliente criada por Carl Rogers ganhou inúmeros adeptos, e uma grande interlocução entre estes e ativistas do movimento da anti-psiquiatria aconteceu. A Gestalt Terapia foi outra destas abordagens que, tendo sua criação oficial na década de 50 nos Estados Unidos, nasceu comungando destes ideais político-libertários. Dando destaque para o papel das expressões artísticas como modo de liberação do homem, e ancorando-se em uma visão de homem coerente com algumas máximas do existencialismo Sartriano, tais como a valorização do ideal de liberdade, e de um projeto existencial responsável, adotou a visão de fenômeno de Brentano sistematizada por

Husserl na fenomenologia. Sendo esta a abordagem que me serviu de referência teórica nesta tese para refletir sobre a noção de mudança em psicoterapia, apresentarei-a no segundo capítulo.

E quais foram as grandes repercussões na prática destes profissionais com esta visão de homem bastante diferenciada da visão biológica e também da visão sociológica? Acredito que este seja um assunto ainda muito pouco discutido no universo dos teóricos e dos psicoterapeutas clínicos. Esta tese tem por objetivo abrir um dos aspectos desta discussão, mais especificamente no que toca à concepção do que é mudar, e se a mudança é a grande expectativa de quem busca uma psicoterapia.

Diante da linha de raciocínio que venho desenvolvendo acima, fica fácil imaginar o que é pensar a mudança dentro de um ponto de vista médico. A mudança, neste sentido, está diretamente relacionada à idéia de eliminar sintomas em busca da cura do sujeito. Não é sem razão que os psicoterapeutas que se apóiam sobre esta perspectiva adotam um modelo diagnóstico que visa compreender a sintomatologia do “paciente”, traçar prognósticos, tendo como objetivo final a cura ou, na impossibilidade de uma cura total, a eliminação de alguns sintomas que mais comprometem a qualidade de vida e as relações sociais deste indivíduo. De acordo com este ponto de vista, quando uma pessoa busca um tratamento psicoterápico, ela espera obter uma melhora, sendo a mudança o processo necessário para que esta melhora ocorra. Claro que existem grandes diferenças, dentre as abordagens que compartilham de um modelo médico de clínica, nas concepções da etiologia e das conseqüências da doença na vida do sujeito, mas de algum modo todas estas abordagens acreditam que possa acontecer uma melhora, e que melhorar é ser diferente do que esta pessoa estava sendo antes do tratamento. Aqui acho importante destacar o uso de determinadas palavras dentro desta linha de pensamento, principalmente cura, alta, sintoma, tratamento, paciente, palavras estas

concebidas dentro do campo da medicina para descrever procedimentos desta área de conhecimento.

Já nas escolas psicológicas mais comprometidas com uma leitura sociológica dos fenômenos humanos, há uma intenção de intervenção a nível social, promovendo mudanças nas estruturas de poder, nas hierarquias estabelecidas, ou seja, gerando um rearranjo no sistema, onde espera-se que mudanças ocorram no que tange ao desempenho dos papéis sociais e funções de cada indivíduo. Aqui também me chama a atenção a leitura de que o trabalho do psicólogo é um modo de intervenção. Se pensarmos no sentido desta palavra, intervir é necessariamente influenciar, ou seja, promover algum tipo de mudança. Nestas escolas, o papel das instituições e a compreensão do indivíduo como inserido e sofrendo permanentes interferências do contexto mais amplo, é bastante valorizada. Sem dúvida aqui teríamos que destacar a grande importância dos autores ligados à chamada Escola Argentina de Psicanálise, e todos os seguidores desta corrente. Não é minha intenção nessa tese discutir e apresentar estes autores, mas apenas marcar uma distinção entre um modelo psicológico mais voltado para uma ciência médica e outro mais voltado para uma leitura sociológica e suas diferenças quanto às visões do papel e das funções da clínica psicológica.

Começo assim a pensar em um novo modelo que mais se aproximaria de um modo filosófico de conceber o papel do psicólogo, estando presentes neste novo modelo todas as abordagens que se auto-nomeiam escolas de psicologia existenciais e fenomenológicas. Sem dúvida este universo é bastante diversificado por si só, não existindo uma concordância teórica e técnica entre várias destas abordagens. O que talvez seja o principal elo entre todas estas é que o papel do psicólogo não é mais visto como voltado para a cura de alguém e nem para o de eliminador de sintomas. Aqui, mais uma vez, não tenho a pretensão de apresentar estas abordagens e marcar suas diferenças, mas pinçar, dentro do universo das mesmas, aquela na qual fui formada e onde me sinto tendo uma relação de pertencimento. Assim, se

não é nosso objetivo enquanto psicoterapeutas em Gestalt Terapia curar ninguém e nem nos voltarmos para a obtenção de mudança nos sistemas sociais (mesmo acreditando que estas ocorrerão naturalmente), o que afinal de contas estamos nos propondo a fazer? E será que esta prática visa uma mudança, dentro da ótica de que mudar é deixar de ser de um jeito para ser de outro, ou este conceito de mudança também deva ser repensado de modo mais coerente com estes pressupostos filosóficos? Para isto precisamos refletir os embasamentos teóricos e filosóficos onde a Gestalt Terapia inicialmente considerou a questão da mudança e o seu papel na vida do ser humano, buscando a coerência destes com o panorama atual das ciências sociais. Dentre os pressupostos teóricos e filosóficos da Gestalt Terapia, apresentaremos a Teoria de Campo, a Teoria Organísmica e Holística, e o enfoque fenomenológico-existencial como os suportes possíveis para dotarem esta abordagem de uma visão diferenciada do que é mudança em relação à concepção substancialista.

Conforme discutido acima, existem hoje várias abordagens de psicoterapia que se enquadram no campo de abordagens fenomenológico-existenciais por utilizarem alguns dos pressupostos filosóficos da fenomenologia e/ou do existencialismo. A adequação destas transposições de temas filosóficos para o campo psicológico, bem como da aproximação entre linhas filosóficas tão abrangentes e diversificadas como a fenomenologia e o existencialismo, há que ser amplamente discutida e questionada. No entanto, esta não será nossa tarefa ao longo deste trabalho. Nosso interesse maior é escolher, dentre estas escolas psicológicas, uma a ser revista epistemologicamente, tentando verificar a pertinência das propostas conceituais com uma visão de homem condizente com o embasamento filosófico adotado. O conceito de mudança utilizado por esta escola servirá como um referencial para indagar-se sobre estes dois aspectos a serem considerados – pressupostos filosóficos e teóricos.

Neste sentido, nossa reflexão voltar-se-á para a Gestalt Terapia. Esta escolha é derivada da intenção de continuidade de minha tese de mestrado concluída no ano de 1997. Aquela

pesquisa teórica trazia, a título de conclusão, algumas propostas de necessidade de revisão dentro do campo conceitual da Gestalt Terapia. A idéia neste momento é contribuir com uma nova proposta concreta do conceito de mudança em psicoterapia, e de todas as suas implicações para o pensamento psicológico.

Após repensar os pressupostos da Gestalt Terapia na dissertação de mestrado eu apontei, nas conclusões da mesma, para a importância de se substituir uma visão de homem substancialista por um novo modo de descrevê-lo mais condizente com todas as revoluções conceituais e paradigmáticas que vinham ocorrendo desde meados do século passado nas ciências humanas de modo geral. Apresentei alguns pesquisadores contemporâneos que trataram de conceitos como ordem, caos, estabilidade e complexidade nos diversos campos da ciência. Agora prosseguiremos com esta discussão. No primeiro capítulo apresentarei alguns destes autores, como Prigogine e Stenger, por exemplo, procurando ver as repercussões de suas obras no tema da subjetividade.

Um outro ponto apresentado no segundo capítulo desta tese é relativo ao campo teórico das ciências humanas e mais especificamente da psicologia. É fato que grande parte das abordagens de psicoterapia foi criada há várias décadas. A sociedade tem passado por mudanças drásticas nos últimos anos que, sem a menor margem de dúvida, trouxeram significativas alterações nos padrões dos relacionamentos pessoais e na subjetividade. Se não falamos mais daquele mesmo homem de que se falava na época do surgimento de grande parte das escolas de psicoterapia, de que sujeito estamos “tratando”\* então, tanto do ponto de vista clínico quanto do ponto de vista do discurso? Talvez, diante desta nova realidade social tenhamos que adotar outros modelos para pensar o homem e para criar propostas de atuação profissional, enquanto psicólogos mais condizentes com a atualidade. Procuraremos apresentar algumas considerações relativas ao surgimento da psicologia e das decorrências deste nascimento para a visão de homem adotada por grande parte das escolas psicológicas.

Temos a intenção de deixar evidente que este “ranço” de substancialismo que ainda se faz muitas vezes presente na visão de homem da psicologia, relaciona-se a este modelo original bastante atrelado ao pensamento racionalista adotado pelas ciências naturais.

---

\*Destaco o termo tratando pelo seu duplo sentido neste contexto – o tratar verbalmente e o tratar relativo à idéia da psicoterapia como uma forma de tratamento.

## **2 - Considerações críticas quanto à possibilidade de um projeto determinista e causalista em psicoterapia.**

A Psicologia constituiu-se como um novo ramo de saber a partir do final do Séc. XVIII, estando seu surgimento vinculado ao modelo médico, pautado pelo pensamento científico das ciências naturais, que era reconhecido como cientificamente aceitável naquele momento da história do conhecimento. Ou seja, a Psicologia só poderia se tornar científica a partir do momento em que estivesse ancorada sobre modelos emprestados das outras ciências. Dentro deste ponto de vista, o sujeito psicológico ou era compreendido dentro de uma ótica biologizante, ou enquanto ser social, não sendo pensado de um ponto de vista particularizado e individual. A psicologia, deste modo, separa-se do pensamento filosófico que a havia acompanhado durante muito tempo.

Dentro deste viés, desenvolveram-se as escolas de psicologia que restringiam sua área de atuação, ou à observação do comportamento manifesto, ou àquelas que procuravam explicar a constituição do sujeito como uma mera decorrência das influências culturais e sociais do meio que o englobava. Não restava outra opção para se explicar o funcionamento psíquico do que compreendê-lo como reflexo direto do seu ambiente ou enquanto uma máquina composta por sistemas funcionais que manifestava reações esperadas e estereotipadas dependendo dos estímulos sofridos pelo corpo. A psique era nada além do que um destes outros sistemas que respondia pelas áreas da organização do pensamento, memória, imaginação e comportamento.

A psicologia do desenvolvimento surgiu com o objetivo de estudar os processos de mudança ocorridos ao longo da vida do ser humano, entendendo-os como perfeitamente previsíveis e coerentes com o desenvolvimento biológico e com a maturação alcançada pelas fases cronológicas próprias do homem. Os desvios deste padrão eram interpretados como dados de anormalidade justificáveis, ou por doenças e síndromes de ordem física, ou por

fatores do meio altamente restritivos e contundentes. Sem dúvida os autores desta disciplina não deixavam de considerar os aspectos sócio-culturais como influenciadores nas etapas de desenvolvimento, mas existia um pensamento normatizante por trás disto, que buscava determinar padrões de conduta psíquica específicos e relativos às idades cronológicas.

Qual era o espaço para a diversidade, para a diferença? Estas modificações eram encaradas como desvios dos sujeitos em questão, como membros da sociedade a serem re-educados de modo a se enquadrarem no esperado, seja através da educação escolar, seja pela prática dos profissionais de saúde, dentro das quais estava a classe dos psicólogos.

Neste cenário, no início do século passado, a psicanálise freudiana abriu uma nova frente para pensar a questão da saúde psíquica do ser humano, trazendo destaque para a função do inconsciente como a chave para o entendimento das origens dos comportamentos. No entanto, a psicanálise ainda dedicava-se à busca de fatores explicativos para os comportamentos, atrelando-se, em grande parte, ao modelo científico médico no qual Freud teve sua formação clínica. A psicanálise freudiana em sua concepção original, também caiu na tentação de tentar padronizar e criar um modelo nosográfico que pudesse dar conta de determinar o modo como deveria se apresentar o comportamento humano, ainda que considerasse as condutas estranhas e não racionais como perfeitamente justificáveis diante dos desígnios do inconsciente.

Após a Segunda Guerra Mundial grande parte dos sistemas de psicologia entrou em colapso. Todas as tentativas de se fazer previsões sobre os resultados dos efeitos psicológicos da guerra no comportamento dos homens falharam. Conforme Ludwig von Bertalanffy (1977), esta crise gerou um verdadeiro mal estar que: "... refletiu-se na tendência para buscar novas orientações, havendo um incremento nas abordagens fenomenológico e existencial, na terapêutica centrada no cliente de Carl Rogers e nas abordagens que tratavam da questão da auto-realização no ser humano." (p. 276)

Desta tendência surgiram algumas propostas para se pensar o comportamento humano, a estruturação da personalidade e o funcionamento dos grupos sociais, segundo a Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy. Alguns autores como, por exemplo, Kurt Goldstein, fizeram uma leitura da teoria sistêmica segundo os modelos dos organismos guiados por um princípio de auto-realização. Mais adiante apresentaremos o pensamento destes autores de modo mais detalhado

A partir da década de 50, conceitos da física, como o de caos, complexidade, indeterminação, fluxo, desordem, etc., começaram cada vez mais a serem adotados para tratar dos fenômenos biológicos e sociais. A tomada de consciência da impossibilidade de aplicação de leis causais em qualquer contexto levou os cientistas das áreas sociais a tentar adaptar estas descobertas ao campo das relações sociais e à formação de subjetividade humana. Muitas destas tentativas foram extremamente inadequadas, como se fosse possível fazer uma mera importação de dados obtidos por leis físico-matemáticas para a compreensão dos fatores humanos, conforme o ponto de vista defendido no livro “Imposturas Intelectuais” (2001). Outros autores, como Zygmunt Bauman (1977) e Stuart Hall (2001), dedicaram-se a pensar as conseqüências do momento atual na subjetividade humana e à possibilidade de elaboração de qualquer tipo de padrão de funcionamento para o entendimento dos processos humanos. O pensamento destes autores será discutido mais profundamente neste capítulo.

Dentro destas discussões deixou de ser novidade pensar as perdas de referenciais pela qual passava a sociedade e, conseqüentemente, os indivíduos – perdas de referenciais do tempo, do espaço, dos valores morais e éticos, dos princípios religiosos, dos padrões de conduta, dos comportamentos e dos relacionamentos interpessoais. Em paralelo a isto, a psicologia continuou bastante comprometida com uma visão essencialista de subjetividade, que busca identificar um núcleo, um centro, um lugar no qual reside aquilo que constitui o indivíduo. De um certo modo é como se procurasse algo (alma, ego, subjetividade, psiquê) que

encerrasse a chave do que identifica uma pessoa. É neste contexto que a obra de Heidegger pode nos trazer um diferencial. As críticas da hermenêutica heideggeriana serão discutidas adiante.

Referir-se ao homem como um ser em permanente processo de transformação, como um ser-no-tempo, ser-em-fluxo, era uma visão corrente desde os pré-socráticos. Alguns filósofos deram destaque à esta noção de fluxo e de impermanência, como na obra de Heidegger e, mais remotamente, no pensamento de Heráclito. Segundo Wertheimer, para Heráclito “Nada existe de permanente ou de fixo; e o fogo é o agente da mudança. Heráclito dava mais ênfase ao processo do que ao estado, à dinâmica, do que à estática.” (1969, p.19)

Pensar o ser humano em termos de processo de constante transformação é muito difícil se fizermos uso de categorias conceituais do modelo científico determinista/causalista. Para este modelo o funcionamento geral do ser humano e da natureza é entendido de modo semelhante ao funcionamento dos órgãos do corpo físico e das máquinas tecnologicamente projetadas. Estas ciências pretendem explicar o ser humano e a sociedade como sistemas de funcionamento linear e previsível. Este modelo de pensamento se espalhou pelas diversas áreas de saber, desde a arquitetura até a sociologia, dando destaque aos aspectos funcionais dos objetos de estudo de cada área distinta do conhecimento.

A escola da Psicologia da Gestalt se voltou contra a aplicação irrestrita deste modelo. O conceito de fenômeno proposto por Brentano nos finais do século XVIII foi posteriormente adotado, tanto pelos gestaltistas, quanto na fenomenologia de Husserl (Wertheimer, M., 1969). Estas correntes de psicologia e de filosofia fizeram uma oposição clara à tentativa de traduzir o funcionamento humano tal qual uma mera equação subordinada. A fenomenologia propõe uma nova base epistemológica mais adequada para o estudo do fenômeno humano, em contrapartida ao psicologismo e ao sociologismo, que tentavam adaptar a visão funcionalista para o entendimento dos processos humanos. A filosofia fenomenológica apresenta-se como

uma nova possibilidade de reflexão e de entendimento para as ciências sociais, tão comprometidas com os modelos da ciência moderna.

Conforme discutiremos abaixo, a filosofia fenomenológica cria uma perspectiva inteiramente diversa e inovadora possível de suprir as ciências sociais e humanas de um embasamento epistemológico adequado. Do mesmo modo, as teorias sistêmicas aplicadas à psicologia também trouxeram contribuições importantes para repensar os conceitos de causa e efeito e o pensamento mecanicista presente nas ciências modernas. O pensamento sistêmico será apresentado neste capítulo como um dos modelos questionadores do pensamento científico causalista. Finalizando, discutiremos o ponto de vista de alguns autores da atualidade críticos a noção de subjetividade e de sujeito que vinha sendo adotada nas ciências, questionando o modelo subjetivista essencialista que permeava a visão de homem da psicologia.

## **2.1 - A crítica da Hermenêutica Fenomenológica.**

Pensar em Hermenêutica, segundo Palmer (1969), é referir-se aos diversos sistemas de interpretação usados pelo homem para o entendimento dos textos sagrados, das profecias, das poesias, podendo nos reportar para a antiguidade grega, em um período histórico não muito definido, onde há uma passagem de fatos mitológicos para dados historicamente verificáveis, tais como a edificação do templo de Delfos, em aproximadamente 800 anos antes de Cristo. O hermetismo, doutrina que se cristaliza na forma de ensinamentos secretos misturando filosofia e alquimia, surge no Egito no primeiro século da era cristã. Na realidade, podemos nos reportar ao surgimento dos números na Mesopotâmia aproximadamente 3000 anos antes de Cristo como o momento em que se cria o primeiro sistema de simbolização e, junto com

ele, a necessidade da interpretação como uma possibilidade de transmissão de uma informação através de códigos.

A Hermenêutica tem seu nascimento vinculado à interpretação dos textos sagrados, da revelação dos mistérios e da tentativa de uso de códigos para garantir as leis e os acordos comerciais e de posse dos bens. Simbolizar e interpretar formam uma unidade inseparável, tal qual a própria idéia de símbolo, que com certeza podemos afirmar que constitui a base do pensamento humano e através disto o singulariza.

Na mitologia grega o deus Hermes era o deus grego dos camponeses, protetor dos rebanhos e dos viajantes. A Hermes se ofertavam pedras sempre que se buscavam bons lucros nos caminhos ou que se agradeciam os recebidos. Este é o deus da pedra sepulcral, o deus responsável pela condução das almas para a eternidade e para a felicidade. Após ter sido o corpo do morto sepultado ou cremado, era Hermes quem conduzia a psique até a barca de Caronte, que se incumbia do transporte das almas. Hermes - deus das ciências ocultas, mensageiro dos imortais do Olimpo. Hermes dominava o conhecimento do visível, mas também do invisível. Da união de Hermes e Afrodite nasce Hermafrodito, ser de dupla natureza. Deus possuidor de astúcia, do poder da interpretação e da intermediação.

Do nome Hermes deriva-se à palavra Hermenêutica que, segundo Aurélio Buarque de Holanda (1971) no “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” define-se como: “ 1. Interpretação do sentido das palavras 2. Interpretação dos textos sagrados... 3. Arte de interpretar leis...” (p.719) . Vale lembrar que o sentido da palavra hermético vem de hermetismo que diz respeito a uma categoria de ensinamentos secretos, alquímicos e filosóficos, que vinculavam os gregos ao deus Hermes. Associamos a Hermes, o poder de revelar o oculto, de proteger os rebanhos, de acompanhar os viajantes e de conduzir as almas, de acompanhar em suma, os homens em sua jornada a caminho da eternidade. É um deus das revelações, mas também da compreensão.

Referindo-nos ao oráculo de Delfos, podemos pensar em um sentido bastante particular da hermenêutica, no qual a própria interpretação do enigma do oráculo já trazia em si um sentido enigmático por si próprio. As interpretações do oráculo pretendiam explicações explicativas sobre uma realidade que se apresentava enquanto uma situação por isso sempre precisavam de um sacerdote tradutor. O sentido do termo hermenêutica foi inicialmente utilizado, de fato, para a interpretação dos textos bíblicos, jurídicos e para a tradução exata das palavras empregadas em um texto literário. A hermenêutica era empregada para a interpretação dos poetas na antiguidade grega. Muitos questionamentos aconteceram para se estabelecerem os parâmetros ideais de análise destes textos – alguns defendendo a busca de um sentido literal nos mesmos e outros acreditando que a interpretação deveria ser pautada por uma compreensão mais simbólica. No Renascimento, o papel da interpretação foi novamente extremamente valorizado, tendo sido a hermenêutica aplicada para a tradução do Antigo Testamento, acirrando-se novamente a disputa entre aqueles que acreditavam na importância de uma interpretação literal, e de outros que mais uma vez afirmavam a importância do entendimento das metáforas para a compreensão dos textos sagrados. Ainda hoje se utiliza a expressão hermenêutica em contextos diversos e com sentidos apropriados a este, sendo possível até mesmo destacar-se diferentes correntes da hermenêutica. Nesta tese nos detivemos na hermenêutica filosófica.

Este ramo de pesquisa difundiu-se, e hoje vemos a hermenêutica aplicada aos mais diversos ramos de conhecimento. Se pensarmos no significado da palavra interpretação, podemos compreendê-la de diversos modos - desde a atitude de explicar ou esclarecer o sentido de uma palavra ou texto, até no sentido da interpretação enquanto captação de mensagens ocultas (os oráculos, os sonhos enquanto presságios, o vôo das aves, a análise das vísceras animais, etc.) ou à interpretação enquanto uma forma de representação de um texto

escrito em uma montagem cênica, onde os atores dão vida aos personagens no teatro. E qual o sentido da hermenêutica para as Ciências Humanas?

Segundo Palmer (1969), foi Dilthey quem primeiro apontou a impossibilidade de se alcançar a objetividade a respeito dos fatos, argumentando que o pensamento não podia ir além da própria vida. Dilthey adotou uma postura anti-historicista, anti-psicologicista, ultrapassando-as e abandonando em suas propostas as perspectivas reducionistas e mecanicistas das ciências naturais. Sua preocupação era buscar uma base epistemológica para tratar da plenitude dos fenômenos, designando-a como abordagem fenomenológica. Propõe que se abandonasse a perspectiva historicista em busca da recuperação de uma consciência de historicidade do homem. Defendia que o homem só poderia alcançar o conhecimento sobre si mesmo através da história, de uma experiência de vida como totalidade contextualizada no passado e referente às expectativas futuras. O sentido da vida está na realidade mesma da experiência vivida. Conforme comentário de Richard Palmer no livro “Hermenêutica” (1969): “Dilthey segue Hegel defendendo que a vida é uma realidade “histórica”. Contudo, a história para Dilthey não é uma meta absoluta nem uma manifestação do espírito absoluto mas sim uma expressão da vida. A vida é relativa e expressa-se de muitas maneiras; na experiência humana não é nunca absoluta.” (p. 110)

Dilthey acreditava que os significados só podem ser compreendidos a partir da natureza da experiência vivida. Existe uma reciprocidade na relação das partes com o todo só sendo possível uma compreensão destas partes com referência ao todo. O todo constitui uma experiência de vida a ser traduzida através do círculo hermenêutico. O sentido e a significação são, portanto, contextuais; são parte da situação. A interpretação do círculo hermenêutico traz em si um paradoxo, um mistério. Para que o intérprete possa compreender o real significado de um assunto precisa ter uma noção prévia do contexto no qual este assunto se insere. A resposta para este paradoxo está no fato de que entre intérprete e interpretado se estabelece

uma relação dialética na qual o conhecimento vai sendo alterando durante o processo compreensivo. A interpretação não se dá apenas como dizer, mas sim como performance.

Quando tratamos de uma obra literária, no ponto de vista da hermenêutica moderna é fundamental a apreensão do sentido subjacente a esta para uma adequada compreensão da mesma. Richard Palmer defende que: “A metafísica (definição da realidade) e a ontologia (característica de estar no mundo) de uma obra são fundantes para uma interpretação que torna possível uma compreensão significativa.” (op.cit., p.40). Continuando, nesta mesma página, diz que a “tradução consciencializa-nos, pois, do choque entre o nosso universo de compreensão e aquele em que a obra actua (loc.cit., p.40)”. Transpondo este sentido de compreensão entre o intérprete e a obra para o processo comunicacional que se estabelece entre duas pessoas - uma buscando a interpretação do sentido do que é comunicado pela outra - poderíamos supor que a ontologia do sujeito relacional também seja um dado fundante para uma adequada compreensão das suas características peculiares de estar no mundo.

Importante destacar que a postura hermenêutica defendida por Dilthey rebelava-se à tentativa de objetivação das ciências humanas. Buscava o resgate das expressões da vida interior para uma interpretação realmente fundada na própria vida. A abordagem fenomenológica era sugerida por Dilthey como a adequada para considerar a plenitude dos fenômenos. Propunha, portanto, novos modelos de interpretação para as ciências humanas, que não os anteriormente adotados no contexto das ciências naturais. Palmer (1969), referindo-se a Dilthey, destaca que “os estudos humanísticos dão validade a algo que não é válido nas ciências humanas – a possibilidade de compreender a experiência interna de alguém através do processo misterioso de uma transferência mental.” (p.110). Continuando, diz: “Estamos aptos a penetrar neste mundo interno dos homens, não por meio da introspecção, mas da interpretação, da compreensão das expressões de vida; isto é, através da decifração das marcas que o homem imprime aos fenômenos.” (ibid.,p.111).

Heidegger, insatisfeito com os métodos que ancoravam as concepções sobre o homem no ocidente, procurava um caminho que possibilitasse o entendimento da vida a partir da própria vida. Encontrou nas investigações de Dilthey a busca da compreensão das vivências do homem a partir da totalidade da própria vida. A proposta de uma ciência psicológica para Dilthey opunha-se à mera junção de elementos e atos psíquicos. No entanto, Heidegger apontou que também as investigações fenomenológicas feitas por Dilthey não alcançaram a dimensão do *Dasein* (ser-no-mundo) e com isso perderam-se numa perspectiva personalística. Partimos da suposição desenvolvida por Palmer, conforme citação abaixo:

A Filosofia em Husserl mantém-se essencialmente científica, e isso reflecte-se no significado que hoje tem para as ciências; em Heidegger, a filosofia torna-se histórica, é uma reconstrução criativa do passado, uma forma de interpretação. Mesmo que Heidegger nunca tivesse designado por “hermenêutica” a sua análise do *Dasein*, mesmo assim podia ser considerado como um filósofo hermenêutico por excelência, pelo impacto que teve a última fase da sua obra. (op.cit.,p.131)

Na obra de Heidegger “Ser e Tempo” (2004), ele se refere ao seu método como sendo uma hermenêutica. É partindo do conceito de fenomenologia adotado por este autor, que referencia-se na palavra grega originária *phainomenon* como aquilo que se mostra, se revela, que chega-se ao conceito heideggeriano de desvelamento. Pelo desvelamento torna-se aparente, revelado, aquilo que se mostra, tal como é. Para Heidegger o sentido do fenômeno se dá naquilo que aparece, na manifestação da própria coisa, mas para isto precisamos deixar que a coisa revele-se por si própria. Ao ser pertence o poder de se revelar. A revelação não vem da interpretação de categorias prévias que possam ser imputadas ao fenômeno, mas da compreensão que ocorre na própria relação que se dá. O sentido de compreensão em Heidegger é bastante específico, diz respeito a um modo do ser-no-mundo, modo este que possibilita apenas ao homem revelar diversas possibilidades de ser humano. A compreensão, portanto, vai além da simples captação de uma situação, se dá enquanto revelação das possibilidades de sentido dos entes inseridos no mundo. Durante algum tempo Heidegger se

reuniu com alguns psiquiatras e proferiu seminários sobre temas da fenomenologia. No livro “Seminários de Zollikon” (2000), obra resultante da compilação destas palestras acontecidas na cidade suíça de Zollikon, encontramos:

A constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará “*Da-sein*” ou “*ser-no-mundo*”. Entretanto, este Da não significa, como acontece comumente, um lugar no espaço próximo do observador. O que o existir como Da-sein significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se fala a partir de sua clareira.. O Da-sein humano como âmbito de poder – apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e, em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação. (p.33)

Heidegger transcendeu o sentido de compreensão em Dilthey orientada para a experiência, partindo para uma visão ontológica da mesma. Apontou que também as investigações feitas por Dilthey não alcançaram a dimensão do Dasein (ser-no-mundo) e, com isso, perderam-se numa perspectiva subjetivista. O grande rompimento que Heidegger propõe-se a fazer é exatamente com esta noção de que existiria um ego centrado, uma essência responsável pela subjetividade humana, posição esta bastante presente ainda tanto na hermenêutica de Dilthey, quanto no conceito de consciência intencional de Husserl.

Assim como aponta a impossibilidade de se compreender o mundo separado do homem, negando a busca de uma suposta objetivação, nega também um viés subjetivista. O sentido do fenômeno se constrói na relação. É através da expressão trazida pela linguagem que ocorre o ato interpretativo. Heidegger já conferia à linguagem o papel de *casa do ser*\*. Heidegger recolocou em cena a desocultação como tarefa da interpretação para tratar da hermenêutica enquanto revelação de sentido.

---

\* Esta expressão é de Heidegger.

Citando Palmer em referência a obra de Heidegger: “... O homem é o ser que constrói a ponte entre o ser que se esconde e o ser que se revela, noutras palavras, entre o não ser e o ser. O homem ao falar, interpreta o ser...” (1969, p.153).

Heidegger libertou a linguagem do lugar de mero instrumento de comunicação para inseri-la no seu papel de articular o contexto situacional, o contexto histórico e contexto humano para uma compreensão verdadeiramente essencial do fenômeno. Implicou, de modo irremediável, a linguagem com o ser no Dasein. A linguagem é mais do que mera expressão, é a possibilidade de abertura de sentido – revelação que se dá tanto pelas palavras, quanto pelo silêncio.

. O pensamento de Heidegger representa, sem dúvida, uma ruptura com qualquer visão reducionista e determinista de ser humano, concebendo o Dasein de modo não essencialista ou subjetivista. A hermenêutica heideggeriana traz uma nova ótica para pensar a subjetividade do ser tratando do Dasein como um ser em permanente relação, permanente des-construção, onde a restrição é que traz o adoecimento, entendida como o empobrecimento pela perda de abertura para as diversas possibilidades do ser.

Tudo aquilo que Heidegger identifica como sendo inerente à condição humana é o que fala da incerteza, da angústia, do descontrolo. A única certeza de que o homem tem é da sua própria finitude pela morte – momento este totalmente indeterminado e inesperado. A angústia e o desespero são o que restam ao homem diante desta ausência total de amarras. A hermenêutica heideggeriana se refere a um acontecimento que ocorre no aqui-agora (tempo real), onde qualquer conhecimento só pode ser atingido pela compreensão do que se dá enquanto evidência. Portanto, todo e qualquer conhecimento é sempre processual e interacional - não existem verdades prontas e imutáveis. O Dasein - categoria pela qual Heidegger nomeia o ser enquanto um ser que está aí, está no mundo - é um ser passível de ocultamentos, de perda de autenticidade. Heidegger fala de um processo de decadência pelo

qual uma pessoa declina, perde-se de si mesma, diante da angústia de viver sua própria autenticidade. Neste ponto Heidegger era bastante crítico em relação aos efeitos do modelo tecnicista/consumista que prepondera na sociedade ocidental contemporânea. A perda de si mesmo é acompanhada por este sentido de coisificação do humano, onde os relacionamentos são perpassados por este clima sócio-cultural onde tudo é visto como descartável, como objeto de consumo e de manipulação tecnológica. Heidegger buscou alertar os profissionais de saúde mental do perigo pelo qual a humanidade estava submetida pelo processo de inautenticidade e distanciamento de si mesmo aos quais as pessoas são cotidianamente expostas. A verdade revela-se ao Dasein pelo desencobrimento, pelo desvelamento. Ela não está nos objetos, nas coisas, ela se mostra, se manifesta, pela abertura. A verdade não é fixa, capturável e classificável, assim como o Dasein, não é um ser pronto, imutável. A verdade se dá ao Dasein através de sua abertura para o mundo, pela qual ele é iluminado.

## **2.2 - A proposta da Teoria Geral dos Sistemas.**

Após a II Guerra Mundial a necessidade de utilizar o pensamento científico para entender o funcionamento das organizações tinha a finalidade de criar estratégias de administração dos grupos. O enfoque sistêmico buscava explicar os processos de tomada de decisão de forma lógica e coerente de modo a alcançar um maior rendimento dentro do funcionamento de sistemas específicos, nas mais diversas áreas das ciências. Deste modo, podemos definir sistemas como: “conjuntos de componentes que atuam juntos na execução do objetivo global do todo.” (Churchman, 1971, p. 27). A Teoria dos Sistemas era uma derivação de uma teoria da engenharia que pretendia, através da adoção de fórmulas matemáticas, resolver alguns problemas que estavam sendo discutidos nas ciências sem que se obtivessem explicações satisfatórias.

A Teoria Geral dos Sistemas surge então procurando solucionar o desafio de prover as ciências de outros recursos para discutir às relações comunicacionais humanas. Segundo Rapizo (1996), é nesta mesma época que os estudos cibernéticos do alemão Norbert Wiener se destacam, assim como a Teoria da Informação de Shannon e a Teoria dos Jogos de von Neumann, também tendo como propósito auxiliar as ciências sociais a desenvolver modelos para explicar os processos comunicacionais. No entanto, estas outras práticas ainda estavam bastante atreladas ao modelo mecanicista no qual os resultados esperados ganhavam especial destaque.

A chamada cibernética de primeira ordem (o primeiro modelo), procurava explicar o funcionamento humano dentro de uma visão circular no qual, a partir da informação inicial, procurava-se prever a resposta final (ibid., p. 21). A Teoria da Cibernética de Wiener buscava avaliar os recursos que estariam entrando nos sistemas e os produtos produzidos a partir disto, como as saídas do sistema. Wiener transpôs os conceitos de retroação e de informação da computação para os domínios da ciência biológica e sociológica. Este modelo era uma simplificação para tentar isolar cada sistema do funcionamento dos sistemas mais amplos. O grande risco da adoção deste modelo cibernético era o do entendimento do funcionamento dos sistemas de modo enclausurado, como se fosse possível isolar a percepção dos fenômenos que acontecem no mundo exterior dos que acontecem dentro do sistema. Mais tarde houve uma reformulação do pensamento inicial da Teoria da Cibernética de Wiener para um novo modelo que poderíamos considerar como a Segunda Cibernética. Em outro momento desta tese analisaremos esta proposta em relação ao campo específico da psicoterapia.

Segundo Bertalanfy (1997), o pensamento sistêmico trouxe uma transformação nas categorias básicas de pensamento da qual as complexidades da moderna tecnologia são apenas uma – e possivelmente não a mais importante – manifestação. Deste modo, o pensamento sistêmico causou uma reorientação no pensamento científico da época. Uma das

principais contribuições do modelo cibernético foi mostrar que todo sistema realiza mudanças constantemente a fim de manter um funcionamento adequado, ou seja: “mudança e constância são inseparáveis e complementares e não uma dualidade polarizada”. (RAPIZO, 1996, p.24).

É muito difícil determinar-se os objetivos reais de um sistema. Isto só é possível compreendendo o ambiente em que este sistema vive, qual a sua finalidade e como esta é mantida através da integração das atividades de todas as partes que o compõe. Para isto começou-se a questionar como se demarcaria o ambiente do sistema. Considerar aquilo que está fora e o que está dentro deste ambiente como um critério, tornou-se insuficiente. Do mesmo modo ficava sem sentido dar-se valor às atividades exercidas pelos componentes individuais do sistema sem levar em conta a finalidade do sistema de modo global.

Na psicologia social, o pensamento sistêmico começou a ser adotado para explicar como os indivíduos funcionam juntos em um grupo, como por exemplo, nos estudos experimentais desenvolvidos por Kurt Lewin, que buscavam descrever as relações sociométricas. Outros autores, como Kurt Goldstein, partiram do pensamento da biologia para criar o conceito de organismo como um sistema apropriado para tratar dos níveis mais elevados da matéria viva em busca de um sentido de unidade. Na realidade, a escola do gestaltismo já trouxera uma grande ruptura com o modelo mecanicista em psicologia, modelo este que procurava explicar o comportamento humano em termos de estímulo e respostas, ou seja, conforme o funcionamento de um robô. O pensamento do gestaltismo buscava entender o funcionamento do homem como uma totalidade, dentro de uma visão integrativa que considerava tanto as influências do meio, quanto dos fatores fisiológicos nos processos perceptivos, contrapondo-se ao modelo associacionista da psicologia clássica que estudava os fenômenos mentais decompondo-os em unidades elementares. A teoria sistêmica desenvolveu-se como uma segunda ruptura a partir do momento que passa a entender os fenômenos sociais como

sistemas nos quais às complexidades e as propriedades dinâmicas da sociedade sócio-cultural são consideradas.

O termo sistema já havia sido usado na obra de alguns pensadores, inclusive no pensamento dialético desenvolvido por Marx e Hegel. A elaboração de uma Teoria Geral dos Sistemas, no entanto, foi feita por Ludwig von Bertalanffy. A proposta desta teoria era a de se buscar semelhanças estruturais em diversos campos do conhecimento para a resolução dos problemas relativos à organização e execução de atividades dentro dos sistemas. Esta proposta teórica visava superar as limitações impostas pelo pensamento analítico presente nas ciências, de um modo geral, que estudava os fenômenos sempre de modo fragmentado, não conseguindo ter uma visão adequada de entidades nas quais houvesse uma interação funcional entre as partes que a compunham. Uma das premissas do funcionamento de um sistema é, exatamente, a interação entre suas partes. Deste modo, o pensamento sistêmico procurava abranger os modelos nos quais não havia uma linearidade funcional entre seus componentes.

No caso específico dos organismos vivos, o modelo a ser adotado seria o dos sistemas abertos, pois estes efetuam trocas constantes de matérias com o ambiente. O modelo ideal para se estudar os fenômenos grupais e o funcionamento psicológico do ser humano também seria este dos sistemas abertos enquanto sistemas em permanente interação com o meio. No entanto, o grande perigo deste modelo de pensamento reside na tentativa de se fazer analogias, sem a postura crítica necessária, entre sistemas tão diversos quanto os sistemas de natureza física, biológica, sociológica, etc. A física clássica havia descrito apenas sistemas fechados que funcionavam isolados de seu ambiente. Pela Teoria Geral dos Sistemas criou-se a possibilidade de se buscar modelos adequados para se estudar os sistemas biológicos, sociológicos, psicológicos dentro de uma visão de totalidade.

Conforme as palavras de Bertalanffy, a ciência moderna “explicava os fenômenos reduzindo-os à interação de unidades elementares, investigáveis independentemente umas das

outras.” (1997, p.60). Já a ciência contemporânea deveria adotar uma concepção de totalidade que permitisse pesquisar “sistemas de várias ordens, que não são inteligíveis mediante a investigação de suas respectivas partes isoladamente.” (op.cit., p. 60). Não podemos deixar, contudo, de considerar os perigos em se transpor conceitos matemáticos para outros universos de conhecimento sem que haja uma deturpação das características específicas dos mesmos. Nas teorias comunicacionais contemporâneas houve uma ampla difusão do pensamento sistêmico considerando os fluxos informacionais tais quais os fluxos energéticos da física. Do mesmo modo, o conceito biológico da homeostase foi utilizado em uma grande variedade de sistemas tecnológicos e de natureza viva. Algumas teorias psicológicas adotaram este conceito buscando explicar os processos de auto-regulação em termos organísmicos. Este é o caso da abordagem da Gestalt Terapia, que discutiremos no capítulo 3.

Bertalanfy já reconhecia a necessidade de se buscar um princípio para além do homeostático para descrever os processos de auto-regulação no homem. Até mesmo a psicanálise, na sua opinião, ainda entendia que o ser humano tinha uma tendência básica que era a satisfação de uma necessidade ou redução de tensão. O pensamento existencialista já se opunha a esta intenção de reconhecer o comportamento do homem como uma mera questão de satisfação de necessidades biológicas e de manutenção de um equilíbrio psicológico e social. Representando este pensamento existencialista podemos destacar aquilo que Maslow chamou de “busca de auto-realização” como a principal finalidade humana, sendo a atividade espontânea o caminho para esta. Bertalanfy não desconsiderava a possibilidade de se traçar analogias nas ciências sociais com o pensamento organísmico, sem que para isto se assumisse uma visão biologizante. Defendia que os princípios sistêmicos poderiam ser úteis em ambos os campos. Deste modo, os organismos compreendidos enquanto sistemas abertos funcionariam nos moldes de uma estabilidade relativa, pois estariam permanentemente

expostos aos processos originados em si mesmos (processos fisiológicos e neuroquímicos) e também às perturbações advindas do meio externo.

Sem dúvida, a Teoria Geral dos Sistemas trouxe novos instrumentos conceituais para se considerar os sistemas de organização mais complexos, para os quais o pensamento causal linear não poderia tratar da grande multiplicidade de variáveis envolvidas. Pelo pensamento sistêmico, as características constitutivas de um sistema não poderiam ser explicadas através das características das partes isoladas. Deste modo, qualquer sistema é visto como um complexo de elementos em interação. Até quase meados do século passado, o modelo de personalidade humana considerava-a como um produto causal da natureza e da educação, estando ainda a própria psicanálise reduzida a este modelo. A Teoria Geral dos Sistemas possibilitou a criação de um novo modelo de homem; homem este cuja personalidade deveria ser entendida de forma ativa e dentro de um enfoque holístico. A função homeostática seria apenas uma metáfora, e não um critério de comparação aos sistemas biológicos. Mesmo admitindo-se que as reações psicofisiológicas humanas seguem um padrão de regulação homeostático, ainda assim fica evidente a inadequação de aplicação deste nos processos de criativos, de crescimento etc.

Bertalanffy sugere que se substitua o princípio homeostático por um princípio de diferenciação para se pensar o processo de desenvolvimento do comportamento no homem e da cultura na sociedade. Pelo princípio da diferenciação há a transformação de uma condição mais geral e homogênea para outra mais específica e heterogênea. O indivíduo que percebe não é um mero receptor de estímulos e sim um transformador da realidade. A diferenciação ocorre a partir de um estado de absoluta indiferenciação entre o eu e o ambiente. A partir desta experiência, começa a acontecer uma separação entre o eu e as coisas, o eu e os outros. A compreensão deste processo de construção da realidade era também uma das preocupações do movimento do gestaltismo que considerava a importância dos processos culturais, sociais e

lingüísticos nos processos de percepção da realidade. A Teoria de Campo de Kurt Lewin partiu dos estudos desta escola para entender este movimento dinâmico relacional entre o homem e o mundo e também tratou deste assunto.

O homem é visto como um sistema absolutamente específico, pois ele cria o seu universo ao mesmo tempo em que é influenciado pelo meio. O homem encontra-se envolvido pelo universo cultural, universo este que é simbólico e transcende as esferas físicas e biológicas. A linguagem, enquanto um produto dinâmico e em evolução é aquilo que diferencia o homem concebido enquanto um sistema cultural de quaisquer outros sistemas. Considerar o homem como um sistema aberto de funcionamento é acreditar que o organismo vivo mantém um estado estável de desequilíbrio o qual regula-se, não apenas buscando eliminar tensões, mas também fazendo uso da atividade espontânea diante dos estímulos. Bertalanfy já defendia que um dos sintomas da doença mental estaria na perda da espontaneidade, denominando de princípio de mecanização progressiva (princípio segundo o qual, haveria uma perda das potencialidades dos componentes de um sistema e de regularidade no todo). Bertalanfy entendia que a doença mental estava diretamente relacionada ao grau de integração que um indivíduo mantém diante da estrutura cultural em que vive.

Sem dúvida, o conceito de sistema foi fundamental para a psicologia e para o estudo da psicopatologia a partir de metade do século passado. A tentativa da psicologia americana de entender o homem como um robô, ou então de entender o cérebro como uma máquina semelhante a um computador, foi posta abaixo com o pensamento sistêmico. Ainda citando Bertalanfy :

Os organismos não são máquinas, mas podem até certo ponto tornarem-se máquinas, solidificarem-se em máquinas, nunca porém completamente porque um organismo inteiramente mecanizado seria incapaz de reagir às condições incessantemente variáveis do mundo exterior. (1949, p.17)

Bertalanfy defendia que o papel da psicoterapia seria o de despertar potencialidades criadoras ao invés de se tornar um sistema de ajustamento do homem à sua realidade. Ele

acreditava que a percepção e a experiência que o homem tem do mundo não corresponderiam absolutamente à realidade, mas deveriam ser isomórficas a ela, de tal modo que possibilitasse a orientação e a sobrevivência por parte dos indivíduos. O pensamento humano e a linguagem ocidental estruturaram-se, em grande parte, sobre uma visão dual das características da realidade (noite e dia, quente e frio, etc.). Dentro deste ponto de vista, a antítese entre movimento e repouso foi um destes pares opostos sobre os quais o pensamento humano se estruturou. Estas oposições estruturais ficaram sem sentido a partir do desenvolvimento da Teoria da Relatividade de Einstein. Suas pesquisas mostraram que a oposição entre massa (substância) e energia estaria superada, e que através dos processos transformacionais da natureza estes aspectos opostos podem ser entendidos como complementares. O contraste entre estrutura e processo se desfaz pela teoria de Einstein. Do mesmo modo, no organismo vivo este contraste perde sentido quando entendemos que a distinção entre energia e matéria é apenas um instante particular dentro um fluxo contínuo. Bertalanffy acreditava que a velha distinção entre corpo e espírito estaria totalmente ultrapassada, sendo ambos aspectos diferentes de um mesmo fluxo de manifestações que se dão na realidade. Penso que esta discussão seja bastante importante para pensarmos o conceito de sujeito e de subjetividade na psicologia e nas ciências sociais, de um modo geral. Abaixo apresentarei os questionamentos trazidos por alguns autores referentes a este tema e suas repercussões críticas ao pensamento psicológico instituído.

### **2.3 – Os conceitos de subjetividade e ordem no pensamento contemporâneo.**

Não existe hoje um consenso nos meios intelectuais e acadêmicos quanto à adequação da separação entre modernidade e pós-modernidade enquanto períodos definidos e com características bastante distintas que os distinguiriam. Diante disto optamos por usar o

referencial da contemporaneidade como o palco de nossos questionamentos mesmo acreditando que de fato aconteceram mudanças e rupturas no que podemos considerar como os padrões de formação de subjetividade do indivíduo da modernidade e do sujeito na contemporaneidade.

David Harvey (1994) no livro “Condição Pós-Moderna”, refere-se a uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas vinculadas à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço. Ele se refere à categoria de compressão do tempo-espaço para caracterizar esta realidade.

Na obra de alguns escritores e poetas da modernidade como, por exemplo, Goethe e Baudelaire, já encontramos referências a uma sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica. Habermas (1982), tentou definir o projeto da modernidade como um esforço dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência objetiva e criar leis universais, dentro de uma busca de progresso na organização social, esforço este que seria ilusório, pois a suposta fixidez categórica do iluminismo estava fadada ao fracasso. Devemos destacar a importância da obra de Freud na virada do século XIX para o século XX apontando para a necessidade de se considerar as demandas eróticas e psicológicas como irracionais e contributivas para este sentido de confusão e de caos presente no desenvolvimento da humanidade. No entanto, acreditamos que algo mudou de fato nesta suposta passagem da modernidade para a pós-modernidade.

Novamente Harvey (1994) irá dizer que não houve realmente uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica, mas que esta ocorreu no nível das formações e práticas discursivas. Há hoje uma aceitação total do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico, não sendo mais viáveis as tentativas de transformar estas características e sim acolhê-las nas suas diversas implicações.

Na obra de Stuart Hall (2001), intitulada “A identidade cultural na Pós-modernidade”, este autor aponta para as diferenças nas concepções de identidade do sujeito da modernidade e da pós-modernidade. Resumidamente tentaremos destacar alguns aspectos apontados por Hall:

- O sujeito moderno se baseava numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, consciência e de ação. Pressupunha-se o conceito de centro como um núcleo interior que se desenvolvia ao longo da vida do sujeito, mas permanecendo contínuo e idêntico em sua essência (visão essencialista).
- O sujeito da pós-modernidade não é mais concebido como tendo uma identidade unificada e estável, mas como fragmentado e compostos de várias identidades, muitas vezes contraditórias.

Além da obra de Harvey e Stuart Hall, citados acima, diversos outros autores das ciências sociais tem se dedicado a discutir estas questões buscando perceber as conseqüências destes fenômenos nas experiências humanas. Abaixo busco organizar algumas reflexões relativas a este tema:

- Em relação à experiência do espaço, autores como Zygmunt Bauman (1999) falam do sujeito atual como des-territorializado, havendo uma perda dos sentidos de raízes geográficas, discussão esta já tão difundida no que diz respeito às características do fenômeno da globalização na organização e distribuição do espaço. Como conseqüência imediata podemos citar a desvalorização das tradições culturais desenvolvidas por grupos étnicos e por populações de lugares específicos, havendo miscigenação de hábitos, crenças e costumes, uma das conseqüências da globalização. Bauman em sua obra irá tratar do fenômeno da globalização sob um novo ângulo. Na realidade ele considera um outro fenômeno em

paralelo, o da glocalização, onde há uma imutabilidade de localização para aqueles sujeitos que ficam amarrados em sua localização geográfico/ territorial pelos vínculos atávicos da pobreza e da falta de recursos para se libertar de uma condição de restrição. Sendo assim, existiria no mundo a categoria dos turistas, como aqueles que estão em permanente fluxo sem grandes vínculos a lugar algum e a dos miseráveis, aqueles que estariam presos a apenas um lugar pela impossibilidade de mobilidade geográfica. Bauman irá ponderar que a experiência da impossibilidade de planejamento, de organização da vida prática é tanto ou mais restritiva do que a ilusão de controle da modernidade. Citando Christopher Lasch, Bauman defende que as tentativas de criação de princípios normativos hoje passam pela determinação de se viver um dia de cada vez, mantendo um “jogo curto” (expressão do autor), ou seja, no qual é impossível assumir compromissos a longo prazo como se não houvesse uma continuidade temporal do presente para o futuro. Isto implicaria numa exigência de não ser leal a nada e a ninguém, não ter qualquer tipo de compromisso com o futuro, neste sentido.

- Já considerando a experiência do tempo enquanto objeto de fragmentação e de descontínuismo, o instante é considerado cada vez mais como efêmero (apenas um flash), onde tudo passa, tudo é objeto de troca, sendo o consumo ditado por um ideal de imediatismo implicando em um consumismo absolutamente desenfreado e na mercadorização de qualquer experiência.

- Ainda em relação a este sentido de tempo, tenho observado que a exigência de se viver sem compromissos com o futuro implica em uma dificuldade de estabelecimento de vínculos mais efetivos, tornando todos os projetos efêmeros e trazendo um sentido de inseqüência em relação aos outros e ao mundo.

- Quanto à experiência do próprio corpo, podemos considerar que também houve uma descaracterização dos modelos corporais existentes a partir do desenvolvimento dos projetos de cyborgues, da evolução da realidade dos transplantes, dos estudos relativos à possibilidade

de mutação genética e da manipulação cromossomial, conforme artigo da pesquisadora Donna Haraway (2000). O corpo hoje também é visto como mercadoria, onde até as características físicas que antes compunham uma imagem corporal de um sujeito determinado também podem ser modificadas a qualquer momento em função dos ideais estéticos e da tentativa de controle das imperfeições e das limitações genético-biológicas. Existe, cada vez mais, uma experiência de Super Homem que está hoje acima até mesmo das leis biológicas ou da vontade divina. O homem distancia-se de sua dotação natural, ficando a experiência do próprio corpo desvinculada em relação ao sentido de natureza.

- Quanto aos modelos comunicacionais/interacionais, segundo Fairclough (1999), houve uma ruptura nos paradigmas antes considerados e as interações, enquanto troca de informação, necessariamente mediatizadas (através de um veículo) e midiáticas (sujeita as demandas da mídia). Os processos comunicacionais são cada vez menos dialógicos e cada vez mais virtuais.

- Na construção dos aspectos privados e da vida pública dos indivíduos a confusão se alastra, havendo uma total mistura destes dois domínios. Conforme Richard Sennett (1993), a vida pública esmaga a privada e o sentido de “íntimo” se perde. É a primazia da era dos Big Brother onde se busca a realização das demandas pessoais pela assistência da intimidade do sujeito público. É mais fácil realizar-se através da realização obtida pelas personagens das novelas do que pelo investimento na melhoria da qualidade dos próprios relacionamentos privados.

Na minha dissertação de mestrado eu já havia destacado outros autores, como Prigogine (1994) e Capra (1982), que questionaram os paradigmas da modernidade e apontaram outros modelos para se pensar os conceitos de ordem, estabilidade, equilíbrio, etc. Abaixo transcrevo uma citação desta dissertação:

Capra apontou-nos as semelhanças existentes entre as novas visões de estabilidade que Prigogine defende, e a visão pré-socrática e do taoísmo de

um Universo em permanente fluxo. Prigogine, por sua vez, revalorizará as teorias atomistas da Grécia Antiga como mais próximas da realidade atual do que as teorias científicas do século passado. (LIMA, 1997, p. 44)

Prigogine refere-se a “estabilidade dinâmica”, que acarreta uma “ordem por flutuações.” No texto de Prigogine e Stengers “A Nova Aliança” (1994), encontraremos paralelos entre os estados de não-equilíbrio e esta “ordem produzida por flutuações” advindas de “ruídos” enquanto perturbações aleatórias.

A descrição da natureza circunstante tem, portanto, pouco a ver com a descrição regular, simétrica em relação ao tempo, associada tradicionalmente ao mundo newtoniano. Nosso mundo é flutuante, ruidoso, caótico, mais próximo daquele que os atomistas gregos haviam imaginado. (PRIGOGINE., 1996, p.134)

Os estudos dos estados de equilíbrio na física do final do século passado receberam bastante destaque e influenciaram as pesquisas na biologia, economia e sociologia. As idéias de ordem e de harmonia enfatizaram-se neste momento da ciência. As escolas sociológicas passaram a se referir a comportamentos funcionais e disfuncionais, baseadas nesta visão de uma harmonia possibilitada pela ordem. A psiquiatria e psicologia também foram afetadas por estes conceitos e passaram a descrever as patologias do homem como aqueles comportamentos desajustados, que não correspondiam à uma ordem estabelecida.

Capra (1982) percebe que o trabalho de Prigogine implicou em uma bifurcação nos domínios da ciência, quebrando com antigas premissas de uma estabilidade estática e de previsibilidade no funcionamento dos mais diversos sistemas. Assim como Capra, Prigogine nota que é uma particularidade da ciência ocidental a concepção de uma natureza passiva, submetida a leis deterministas. No seu livro “O Fim Das Certezas” (1996), ele defende que no Japão e na China a “natureza” é definida como aquilo que existe por si mesmo. Prigogine

percebe as influências desta visão de não-equilíbrio também na compreensão do homem. Em sua própria definição:

A atividade humana, criativa e inovadora, não é estranha à natureza. Podemos considerá-la como uma amplificação e uma intensificação de traços já presentes no mundo físico e que a descoberta dos processos longe do equilíbrio nos ensinou a decifrar. (1996, p.74)

O economista francês Jacques Attali (1993), apontou que o novo paradigma, de ordem por ruído, apesar de ainda vago, norteará as ciências físicas e humanas do futuro - assim como as teorias do século XIX basearam-se na termodinâmica, e as teorias dos séculos XVII e XVIII na mecânica. Attali percebe que neste novo paradigma, uma ordem e uma forma só podem se manter caso possibilitem a circulação de informações que tenham sentido para todas as partes de uma determinada organização. A partir disto propõe-se a esboçar uma nova teoria social onde a ordem social só é possível quando “os modos de comunicação entre seus membros conferem uma significação coerente com as informações que trocam entre si”. (In Pessis-Pasternack, G., 1992, p.174). Os ruídos são desorganizadores da ordem vigente, mas a própria desordem é que pode gerar uma nova ordem. Sendo assim, aquilo que chamamos comumente de crise, na verdade é o estado permanente da realidade. É “na crise que se reorganiza uma nova forma social de gestão e de ordenação da violência..” (ibid., p.181).

Levando em consideração que Kuhn (1962) assumiu como característica das revoluções científicas o aparecimento de novos esquemas ou novos paradigmas conceituais para se pensar as questões referentes a esta ciência, parece que fica evidente que uma verdadeira revolução conceitual vem acontecendo nas ciências sociais, de um modo geral, e na psicologia mais especificamente. Os conceitos de ordem aplicados aos sistemas humanos foram totalmente repensados a partir do pensamento sistêmico e das contribuições de diversos autores que refletiram sobre a possibilidade de adotar modelos para se pensar o equilíbrio e a harmonia nestes. Do mesmo modo, muito se tem discutido sobre o que seria um padrão de

referência para se pensar os modos de constituição da subjetividade humana e daquilo que poderíamos definir como personalidade em psicologia. É a subjetividade uma instância fixa, uma estrutura ou uma construção absolutamente dinâmica e processual? Discutir o conceito de mudança em psicoterapia é impossível sem se questionar o que é entendido como subjetividade, personalidade e noção de sujeito. Para isto, vamos analisar no capítulo 4 como estes assuntos vem sendo vistos pelos autores da área da psicoterapia, principalmente levando em consideração aqueles que partiram de um modelo crítico fenomenológico e daqueles que partiram de um modelo crítico sistêmico. Esta opção deriva-se pelo que desenvolvemos acima. Ou seja, apresentamos duas linhas críticas e de ruptura ao pensamento causalista – a hermenêutica fenomenológica e a teoria dos sistemas.

### 3 - Pequeno histórico da Gestalt Terapia – influências teóricas e filosóficas.

A Gestalt Terapia surgiu como uma nova proposta de psicoterapia na década de 50 nos Estados Unidos. Seu criador, o ex-psicanalista alemão Frederick Salomon Perls, foi casado com Laura Perls, psicóloga com especialização em Psicologia da Gestalt na Alemanha e que enormemente contribuiu na criação desta abordagem. O casal Perls estabeleceu-se na África do Sul na década de 30, fugindo à perseguição do nazismo. Lá dirigiram uma instituição de psicanálise por mais de 15 anos. Nestes anos em retiro, Perls e sua esposa começaram a sentir-se insatisfeitos com o modelo adotado pela psicanálise, buscando outras correntes teóricas para servirem como base para um novo modelo clínico. Destes questionamentos surgiu em 1942 um livro intitulado “Ego, Hunger and Aggression”, livro este em que Perls apontava o Gestaltismo, a Teoria de Campo, a Teoria Organísmica, o Holismo e uma visão de homem fenomenológica e existencial, entre outras escolas e linhas de pensamento, como caminhos possíveis para a criação de uma nova perspectiva para se pensar o homem dentro do campo da psicologia. Algumas idéias tiradas da filosofia oriental também são apresentadas, de modo muito superficial, neste primeiro livro - livro este que foi redigido ainda como uma obra em psicanálise. Na tese de mestrado intitulada “Repensando o Campo Epistemológico da Gestalt Terapia” (1987), apresentei os principais aspectos que Perls propunha mudar na teoria da clínica psicológica da época:

- (A) Substituir os conceitos psicológicos por conceitos organísmicos
- (B) Substituir a psicologia associacionista pela psicologia gestaltista.
- (C) Aplicar o pensamento diferencial, baseado na Indiferença Criativa de S. Friedlaender. (p.14)

Perls (1969) já demonstrava preocupação em atualizar as bases epistemológicas da teoria psicanalítica, pois acreditava que esta escola ainda estivesse profundamente presa ao

pensamento causalista das ciências modernas. Neste sentido, defendia que a psicologia deveria procurar outro método científico mais adequado para compreender o fenômeno humano. Este método estaria próximo de um modo de refletir dialeticamente sobre a realidade, mas sem assumir uma vinculação direta com a dialética hegeliana. Perls acreditava que o método dialético estava presente na Teoria da Indiferença Criativa proposta pelo filósofo holandês Friedländer, pois este autor compreendia que a realidade se apresenta através de aspectos aparentemente polares, opostos. Na realidade, estes aspectos polares são advindos de uma mesma situação inicial, um ponto zero de pré-diferenciação, a partir do qual as tendências opostas do universo se manifestam. A obra deste filósofo não foi muito difundida, e por conta da pequena margem de publicação e de tradução do livro, não temos muito acesso ao seu pensamento, a não ser através do que o próprio Perls nos apresentou.

Saindo da África do Sul no final da década de 40, o casal Perls transferiu-se para os Estados Unidos. Lá reuniram-se com um grupo de profissionais e intelectuais para discutirem suas idéias relativas à criação de uma nova abordagem. Não podemos deixar de mencionar a enorme importância de Paul Goodman como um dos membros deste grupo. Sabemos que este era um intelectual de grande envergadura, um pensador importante na área da educação nos Estados Unidos. Sem dúvida, Paul Goodman foi o principal redator do primeiro livro publicado em Gestalt Terapia a partir destas conversas que vinham acontecendo entre este grupo de interessados na criação da nova abordagem (este grupo ficou desde então conhecido como o “Grupo dos Sete”). Fritz Perls tinha uma enorme dificuldade em redigir suas idéias, deste modo Paul Goodman buscou sistematizá-las dando forma ao corpo teórico da Gestalt Terapia.

É publicado na década de 50, este primeiro livro - “Gestalt Therapy – Excitement and Growth in the Human Personality” - tendo como co-autor, além de Paul Goodman, o

psicólogo e professor universitário Ralph Hefferline. Neste livro o conceito de *self*\* que é adotado, descreve-o como sendo construído na experiência que ocorre entre o organismo e o meio. O *self* é o próprio sistema de contatos. Sendo assim ele não é nem subjetivo (está no sujeito) nem objetivo (está no campo), mas sim absolutamente relacional. O papel da psicologia é, portanto, tratar da interação organismo/ambiente, pois nem o estudo do sujeito isoladamente, nem o das condições do ambiente, poderão dar uma visão realmente inteira do fenômeno humano.

Para esta abordagem em criação, a distinção entre intra-pessoal e inter-pessoal é totalmente artificial. O objetivo da psicoterapia seria o de promover uma integração do *self*, sendo a neurose encarada como um mecanismo de desintegração do mesmo. Esta desintegração seria uma consequência direta da tentativa feita pelo indivíduo de remover algum conflito experienciado na fronteira de contato com o meio. Como decorrência da inibição do conflito ocorreria uma inibição da criatividade natural do *self*. Dentro desta perspectiva o *self* é definido como um sistema complexo de contatos na fronteira organismo/meio. A fronteira não está no organismo e nem no campo, mas pertence a ambos. Citando trecho deste livro: “Não se deve pensar o *self* como uma instituição fixada: ele existe onde quer que haja de fato uma interação de fronteira, e sempre que esta existir.”(1997, p.179).

A idéia de que todos os sistemas vivos deveriam ser descritos como sistemas abertos é apresentada neste livro, pois estes vivem trocas permanentes de material com o meio externo. Estas noções já estavam na obra de Bertalanffy desde a década de 30 do século passado, conforme exposto em capítulo anterior. Compreendendo-se o ser humano como um sistema aberto, o modo adequado de pensar este sistema de trocas com o meio é através da noção de equilíbrio dinâmico, no qual há a busca da manutenção da melhor condição de

---

\* Optamos pelo uso do termo *self* em inglês, pois este é usado deste modo em várias teorias psicológicas.

funcionamento do organismo diante das possibilidades de troca com o meio. A auto-regulação, conceito adotado pela Gestalt Terapia desde seu início, é compreendida como um modo operacional inerente aos sistemas abertos submetidos ao princípio do equilíbrio dinâmico.

A busca do sentido de completude, de integridade, foi o que impulsionou a criação da Gestalt Terapia que, partindo da noção de todo (*whole*) trazida pelo gestaltismo, assumia que o somatório dos estudos isolados do sujeito (o homem) e do meio (o ambiente) não produziriam uma visão realmente holística em psicologia. Em função da enorme importância deste conceito de gestalt para a psicologia, é que Fritz Perls optou pela escolha do nome Gestalt Terapia para a nova abordagem que estava criando. A Gestalt Terapia trouxe entre suas premissas o entendimento do indivíduo enquanto um todo estruturado, uma gestalt. Nesta noção de todo (*whole*) e de holos, a abordagem gestáltica fundou-se sobre uma visão do ser humano enquanto um sistema aberto, em permanente fluxo de trocas com o meio, baseando-se em um processo de auto-regulação organísmica.

O Gestaltismo, partindo da noção de fenômeno formulada por Brentano em finais do século XVIII, propôs-se a adotar o método fenomenológico como sendo o mais adequado para a realização de pesquisas em psicologia. A impossibilidade da separação entre sujeito e objeto de pesquisa, a necessidade de considerar a influência do contexto nos fenômenos psicológicos, o entendimento de que o reducionismo gerava um conhecimento artificial, foram aspectos fundamentais para que o Gestaltismo rompesse com o pensamento isolacionista e causalista buscando adequar à pesquisa psicológica as evidentes limitações da ciência positivista moderna. O casal Perls deu grande destaque ao importante papel do Gestaltismo no cenário do pensamento psicológico da época. Ambos acreditavam que a ruptura trazida por esta escola fora fundamental para aproximar à psicologia de uma visão mais integrativa e menos deturpada do funcionamento dos processos psicológicos humanos.

O empirismo inglês do século XVII repercutiu na psicologia através do ponto de vista elementarista e associacionista que buscava embasar as pesquisas científicas psicológicas. Foi a partir do final do século XIX que o estruturalismo impõe-se contra esta visão elementarista através do conceito de estrutura criando por Ehrenfels. Husserl também discordava do pensamento elementarista e criou o conceito de fator figural para explicar como os fenômenos são captados e organizados. Partindo das evidências apontadas pelo estruturalismo de que não existem aspectos isolados na realidade e da adoção do método fenomenológico, conforme Husserl o sistematizou, os pesquisadores do Gestaltismo desenvolveram diversas pesquisas sobre percepção criando uma nova escola psicológica.

A sistematização do trabalho inicial de Wertheimer, Köhler e Koffka, a partir dos resultados de suas pesquisas, levou a elaboração de algumas leis para explicar como a percepção se organiza. Estas leis são até hoje reconhecidas pelos estudiosos da percepção e adotadas e ensinadas nas faculdades de psicologia em todo o mundo. Várias outras pesquisas foram desenvolvidas tendo como base as propostas da escola psicológica do Gestaltismo e adotando suas leis como modelo. Aqui podemos destacar as pesquisas de Kurt Lewin sobre a relação do homem e do seu meio e de Kurt Goldstein relativas aos efeitos das lesões cerebrais na estruturação da percepção. A Teoria de Campo e a Teoria Organísmica, objeto de dedicação de Lewin e Goldstein, serão de grande relevância para a Gestalt Teapia.

Neste primeiro livro de Gestalt Terapia os principais conceitos e a visão de homem implícita nos pressupostos filosóficos e teóricos são apresentados de modo a delinear a teoria desta abordagem. Alguns aspectos foram destacados neste livro, como a noção de que toda experiência é uma função da fronteira de contato que se estabelece entre o indivíduo e o campo. O conceito de fronteira de contato é fundamental para a construção das bases epistemológicas da Gestalt Terapia, estando aqui evidente a grande importância dada à Teoria de Campo pelos criadores desta abordagem psicológica, contribuição esta que será ainda

apresentada neste capítulo. Este processo de experienciar os acontecimentos no campo é chamado de *awareness*. Pela dificuldade de tradução deste vocábulo para o português, muitas vezes ele é usado no original, mesmo nas traduções brasileiras dos livros de Gestalt Terapia. O objetivo principal na prática da clínica gestáltica é a intensificação da *awareness* pelo indivíduo.

O termo organismo foi empregado originalmente devido à adoção da Teoria Organísmica do neurofisiologista Kurt Goldstein como modelo de referência teórica para a Gestalt Terapia. Kurt Goldstein era um adepto da Psicologia da Gestalt e, apoiando-se sobre a lei de figura e fundo, descrita por esta escola para explicar os processos de percepção no homem, adota esta noção da percepção como uma dinâmica na formação de figuras e fundos para buscar um modelo referencial adequado para tratar da natureza do homem. A preocupação deste teórico e pesquisador era buscar um modelo holístico que pudesse explicar as mudanças de personalidade apresentadas por pacientes que haviam sofrido lesões cerebrais permanentes. Kurt Goldstein não acreditava na possibilidade de entender estes indivíduos dentro de um ponto de vista que valorizasse apenas as mudanças no ambiente (dados sócio-culturais ou geográficos), nem apenas os aspectos meramente físicos de suas doenças (lesões cerebrais). O que ele verificara é que a personalidade total destes indivíduos mudava em função das lesões sofridas, não podendo esta mudança ser entendida apenas como meros reflexos destas lesões.

Na realidade, ao pesquisarmos a obra de Kurt Goldstein destacam-se seus questionamentos relativos à primazia do método experimental nas ciências naturais como o mais adequado para estudar os fenômenos perceptivos do ser humano. Estes questionamentos foram fundamentais para a construção da teoria da Gestalt Terapia. Grande parte das considerações feitas por Kurt Goldstein em seu livro “The Organism”, publicado na década de 50 e recentemente reeditado nos Estados Unidos graças ao esforço do neurofisiologista Oliver Sacks, são transpostas pela

Gestalt Terapia para explicar o processo de auto-regulação orgânica do homem de modo abrangente. É importante ressaltar que os seus estudos foram implementados dentro da área de pesquisas da neurofisiologia dedicada a acompanhar as mudanças que ocorriam em pessoas vítimas de seqüelas produzidas por diversos tipos de lesões cerebrais causadas por ferimentos de guerra. Kurt Goldstein deixou claro em seu livro que acreditava que estes estudos, mesmo que voltados para o entendimento dos comportamentos adaptativos de pacientes lesionados, poderiam ser de grande valia para a compreensão dos processos de funcionamento adaptativos dos indivíduos de um modo geral, não só dos ditos “doentes”. Parece que Fritz Perls realmente acreditou nesta premissa, pois percebemos, claramente, grande parte dos resultados das observações e da teorização decorrentes destas efetuadas por Kurt Goldstein, sendo literalmente transcritas e adaptadas para explicar a visão de homem global da Gestalt Terapia.

Diante do exposto acima, penso ser relevante uma re-apresentação das principais premissas apontadas por Kurt Goldstein neste seu livro inicial, onde o mesmo apresenta os esboços da teoria orgânica de sua autoria e depois reafirmados em outra obra sua da década de 60 intitulada “ La Natureza Humana a la Luz de la Psicopatologia” (1961). A teoria holística-orgânica de Kurt Goldstein, a teoria de campo de Kurt Lewin e o embasamento fenomenológico-existencial sobre o qual a Gestalt Terapia se apóia são os sustentáculos para entender o que se considera um processo de mudança nesta abordagem. Repensá-los à luz dos grandes questionamentos e modificações pelas quais a sociedade contemporânea vem passando e, similarmente, o campo das pesquisas científicas e teóricas, faz-se mister para uma maior atualização da Gestalt Terapia ao contexto atual.

Em artigo escrito pelo americano Arnold Beisser e publicado pela primeira vez em 1970 (in Fagan & Shepherd, 1970), este autor propõe-se a sistematizar uma Teoria da Mudança em Gestalt Terapia, partindo das idéias e estratégias originais concebidas por Perls para o

desenvolvimento desta abordagem. A proposta deste autor ficou conhecida como a “Teoria Paradoxal da Mudança” pois o mesmo afirma que: “ A mudança não ocorre através de uma tentativa coercitiva por parte do indivíduo ou de uma outra pessoa para mudá-lo, mas acontece se dedicarmos tempo e esforço a ser o que somos – a estarmos plenamente investidos em nossas posições correntes.” (p. 110). Dentro deste ponto de vista, realmente nos tornarmos o que somos quando deixamos de tentar ser o que não somos e passamos a nos aceitar como de fato somos. Ou seja, a mudança real acontece quando passamos a ser o que somos, desistimos de ser diferentes.

Deste modo, o papel do psicoterapeuta em Gestalt Terapia não é o de ser agente da mudança de outra pessoa, mas o de permitir que a pessoa possa ser exatamente do jeito que ela é, em cada momento. Estar em permanente mudança faz parte do ciclo natural da autorregulação orgânica, para isto é necessário que simplesmente sejamos. A postura harmônica do homem diante do fluxo da vida é a de estar aberto para as mudanças que ocorrem e não a de construir mudanças previamente determinadas de um estado para outro. O processo psicoterápico não visa à “estruturação de um caráter” mas, muito pelo contrário, acredita-se na Gestalt Terapia que a possibilidade de sermos seres em permanente mudança e “sem nenhum caráter pré-estabelecido” é o que nos faz saudáveis. Os conceitos de doença e saúde foram então totalmente reformulados a partir desta concepção sobre o papel da mudança na vida do homem.

Dentro desta concepção proposta por Beisser como a visão de mudança da Gestalt Terapia, acredita-se que “o estado natural do homem é como um ser único e total – não fragmentado em duas ou mais partes opostas. No estado natural existe mudança constante, baseada em transformação dinâmica entre o eu e o meio.” (ibid., p112). Este estado natural, diz Beisser, também é o estado natural da própria organização social. O processo de mudança social é apenas a contrapartida do modelo individual para um modelo mais macro. Diante do

momento sócio-cultural pelo qual a sociedade ocidental vinha passando, onde o fenômeno da fragmentação atingiu não só o sentido de individualidade mas também o sentido de comunidade, Beisser achava que mais do que nunca seria importante compreender os processos de mudança dentro do viés gestáltico. “Devemos encontrar os meios adequados para relacionar entre si todos esses fragmentados compartimentos, como níveis de um sistema participante e integrado de sistemas.” (ibid., p114).

Os fundamentos holísticos e organísmicos, da teoria de campo e da visão de homem fenomenológica e existencial, são explicitados por este autor como suportes para se pensar a mudança gestálticamente. Passaremos a seguir a tratar destes fundamentos de modo mais detalhado.

### **3.1 - A teoria organísmico-holística como parâmetro para a construção de uma teoria da personalidade humana.**

#### 3.1.1 – A teoria organísmica de Kurt Goldstein.

O livro “The Organism” (2000) tem como subtítulo no seu original a seguinte frase – “A Holistic Approach to Biology Derived from Pathological Data in Man”. De saída já podemos fazer dois comentários sobre este subtítulo – a evidente preocupação do autor em buscar uma abordagem holística na biologia e a direta conexão com suas pesquisas na área das patologias neurofisiológicas. Creio que este comentário seja extremamente pertinente, pois precisa-se deixar claro que Kurt Goldstein não pretendia dedicar-se ao estudo do comportamento humano do ponto de vista psicológico e sim biológico, mesmo que holisticamente compreendendo não ser possível isolar estas áreas de estudo. Além disso, Kurt Goldstein também não pretendeu criar leis ou premissas que pudessem ser aplicadas de modo amplo aos

modelos normais de comportamento humano. Seu modelo, mesmo que inovador e crítico em relação ao método preponderante de estudo nas pesquisas naturais, é ainda um modelo biológico, e voltado para o estudo de fenômenos patológicos.

Esta marca se fez presente na Gestalt Terapia. É uma contradição adotar a visão filosófica fenomenológica e existencial juntamente com uma linguagem fisicalista de funcionamento organísmico biologicamente embasado. Mesmo assim, a riqueza da teoria organísmica presente na obra de Kurt Goldstein foi enriquecedora e fundamental para a visão de homem, ainda não muito mudada, na teoria da abordagem gestáltica.

No prefácio do livro “The Organism” (2000) já fica clara a intenção do autor em propor um novo método para o estudo dos seres vivos, principalmente o homem. Este método, chamado de holístico, propunha-se a entender o organismo como um todo e não como a soma de partes isoladas. Pelo método holístico, nenhuma experiência deve ser excluída ao estudar os seres vivos - toda e qualquer forma de experiência é válida para o entendimento global do funcionamento deste ser. Quanto à visão de ser humano da teoria holística de Kurt Goldstein, este defendia que o sentido de “ser” só é possível através da experiência conjunta de existência com os outros e no mundo. Esta visão fenomenalista trazida pela teoria organísmica de Kurt Goldstein é bastante próxima ao descrito também por Kurt Lewin na sua Teoria de Campo, que discutiremos a seguir, e é uma das premissas da abordagem gestáltica.

Na introdução do livro, uma idéia fundamental é apresentada – a da impossibilidade de se reduzir o entendimento dos comportamentos humanos, mesmo àqueles aparentemente mais simples, sendo necessário um olhar complexo para uma correta avaliação. Kurt Goldstein fazia um alerta de que procedimentos de estudo reducionistas ou isolacionistas não permitiriam alcançar-se a “essência” (a natureza intrínseca) do homem. Nesta obra a palavra essência aparece várias vezes, deste modo, entre aspas e seguida pela expressão natureza intrínseca. É importante, neste momento, lembrarmos a discussão já apresentada

anteriormente sobre os perigos e desusos da visão essencialista de homem na atualidade. Talvez fique evidente que esta visão essencialista na Gestalt Terapia esteja presa à importação dos conceitos da teoria organísmica de Kurt Goldstein sem uma maior elaboração dos mesmos em se tratando de uma teoria psicológica.

Quanto à noção de sintoma, a Gestalt Terapia tinha o claro objetivo de construir uma conceituação bastante diversa das teorias psicopatológicas preponderantes no momento de sua criação. Kurt Goldstein já defendia que os sintomas deveriam ser encarados como tentativas de adaptação do organismo, como respostas deste buscando equilibrar-se entre as demandas do meio e as necessidades prioritárias para o funcionamento do organismo. Um mesmo distúrbio pode ser a base de sintomas bastante distintos em indivíduos diferentes ou em momentos de vida diversos de um mesmo indivíduo. Não há uma regra clara e simples para descrever sintomas esperados a partir de um distúrbio diagnosticado. A ressalva que Kurt Goldstein faz é de que, de um modo geral, quando o organismo é confrontado a executar uma tarefa que, por qualquer razão, não está habilitado para, ele apresentará um comportamento desordenado diante da situação. Goldstein destacava que estas situações de ser provocado a realizar algo que não tem condições de fazer geravam, o que podemos chamar, de grande ansiedade no organismo e que os comportamentos desordenados resultantes são comportamentos desarmônicos, tanto do ponto de vista do organismo, quanto do meio ambiente. No homem isto levava ao fenômeno descrito por Goldstein, principalmente nos casos de indivíduos lesionados cerebralmente, onde o sujeito evitava, de todos os modos possíveis se expor às situações onde fosse necessária a execução de ações para as quais não estivesse apto. Goldstein apontava como uma consequência, do descrito acima, uma tendência destes pacientes a buscar comportamentos padronizados de ordem, uma tendência a evitar experiências que pudessem gerar qualquer sensação de vazio, de desordenação. Fritz Perls amplia esta noção para descrever comportamentos presentes nos mecanismos neuróticos, onde

esta evitação da novidade, de situações geradoras de sensação de vazio, também se faz notar como uma tentativa neurótica de padronização de modos de atuação já conhecidos.

Pensando no tema da mudança, que é o nosso objetivo nesta pesquisa, fica evidente que a teoria da Gestalt Terapia vai compartilhar com a teoria organísmica de Kurt Goldstein a idéia de que tentativa de repetição de padrões de comportamentos já conhecidos, a não mudança e não exposição a situações novas, é uma tentativa dos indivíduos de não lidar com a ansiedade gerada pelo inesperado. Este mecanismo justifica-se, no caso de lesões de ordem neurológica, como um mecanismo adaptativo onde o indivíduo busca não se expor a situações que lhe demandem respostas que não está apto a manifestar. Já nos ditos casos de “normalidade”, esta repetição de padrões já conhecidos de comportamento diz respeito à tentativa de evitação da ansiedade gerada pela experiência do vazio, da novidade. Quando há uma cristalização deste padrão, a teoria da personalidade da Gestalt Terapia vai entendê-la como um padrão neurótico de comportamento, padrão este que vai levando ao empobrecimento das experiências do sujeito a um repertório repetitivo e limitado de comportamentos que não propiciam a mudança. Conforme citação de Kurt Goldstein: “O meio-ambiente de um organismo não é absolutamente algo definido e estático, pelo contrário, está em metamorfose contínua comensurável com o desenvolvimento do organismo e sua atividade”\* (p.50).

Goldstein já trazia o pensamento sistêmico para constituir as bases da teoria organísmica. Dentro desta visão, o organismo é compreendido em si como um sistema, que funciona como uma unidade, na qual qualquer estímulo que a atinja em qualquer um dos seus subsistemas necessariamente promoverá mudanças na unidade total. Os padrões de resposta

---

\* A tradução das citações é de minha autoria. No Anexo I encontram-se as citações originais.

(performances)\* desta unidade são guiados por um objetivo único – a busca de equilíbrio do sistema global. Kurt Goldstein já dizia que este modo de funcionamento se dava de forma semelhante à lei de figura-fundo da Psicologia da Gestalt. Fritz Perls irá ainda mais longe, estendendo a lei de figura-fundo para todas as áreas de funcionamento do homem. Sendo assim, a emergência de tarefas, desafios, ou ações necessárias ao bom funcionamento do organismo surgem como figuras que se destacam como prioridades para o indivíduo. Estes desafios conforme Goldstein, Perls chamará meramente de necessidades. Goldstein dizia que estas eram definidas pela “essência” (dotação natural) do organismo. As mesmas são atualizadas diante das mudanças trazidas pela relação com o meio circundante, que está interagindo permanentemente com o organismo total. O equilíbrio acontece quando o organismo consegue se atualizar através de suas performances, lidando simultaneamente com as demandas do meio.

Goldstein definia a auto-regulação orgâsmica como uma forma do organismo de interagir com o mundo, segundo a qual o organismo pode se atualizar, respeitando a sua natureza, do melhor modo possível. Este lidar com o meio pode se dar tanto através de reações de aceitação e adaptação a este, quanto também através de ações de rejeição e fuga do mesmo. Quando a continuidade do sistema é ameaçada pelo contato com o meio, a retirada do contato é uma tentativa de adaptação do organismo. Esta noção de fuga, de resistência, como respostas também de equilibração, é claramente levada para o campo conceitual da Gestalt Terapia.

Goldstein trouxe importantes contribuições para as teorias dos instintos e dos reflexos. Ele destacou que os reflexos também deveriam ser estudados e explicados dentro de uma visão

---

\* Goldstein definia performances como as ações concretas pelas quais o organismo se auto-atualiza.

holística – que assim como qualquer outra reação do organismo deveriam ser entendidos como uma resposta do organismo de modo global. Ele mostrou que um reflexo não sofria modificações relativas apenas ao estado geral do organismo, premissa esta já aceita na teoria dos reflexos vigentes, mas sim que desde o início as reações do organismo estão condicionadas pelo campo muito mais além do que o do arco-reflexo. Goldstein opunha-se, radicalmente, à visão que defendia que as performances do organismo seriam uma mera composição de reflexos. Até mesmo as ações instintivas também só poderiam ser compreendidas do ponto de vista holístico, ou seja, como referentes ao organismo como um todo e de acordo com as diversidades de cada situação.

Goldstein não descartava a importância da formação de reflexos condicionados para o processo educativo da criança. Ele defendia que alguns hábitos (citando especificamente a formação de hábitos relativos ao toilete) eram adquiridos através da formação de reflexos condicionados. No entanto, com o amadurecimento desta criança, haveria uma integração destes hábitos com uma reflexão (insight) sobre estes, levando a execução de comportamentos intencionais. A maturação dotaria então o organismo da capacidade de lidar, de modo satisfatório, com situações novas. Sendo assim, quanto mais madura a criança menos ela apresentará comportamentos governados por instintos.

A lei que governaria o funcionamento dos organismos era, para Goldstein, a da tendência para atualizar-se. Segundo suas palavras:

Pode-se dizer que um organismo é conduzido pela tendência a se atualizar, dentro do possível, suas capacidades, sua “natureza” no mundo. Esta natureza é o que denominamos constituição psicossomática,... Esta tendência a realizar sua natureza, a atualizar-se, é sua força-motriz, a única força pela qual a vida do organismo é determinada. (op.cit.,p. 162)

Podemos dizer que a Gestalt Terapia foi construída sobre esta crença, de que a lei que governa o funcionamento do ser humano é a da busca da auto-atualização, salvo condições de extrema anormalidade. Fritz Perls iria defender, na teoria da abordagem gestáltica, que os

indivíduos se auto-atualizariam dando prioridade para a execução de ações que visassem a satisfação das necessidades emergentes. Sendo alguma necessidade satisfeita, esta deixaria de ser figural e outra necessidade emergeria. As complicações surgiriam, neste processo de auto-atualização, quando não houvesse a possibilidade de satisfação de uma necessidade básica. Se um indivíduo é forçado a conviver com uma situação de restrição por muito tempo, o seu modo de funcionamento é afetado e este passa a se comportar de um outro modo não harmônico. Portanto o funcionamento não harmônico é o resultado de situações de limite, onde se forma um padrão de adaptação emergencial.

Goldstein questionou o pensamento vigente que pregava que o objetivo primeiro dos *drives*\* (impulsos) seria o de descarregar o organismo de algum excesso de tensão. Na realidade, Goldstein acreditava que esta tendência à descarga de tensão como a prioridade do organismo é uma expressão de desarranjo, de mau funcionamento do mesmo. Goldstein já tinha dito que a noção de *drives* (impulsos) deveria ser substituída pela idéia de que o organismo é dotado de potencialidades que são capacidades da natureza do organismo de lidar com o meio de modo a estar sempre buscando a auto-atualização. Goldstein considerou as potencialidades como capacidades naturais do organismo, e afirmou que as mesmas não são guiadas pela consciência (apesar de ser influenciadas por esta), pois mesmo em pacientes que apresentavam distúrbios da consciência haviam mecanismos de auto-regulação orgânica presentes. Goldstein dizia que as potencialidades também não são biologicamente determinadas, mas sim só podem ser entendidas de modo holístico. Uma destas potencialidades apresenta-se como uma tendência do indivíduo de completar ações incompletas, ou seja, em finalizar situações inacabadas. Na Gestalt Terapia diz-se que uma necessidade impossível de ser satisfeita leva à formação de uma situação inacabada, de uma

---

\* Mantemos o termo *drive* em inglês pelo seu uso corrente no vocabulário psicológico.

gestalt aberta, e que a busca do indivíduo é completar suas situações inacabadas levando ao fechamento de gestalten.

Então, compreendendo o processo de busca de auto-atualização como um processo holisticamente natural do organismo como uma potencialidade intrínseca do ser humano, Goldstein afirmava que quando o indivíduo apresentava respostas antagônicas ou desarmônicas em relação a este princípio é por que este estava submetido a condições inadequadas de funcionamento.

Neste sentido, Goldstein deu grande destaque ao papel da ansiedade como um dos grandes desestabilizadores do funcionamento harmônico do indivíduo. Dizia que, no caso da ansiedade, as variações das respostas desarmônicas poderiam ser entendidas pelo grau de severidade da experiência de perigo ou de dano ao qual o indivíduo estava sendo submetido. A ansiedade é uma experiência de ordem essencialmente subjetiva, mas que interfere, holisticamente, no todo da experiência do indivíduo (física, motora, psicológica, intelectual, etc.).

Uma discussão muito importante que Goldstein trouxe para o seu livro inicial, foi a distinção entre o fenômeno da ansiedade e do medo. Segundo este autor, esta discussão já se fazia bastante presente na obra de vários filósofos, destacando o pensamento fenomenológico/existencial representado por Kierkegaard e Heidegger, os quais consideravam que o fenômeno do medo dizia respeito ao medo de alguma coisa ou situação específica, já a ansiedade não se relacionava com nenhum objeto específico. Goldstein percebia grandes semelhanças nas manifestações da ansiedade nos indivíduos normais com as respostas catastróficas apresentadas por pacientes portadores de lesões cerebrais quando confrontados com tarefas que não tinham condições de resolver. Goldstein dizia que, na realidade, não é correto afirmar que uma pessoa tem um sentimento de ansiedade, mas sim que esta pessoa é a personificação do estado ansioso em um dado momento. Ou seja, assim como as respostas

catastróficas dos pacientes lesionados, o fenômeno da ansiedade diz respeito à experiência vivida por uma pessoa quando ela se defronta com sua impossibilidade de reagir diante de demandas do meio. Para se compreender o fenômeno da ansiedade é primordial compreender também o meio específico desta situação.

O movimento do sujeito em situações de medo é se livrar daquilo que lhe causa o medo, podendo este medo se tornar ansiedade quando a pessoa se encontra impossibilitada de fazer isto. No entanto, na experiência da ansiedade o movimento do indivíduo é o de evitar a situação, de escapar da mesma. Na teoria da Gestalt Terapia a experiência da ansiedade é considerada como uma constante na personalidade do neurótico, como um dos traços mais marcantes e presentes. A ansiedade gera imobilidade, uma postura de evitação das situações e de mau funcionamento do mecanismo holístico natural da auto-regulação orgânica. Voltando ao tema da mudança, a Gestalt Terapia irá considerar que a ansiedade é uma experiência que gera paralisação e a quebra do fluxo natural de funcionamento do sujeito. Aqui fica evidente que quando Fritz Perls se referia ao papel da fluidez, da mudança permanente na vida do ser humano, ele não estava falando de algo interior, uma essência, que se modificava, mas sim de um mecanismo natural de funcionamento baseado nas necessidades de permanentes modificações nas ações do sujeito diante do seu intercâmbio com o meio circundante. Não é o sujeito que se modifica, mas sim o sistema total que envolve a pessoa e o meio ambiente.

Goldstein compreendia que no funcionamento do indivíduo normal, poderíamos verificar dois movimentos distintos na sua interação com o meio – um que busca evitar a experiência da ansiedade através da criação de padrões de conduta e de mecanismos estereotipados para lidar com as situações, e outro, igualmente importante, que leva o indivíduo a buscar novas experiências através da expansão de suas possibilidades de ação e de reflexão. Neste sentido, Goldstein deu grande importância ao papel da criatividade como um dos potenciais naturais

do ser humano que lhe possibilitam se auto-regular. Ou seja, evitação de ansiedade e busca da novidade, da mudança, que são movimentos igualmente importantes para o processo de auto-regulação do sujeito. Na obra de Fritz Perls ele destaca a importância do homem em saber lidar com as frustrações e não só com as satisfações obtidas na relação com o meio. Fica evidente que aquilo que Perls denominava frustração tinha uma direta relação com a possibilidade do sujeito suportar um certo grau de ansiedade em nome de experimentar respostas criativas e novas para o desenvolvimento.

Goldstein acreditava que nos bebês havia uma primazia de comportamentos baseados em reflexos condicionados. Durante o processo de desenvolvimento da criança, começaria a se travar uma luta entre as demandas do meio e as necessidades da mesma, sendo esta batalha fundamental para ela começar a ensaiar novos modos de funcionamento, tornando-se mais capaz de lidar com as demandas do meio de um modo satisfatório. Este processo não acontece precisamente de forma consciente. A maturidade se expressa quando a criança vai substituindo ações que se dão de modo não consciente por um número maior de ações que foram iniciadas de modo consciente, através de um processo de elaboração mais acurado da realidade.

Goldstein descrevia três padrões diferentes do comportamento do indivíduo – o que ele nomeava performance estaria relacionado ao comportamento consciente, as atitudes que estariam ligadas aos estados internos nos quais ele incluía os sentimentos, humores e afetos e os processos fisiológicos que se relacionariam aos eventos somáticos. A estes três aspectos do comportamento corresponderiam os conceitos tão conhecidos de mente, alma e corpo. Goldstein destacava que era fundamental entender que esta distinção é artificial, é um artifício para se compreender aspectos isolados do comportamento total do indivíduo. Algumas vezes estes modos do comportamento poderiam aparecer como entidades de fato isoladas, mas seria um fenômeno compreensível pela lei de figura-fundo, a qual possibilitaria explicar que haja,

temporariamente, um destaque para um dos campos da experiência, mas estando os outros aspectos do comportamento compondo o fundo da realidade global do homem. Sendo assim, o pensamento só pode se dar de modo conjunto com uma experiência emocional em um ser que experimenta um estado de corporeidade. Esta visão de Kurt Goldstein trouxe uma nova possibilidade para o entendimento do dito inconsciente – aquilo que não está presente na consciência em um determinado momento compõe um fundo também constituinte do todo do ser global. Esta noção de consciente e inconsciente como possibilidades intercambiáveis do comportamento do homem se manifestar também foi adotada pela teoria da Gestalt Terapia.

O que Kurt Goldstein descreveu como o processo de desenvolvimento anormal na criança, Fritz Perls iria nomear como a formação da neurose no homem. Esta acontece quando os impedimentos que atuam no relacionamento da criança com o meio são tão drásticos que impossibilitam a criança de lidar com seu mecanismo de busca de satisfação de necessidades. Na criança o mecanismo de auto-regulação ainda não está plenamente desenvolvido, facilitando com que ela desenvolva comportamentos desarmônicos diante dos impedimentos do meio. Este padrão de funcionamento baseado em comportamentos desarmônicos também é uma das características do modo do funcionamento neurótico que Fritz Perls descreveu na teoria da personalidade da Gestalt Terapia.

A teoria organísmica de Kurt Goldstein já trazia algumas críticas ao pensamento psicossomático da época. Este autor não acreditava na possibilidade de descrever processos mentais como interferindo no corpo físico, ou vice-versa. Temos que levar em consideração o funcionamento do organismo como um todo integrado. Podemos até considerar que o organismo é composto por partes (membros, órgãos, etc.), mas o comportamento só pode ser visto como um modo de representação deste organismo total.

Goldstein não negava o fato de que os indivíduos que formem determinados padrões de conduta apresentem a preferência por manifestar respostas repetitivas em determinadas

circunstâncias, mas a cristalização excessiva de um indivíduo em um repertório limitado de respostas é um modo desviante do seu funcionamento saudável, o que Fritz Perls também considerou como um mecanismo neurótico. Sendo assim, Goldstein percebeu que era possível descrever tipos de pessoas por seus comportamentos preferenciais. Estes são entendidos como formados a partir da performance total da pessoa buscando maior conforto e naturalidade nas suas ações. Goldstein destacava que, para se entender a razão de um comportamento preferencial ter se tornado preferencial, precisava-se levar em consideração a situação total em que este se formou. Além disto, quando há uma modificação em algum outro campo do organismo, há também uma modificação no modo desta atitude preferencial se manifestar. Podemos compreender os comportamentos preferenciais como comportamentos que visam atingir uma auto-organização do sistema (organismo), uma “boa” gestalt. No entanto, o que pode ser considerado uma “boa” gestalt em um momento determinado, pode deixar de ser diante de alguma modificação do campo que interfira no organismo. Isto quer dizer que conceitos como o de estabilidade e adequação orgânica são muito relativos e sempre dependentes das condições momentâneas do sistema.

Diante do que foi argumentado acima, fica evidente que, para a teoria orgânica de Kurt Goldstein, o que se considera como equilíbrio em um sistema é sempre visto de modo dinâmico. Goldstein dizia, em se considerando a personalidade humana enquanto um sistema em equilíbrio dinâmico, que : “Quanto mais centrada e integrada é a personalidade, mais definidas e estáveis são estas ‘Gestalten’”. (2000, p.291). As leis da pregnância e da busca de fechamento estudadas pelo gestaltismo são consideradas por Goldstein para compreender esta tendência do organismo pela “boa” gestalt.

A teoria orgânica de Kurt Goldstein também se propunha a ser inovadora pela rejeição ao modelo do paralelismo psico-físico, até então bastante defendido nas ciências. Esta negação do modelo do paralelismo psico-físico foi um dos pontos sobre o qual se edificou a

teoria da Gestalt terapia, inclusive no que tangem as críticas de Perls à psicanálise. Dentro desta perspectiva da teoria organísmica, a distinção entre mente e corpo é tão inadequada quanto visão separatista de organismo e meio. Goldstein já defendia que a auto-regulação organísmica se dá enquanto um processo interacional, permanente, onde há uma mútua influência entre os sistemas envolvidos.

Partindo do campo conceitual do gestaltismo, a premissa de que os sistemas deveriam ser compreendidos dentro de uma visão topográfica foi adotada por Kurt Goldstein, assim como por Kurt Lewin, conforme ainda será discutido neste capítulo. No conceito de auto-atualização de Goldstein, ele considerava a noção de equilíbrio dinâmico topográfica do gestaltismo enquanto um processo de busca de equalização, por parte do organismo, entre tensão e relaxamento. As forças que atuam sobre o organismo não podem ser consideradas enquanto forças internas ou externas, mas sim como forças sempre contextualizadas no campo interacional. Goldstein destacou que a complexidade do comportamento humano está no fato de que este é, ao mesmo tempo que holisticamente guiado, também apto a exercer uma ação voluntária pela capacidade de abstração do homem. Este modo de funcionamento do homem, dado o seu poder da abstração, lhe dá a possibilidade de assumir respostas isoladas, dependendo de circunstâncias específicas.

Uma das grandes críticas feitas ao modelo organísmico é a de que estaria comprometido com uma visão mecanicista. Este destaque que Goldstein dá à singularidade do modo de funcionamento auto-regulativo no homem, é uma das formas de se resguardar deste modelo mecanicista, dotando o ser humano de uma autonomia maior em relação aos seus processos de busca de auto-organização diante de sua capacidade de abstrair. A capacidade de abstração e de simbolização são duas características marcantes para o entendimento dos processos auto-regulativos no homem. Goldstein dizia que os símbolos também possuem as características

de uma gestalt. Pelo pensamento holístico, os símbolos no homem são entendidos como relacionados a todos os aspectos do sistema e não meras representações mentais.

A obra de Kurt Goldstein foi também extremamente rica nos questionamentos que trouxe sobre os conceitos de normalidade, saúde, doença, anomalias, etc. Dentre seu campo de pesquisas, Goldstein trouxe propostas bastante relevantes sobre outras formas de se considerar estes conceitos que não as até então utilizadas pelo pensamento atomista/causalista, mas sim coerentes com o pensamento holístico. Vários estudos na área biológica entenderam a normalidade como um padrão de apresentação de comportamentos constante, que fosse estatisticamente coerente com aquilo que se adequasse ao modo de funcionamento da espécie humana de forma geral. Goldstein colocou em discussão o fato de que o pensamento estatístico não poderia tratar da individualidade de cada pessoa considerada. Para se expandir este questionamento sobre o que seria normalidade, seria necessário ter em conta outra discussão – como se definir anormalidade ou doença. Goldstein partiu do ponto de vista de Karl Jasper que defendia que a doença é muito mais um conceito de valor atrelado ao julgamento sócio-cultural que propriamente um julgamento médico. Goldstein concorda com esta perspectiva e defende que, holisticamente pensando, é muito mais importante se tratar do fenômeno do que é estar doente do que da doença propriamente dita. Goldstein considerava que um padrão de normalidade deve levar em consideração o indivíduo, por si próprio, como sua medida. Então, dentro deste critério holístico-organísmico, o que seria pertinente para se considerar que alguém está doente? Goldstein apontou: “As mudanças objetivas verificáveis dos sinais particulares, do pulso, temperatura, e outros, são, para o médico, praticamente apenas a confirmação da correção da sua pressuposição. E de modo similar percebe o paciente a doença primariamente como uma alteração de sua atitude frente ao meio-ambiente, como a incerteza e ansiedade – manifestações subjetivas de condições catastróficas.” (op. cit., p.328).

Para se entender a doença é necessário partir de uma concepção da natureza daquele indivíduo. A doença é vista como um distúrbio no processo vital do homem (auto-regulação orgânica) diante de uma situação que o coloca em risco. Qualquer forma de perigo ao qual um sujeito é submetido, sempre alterará o seu modo de funcionamento e sua maneira de lidar com seus potenciais naturais auto-regulativos. Goldstein considerava como perigo, risco, ou ameaça, tanto aquilo que diz respeito aos distúrbios objetivos, quanto às experiências subjetivas. Para que haja uma reabilitação deste estar doente é imprescindível que um novo modo de funcionamento individual surja, permitindo uma adequação às restrições experimentadas. Assim sendo, o bem estar se apresenta como um novo modo harmônico de funcionamento, dado que o modo anterior já não seria mais viável. Deste modo, podemos pensar que a mudança surge como uma habilidade do indivíduo de restaurar seu bem estar. Apenas em condições patológicas a tendência em se preservar um estado inalterado de comportamento se manifesta. É importante ressaltar que quando Goldstein fala da mudança no organismo, ele considera que qualquer mudança nesta unidade é consoante com uma mudança que também ocorre no meio. A necessidade de um olhar individual sobre as alterações apresentadas por uma pessoa doente não significa a defesa de um olhar individualista, pois este sujeito é um ser social que manifesta uma doença não desvinculada de sua experiência global.

Uma das principais diferenças que Goldstein apontava entre o funcionamento de um organismo biologicamente comprometido e de outro normal surgia quanto ao papel da liberdade e da responsabilidade. A liberdade do homem o liberta, em grande parte, do jugo das forças naturais e dota-lhe de outros poderes que Goldstein descreveu como sendo da esfera da espiritualidade. Goldstein destacava que a individualidade sempre está relacionada com a vida social e a responsabilidade é, ao mesmo tempo, influenciada por esta relação.

Qualquer anomalia apresentada pelo indivíduo também só pode ser compreendida sob estes dois pontos de vista – o biológico e o social.

A teoria holística adotada por Kurt Goldstein opunha-se às concepções antagônicas entre natureza e mente. Segundo Goldstein, a vida natural e a mente não podem ser entendidas enquanto entidades separadas, mas a mente é, na realidade, uma transformação alcançada pela vida quando esta passa da esfera meramente organísmica para a esfera das idealizações, das formações simbólicas. Sem dúvida, a mente dota o homem de uma qualidade especial que é a de ter consciência das sensações e dos perigos aos quais é submetido, podendo planejar ações de forma objetiva diante desta realidade. O ser humano é um todo, no qual tanto a mente (consciência, intelecto) quanto as atitudes (sentimentos e ações), e também os processos somáticos do corpo físico, o compõe. No entanto, não seria correto considerar que a diferença entre os homens e os animais é possível de ser avaliada em termos de graus distintos de importância de suas funções. Existe uma similaridade na organização de qualquer forma de estrutura holística, e o homem não pode ser compreendido como uma criatura a qual algo (a mente) foi adicionado além dos animais. Do mesmo modo, é impossível traçar-se uma hierarquia dos órgãos ou sistemas de órgãos que teriam maior importância para o funcionamento do organismo como um todo. Pensar holisticamente é pensar em configurações totais, nos quais, momentaneamente, uma função do sistema pode se tornar figural em virtude de algum acontecimento. Mais adiante discutiremos o pensamento holístico conforme elaborado por Jan Smuts, outro autor de grande influência nas bases teóricas da Gestalt Terapia.

O ser humano, na teoria organísmica, é visto enquanto um sistema que no seu funcionamento procura equilibrar-se, auto-centrar-se. Nesta busca de equilíbrio podem se evidenciar alguns padrões de comportamento. Apesar de Goldstein considerar estes modos distintos de funcionamento, ele destacava que o sentido de inteireza, a busca de equilíbrio,

nunca poderiam ser perdidos sem que isto resultasse em uma deficiência no processo de centramento da configuração total do organismo. Aqui Goldstein acreditava que fosse viável descrever uma hierarquia em termos de graus distintos de sanidade – nos níveis mais baixos desta hierarquia há uma privação da liberdade do indivíduo e uma perda do sentido de uma personalidade individual. Isto implica em um menor grau do sentido de integração e de firmeza na experiência subjetiva, reduzindo a possibilidade de versatilidade de atitudes para um modo de funcionamento mais passivo e restrito. Estes aspectos da teoria organísmica de Kurt Goldstein também foram aproveitados por Fritz Perls na sua construção de uma possível teoria da personalidade naquilo que este autor descreveu a respeito do funcionamento dos mecanismos neuróticos. Perls também destacou a possibilidade de descrever alguns padrões de comportamento mais freqüentes em alguns indivíduos do que em outros, apresentando-se como estilos diferentes de funcionamento no mundo. Estes estilos, por si só, não poderiam ser vistos como mais ou menos doentios. Mas o grau de aprisionamento em um único estilo é que poderia ser considerado um modo não adequado, não equilibrado, de funcionamento.

Goldstein defendeu que no processo de desenvolvimento do homem, existem duas forças atuantes e igualmente importantes. Uma destas é constituída pelos potenciais inatos que o organismo traz da sua natureza, a outra pelas demandas da civilização as quais ele é exposto durante este processo. As medidas educativas e pedagógicas adequadas seriam aquelas que contemplariam estas duas forças atuantes no homem – a biológica e a social. Neste sentido, Goldstein acreditava que o indivíduo e mundo realizam-se a si mesmos simultaneamente, e o crescimento ou evolução se dá partindo-se da esfera daquilo que é potencial para aquilo que se torna real através de um processo transformacional constante. Aqui também fica evidente a influência desta concepção na obra de Perls quando este deu destaque à importância da liberdade do homem para o desenvolvimento dos seus potenciais inatos, mas também da frustração por parte dos outros como uma consequência natural do intercâmbio deste

indivíduo com o meio social. Gostaria de terminar esta exposição sobre a influência da obra de Kurt Goldstein para a criação de uma teoria da personalidade em Gestalt Terapia citando o próprio Goldstein:

A realização é determinada pela organização estrutural mais do que pela capacidade em tolerar ou suplantar catástrofes... A maneira pela qual um organismo lida com um defeito é sempre característica da sua própria natureza individual. Isto o revela não apenas pela qualidade de sua performance – o que é, de competência e diferenciação do seu mundo – mas igualmente com quanto mais força ele resiste a cada choque sem quebrar o organismo. (Op. cit, p. 391)

No próximo capítulo apresentaremos quais as novas propostas teóricas entre os autores da atualidade em Gestalt Terapia de um real aproveitamento da teoria orgânica de Kurt Goldstein para se traçar uma teoria da personalidade e de entendimento dos processos saudáveis ou não do ser humano.

### 3.1.2 – O Holismo em Jan Smuts.

Sabemos que a obra de Jan Smuts “Holism and Evolution”, publicada pela primeira vez em 1925, foi de enorme influência na vida de Fritz Perls e na construção das bases filosóficas da Gestalt Terapia. Além disso, Fritz Perls e Laura tiveram a oportunidade de ter uma convivência relativamente próxima a Smuts, pois o mesmo ocupou posições diplomáticas na época em que o casal morou na África do Sul.

Optamos neste item por tratar deste assunto como ele é apresentado diretamente no livro do próprio Smuts, dada ter sido esta a referência de Perls. Este livro é escrito por Smuts com o intuito de servir como um guia introdutório, tanto para a filosofia quanto para a ciência, ao pensamento holístico. Smuts apresenta no prefácio do livro o seu objetivo em sistematizar mais tarde a doutrina holística em outra obra. No entanto, não sabemos se de fato houve outra publicação posterior. Mas não tivemos preocupação em pesquisar mais sobre outras

publicações do autor pois sabemos que foi este primeiro livro a grande inspiração filosófica de Perls ao tema do Holismo.

Smuts abre o livro dizendo que, na sua opinião, o progresso na ciência e na filosofia só seria possível a partir do momento que acontecesse uma interlocução maior entre ambas. Deste modo, diz que seu livro não poderia ser classificado nem como uma obra de filosofia, nem como uma obra científica, mas sim como uma obra cuja intenção seria promover uma aproximação entre ciência e filosofia.

O autor define o Holismo como uma tendência sintética do universo em evoluir através da formação de todos (*wholes*). A evolução não é nada além do que o desenvolvimento gradual em todos compostos por séries progressivas. Esta formação de todos se dá desde a estratificação dos princípios inorgânicos até o nível da criação espiritual. Smuts destaca que formação da personalidade seria então mais um caso representativo desta tendência da natureza em evoluir na direção da composição de todos.

Neste livro, Smuts faz uma séria crítica ao modelo científico que dominou o século XIX. Diz que o conceito de causalidade das ciências modernas era estreito e inflexível. Este ponto de vista continuava persistindo na ciência através do modelo da Seleção Natural, vista como um mero mecanismo. Para contrapor-se a este modelo, Smuts propunha a adoção da Teoria de Campo como a mais adequada. Acreditava que só através do conceito de campo a visão da natureza pudesse ser restituída de seu caráter fluído e maleável. A limitação dos conceitos mecanicistas teve a função de simplificar os problemas das ciências e do pensamento da época, mas se não houvesse uma reconsideração desta visão a ciência continuaria tratando dos processos da natureza dentro de uma ótica reducionista e superficial. Uma das maiores rupturas promovida pela ciência moderna foi pela separação rigorosa entre os assuntos relativos ao campo da matéria, da mente e da vida.

Smuts acreditava que uma verdadeira revolução no pensamento estaria ocorrendo, desde meados do séc. XIX, no que diz respeito à visão do homem relativa à natureza. No entanto, este autor considerava que no momento em que estava escrevendo seu livro, os efeitos desta revolução ainda não pudessem ser plenamente avaliados, pois a mesma ainda estava em processo. A idéia da fixidez nos elementos inorgânicos e da fixidez nas espécies orgânicas fora abandonada por um ponto de vista mais fluído, contrário à tentativa de estabelecimento de padrões fixos de análise.

Ele destacava a importância da Teoria da Relatividade Geral de Einstein como um dos grandes marcos nesta revolução de pensamento. O germe da idéia da Relatividade estava na noção de que o movimento de um corpo nunca é absoluto, mas sempre relativo a outros corpos de referência. Como consequência desta ruptura conceitual evidenciou-se o fato de que espaço e tempo separados são meras abstrações e que em qualquer tipo de movimento a ação de ambos é inseparável. Isto, por si só, alterava toda a concepção de universo até então aceita. A Teoria da Relatividade trazia uma importante contribuição para se redefinir os critérios de objetividade e subjetividade nas experiências. O espaço e o tempo não podem ser compreendidos como meramente condições subjetivas das experiências, nem como simplesmente dados pelos elementos objetivos das experiências – são sempre a resultante de fatores objetivos e subjetivos que operam conjuntamente no campo da experiência total.

As novas contribuições da física também vinham alterando os estudos relativos à estrutura química do átomo mostrando que estas também não seriam estáticas, mas sim dinâmicas, levando-se em conta o “continuum” espaço-tempo. A consequência deste ponto de vista dinâmico foi o entendimento de que a matéria não seria nada além do que uma forma de energia em ação. A matéria passa a ser vista como uma estrutura de energia concentrada que assume aspectos diferentes, que são os estados líquido, sólido e gasoso. A noção de matéria como algo morto, passivo e inerte é abandonada em nome desta nova visão de concentração

de energia em atividade e movimento constante. Deste modo, a matéria também está em processo de criação, de transformação. A vida não é inserida, colocada na matéria - antes uma estrutura morta - mas ela interpenetra a matéria. Ambas (matéria e vida) se conectam.

Outra importante contribuição trazida por Smuts é referente ao seu ponto de vista quanto à visão da evolução da natureza. Ele defendia que a evolução era um processo de criação e não meramente um processo de reagrupamento de formas velhas em novas. O processo evolutivo propiciava o surgimento de novidades em termos materiais, mas também mentais. Através da evolução surgem novos valores morais, espirituais e religiosos. Quando um organismo assimila algo do meio, ele não o faz como uma mera adição mecânica, mas sim adequando através da transformação aquilo que é assimilado às suas necessidades peculiares. O processo evolutivo libera a natureza da escravidão aos fatos passados – liberta o futuro de qualquer pré-determinação fixa.

Smuts chamava atenção para o distanciamento que ocorrera entre a ciência e a filosofia, distanciamento este que ele julgava lamentável. Este resultou na exacerbação da visão mecanicista na ciência, que perdera a amplitude de avaliação dos processos da natureza, e se fixou na tentativa de explicar mecanismos de funcionamento das estruturas. Ao mesmo tempo, a filosofia se perdeu buscando princípios mais gerais que regem a vida desconectados dos fatos concretos da realidade. Para que haja uma compreensão adequada da evolução, novos modelos conceituais precisariam surgir através de conceitos que pudessem tratar tanto da concretude dos processos quanto da universalidade dos mesmos. Esta era uma das propostas do Holismo – estudar tanto os aspectos universais da realidade como os aspectos estruturais, pois a experiência é uma interação dos aspectos subjetivos e objetivos.

A realidade, para Smuts, é ordenada e agregadora. Até mesmo as células são sistemas ajustáveis que funcionam em um modelo de auto-organização semelhante aos sistemas sociais. Ele dizia que: “Matéria e vida consistem, atômica e celularmente, de unidades

estruturais ordenadamente agrupadas em conjuntos naturais que denominamos corpos ou organismos.” (op. cit., p. 97). A criação de todos no universo é um fator operativo fundamental enunciado pelo Holismo. Qualquer organismo é um todo que apresenta um padrão de organização interno. Isto se dá desde os mais simples microorganismos até na formação da complexa personalidade humana. Por esta visão: “... ‘todos’ são básicos para o caráter do universo, e o Holismo, como fator operacional na evolução dos todos, é o princípio decisivo do universo”. (ibid., p.98). Tanto a filosofia quanto a ciência do século XIX ignoravam este princípio.

Os todos não são entidades individuais formadas pela simples composição de partes e sim unidades complexas nas quais as partes se relacionam e interagem. Para Smuts, o desenvolvimento dos organismos acontece através de relações fluidas entre partes que se movem e mudam constantemente. A teoria holística considerava que além das forças externas que agem nos organismos existem ações internas nestes que se traduzem em mudança e evolução. Os todos são dinâmicos, e funcionam de modo criativo sendo o progresso e o desenvolvimento geradores de maior grau de complexidade. A personalidade surge como o ápice deste processo de desenvolvimento do todo em estruturas cada vez mais complexas.

Smuts acreditava que a realidade final do universo não fosse nem material, nem espiritual, mas composta por todos. Este todo não pode ser visto como um princípio geral ou como uma tendência, pois ele se apresenta como uma forma, uma estrutura. O todo é uma unidade complexa formada por partes que são intimamente relacionadas, e as unidades individuais afetam o todo, assim como são afetadas por este. A realidade formada por esta íntima reunião das partes passa, por si, a ter suas próprias reações e novas funções. Quando qualquer distúrbio em uma destas partes pode afetar o todo, há um esforço cooperativo entre as outras partes de modo a reajustar as suas funções para que uma nova rotina se estabeleça visando manter o equilíbrio no funcionamento deste todo. É praticamente impossível delimitar onde se

inicia o todo e onde termina cada parte – há uma interação profunda na qual as partes e o todo se influenciam continuamente. Todas as partes se representam no todo do mesmo modo que o todo está em todas as partes.

A noção de causalidade mecanicista mostra-se totalmente inadequada neste contexto, pois não se pode isolar uma causa sem levar em conta esta síntese estruturada. No todo, a nova estrutura não é apenas o somatório das estruturas individuais de cada parte. O todo é criativo e forma uma nova e diferente estrutura que não é a mera agregação mecânica de partes. Esta capacidade de criação de novos formatos no todo é uma característica da natureza organísmica. Portanto, o processo evolutivo é criativo e traz, em cada estágio do seu desenvolvimento, o aparecimento de novas qualidades nos todos que vão se configurando. Este processo de criação de novidades (novas espécies, novas características em espécies já existentes ou novas qualidades nos elementos internos), se dá durante um longo percurso que perpassa várias gerações até o surgimento de algo realmente novo. Esta visão da evolução como um processo criativo trouxe uma grande ruptura no pensamento evolucionista que imperou até início do século XX.

Smuts, assim como Goldstein, entendia o organismo humano como um sistema. Este sistema possui leis próprias de funcionamento. Uma das principais características deste tipo de sistema é a relativa independência em relação ao meio ambiente – ao mesmo tempo em que o ser humano é influenciado pelo meio, esta influência é indireta e passa por um filtro que a transforma e metaboliza antes de ser assimilada pelo organismo. Podemos descrever o organismo como um centro de regulação interna que coordena e ajusta as suas atividades e funções às demandas do meio ambiente. O meio ambiente não é passivamente aceito pelo homem, e este se apropria deste para os seus próprios propósitos e de modo particular. A liberdade é uma característica dos organismos mais evoluídos, nos quais o princípio holístico impera.

A causa externa é transformada em algo novo a ser assimilado pelo organismo. A evolução, nas bases holísticas, liberta o homem do aprisionamento da matéria para parâmetros de liberdade do espírito. A inteligência do homem é que permite que este sistema complexo funcione de modo ordenado. Smuts, então, acreditava que a inteligência fosse um processo orgânico em si. O Holismo é o princípio que ordena a formação de todos no universo, sendo o organismo humano parte deste modelo. O princípio holístico também ordena o mundo do espírito. Smuts não via os princípios mecanicista e holístico como opostos, mas sim como princípios que regem esferas diferentes dos processos da natureza. O Holismo se faz presente nas esferas de maior evolução onde há maior grau de liberdade. Já nos sistemas mecanicistas, as ações dos componentes podem ser calculadas matematicamente. No caso dos seres humanos, alguns processos do corpo físico são regidos por princípios mecanicistas, mas a personalidade é totalmente holística. De acordo com Smuts:

O Homem tem por base ambos os mundos; enquanto mantém um pé plantado no plano mecanicista, o outro está firmemente assentado no plano holístico, com uma distinta inclinação para este. Ele é essencialmente um ser espiritual e holístico, não de um tipo mecanizado, com categorias de ordens mental e ética *sui generis*.”  
(op. cit., p. 152)

Smuts defendia a idéia de que é a propriedade da seletividade que distancia os processos inorgânicos dos processos orgânicos. Os organismos são seletivos em todos os seus processos de intercâmbio com o meio ambiente, incluindo-se aí a nutrição. A seletividade é um atributo inerente ao Holismo. O poder de auto-direcionamento é uma característica da vida orgânica. No ser humano é através do exercício do poder de auto-direcionamento e da seletividade das suas ações que a mente pode influenciar os processos corporais. Os sentidos de escolha e de auto-direção libertam o homem da falta de consciência dos processos mecanicistas. Nos sistemas psico-físicos é a vida que responde pela seletividade, e a mente que dirige as funções, gerando a possibilidade de um princípio de funcionamento harmônico.

As leis que regem a vida e a mente (estruturas superiores) são leis coerentes com as leis da energia (estruturas primárias). As estruturas mentais pressupõem as estruturas vitais que, sucessivamente, pressupõem as estruturas energéticas primárias. Smuts compreendia as estruturas físico-químicas da natureza como sendo as primeiras estruturas holísticas. Já a vida surgiria em uma fase posterior a esta. A vida então só pode desenvolver-se partindo destas estruturas mais simples que serviriam como um degrau para o surgimento da vida no processo evolutivo. Assim como a matéria, a vida também é uma estrutura em equilíbrio instável. O ser humano, enquanto um organismo complexo e holístico, desenvolveu um poder de autorregulação que o dota de um maior grau de liberdade diante da instabilidade dos processos vitais. Smuts dizia que nos organismos superiores haveria um princípio de seleção holística que suplantaria o princípio da seleção natural, onde é o todo que funciona como um controle central seletivo. A eficiência na manutenção do funcionamento holístico é assim privilegiada, ao invés do padrão de luta pela sobrevivência que direciona a seleção natural.

No caso da personalidade, a seleção holística funciona tanto potencializando mudanças nos valores e padrões éticos quanto também as reprimindo, sendo o funcionamento harmônico do todo o princípio maior. Há uma interação dos fatores internos e externos no processo evolutivo. O surgimento de variedade nos organismos é bastante valorizado pelo meio ambiente. A evolução holística privilegia os padrões da estética e da beleza no todo. Portanto, o senso ético e estético é inerente ao processo de evolução holístico que norteia a evolução da mente e da personalidade humanas. A mente não é vista por Smuts como um todo, mas sim como uma estrutura holística – a terceira estrutura fundamental holística após o átomo e a célula. A personalidade é sim um todo. Com o surgimento da mente, enquanto uma estrutura holística, emerge o sentido de individualidade. É a partir deste substrato mental da individualidade que a personalidade se constrói. As tensões do corpo chegam à mente e se

decodificam como sensações de desconforto e sentimentos. A mente faz a conexão dos processos orgânicos com as possibilidades de ações e comportamentos criativos do homem.

Smuts dizia que sua concepção holística de mente diferia da concepção da psicologia sobre este tema. Enquanto para a psicologia a mente é um fenômeno a ser estudado por si, para o Holismo a mente constitui-se como a fase culminante do processo evolutivo universal. A mente se estrutura como um sistema complexo que emerge a partir da matéria e da vida. É através da mente que o homem tem controle sobre o seu funcionamento organísmico e sobre os seus valores. Neste livro de Smuts, ele usava uma metáfora na qual descrevia a mente como uma chave que servia para a grande mestre, que é a personalidade. Ele define a mente como uma super estrutura que se traduz como uma grande novidade, e nunca como um mero prolongamento das instâncias que lhe servem de base – matéria e vida.

O sentido de individualidade, que faz com que cada pessoa seja única e tenha esta consciência de si, é a base da construção da personalidade no homem. Esta etapa da evolução só pode ser alcançada a partir do surgimento da mente que marcou uma grande quebra e mudança de rumo no processo evolutivo. A mente rompe com todos os sistemas mecanicistas e automáticos que suportavam os processos vitais e materiais, e cria uma nova ordem – uma ordem plástica e variável na qual a consciência e a vontade se fazem presentes. A função mais primitiva da mente surge da consciência do homem do desconforto trazido pelas tensões no processo da auto-regulação organísmica.

Esta auto-consciência no homem só é possível pelo desenvolvimento das funções mentais, dotando-lhe do poder de liberdade e controle sobre suas ações. Smuts nomeia esta capacidade de *awareness*, termo posteriormente adotado por Fritz Perls na abordagem gestáltica. A *awareness* intensifica a influência que o homem sofre no contato com o meio ambiente, mas ao mesmo tempo aumenta também o seu poder de responder e agir no meio para diminuir seus desconfortos. A mente então tem uma função dual desde sua origem – ela codifica as

mensagens geradas no meio e coordena a resposta do organismo a estas. É na dualidade da mente que a relação sujeito/objeto se constrói. O sujeito como um dos pólos desta relação; aquele que se conscientiza de algo, e o objeto como o outro pólo. É deste jogo relacional que sujeito e objeto emergem, simultaneamente e imbricada-mente.\*

Smuts compreendia sujeito e objeto em uma relação de interdependência, pois ambos não são nunca independentes. Para que esta relação pudesse ser adequadamente estudada na psicologia, este autor defendia a utilização da Teoria da Relatividade de Einstein como suporte epistemológico necessário. A noção de individualidade é construída na realidade física a partir da experiência do contato sujeito/objeto que se dá no espaço e no tempo. Esta premissa de Smuts foi utilizada integralmente pela Gestalt Terapia na sua construção teórica organísmica e fenomenológica, como discutido neste capítulo. Para Smuts então os estudos psicológicos só poderiam se aprofundar quando a contribuição das ciências naturais se somasse a estes. Fritz Perls já dizia que Gestalt Terapia deveria ser compreendida mais como uma “visão de mundo”\*\* do que como uma teoria psicológica, propriamente dita. Certamente, na visão holística de Smuts

sobre as funções mentais e a construção da personalidade humana como etapas mais avançadas do processo evolutivo dos “todos”, estes objetos de estudo não são meramente psicológicos. Como já apresentado anteriormente, Smuts acreditava que o Holismo promoveria uma re-integração entre ciência e filosofia.

Assim como Smuts acreditava que a psicologia precisava se munir de conceitos das ciências naturais para compreender melhor o padrão da relatividade na construção da personalidade, também dizia que a compreensão da personalidade enquanto uma construção

---

\* Optei pela separação da palavra para ressaltar que é a mente quem produz esta imbricação.

\*\*Coloquei a expressão entre aspas para destacar que era usada pelo próprio Perls.

individual e relacional poderia em muito contribuir para as ciências naturais. Estas haviam privilegiado os aspectos objetivos nas suas pesquisas, esquecendo-se de que existem especificidades em qualquer fenômeno a ser considerado. O Holismo se propunha a considerar a individualidade, que no homem destaca-se como a construção do *self* individual. Sem perder de vista que o grande avanço acontece quando este *self* pode ser o centro de um sentido de ordem e de harmonia universal. A mente é que dota o *self* desta razão universal, deste sentido de harmonia. A razão, no homem, transcende a individualidade e expressa o princípio de regulação universal. Nenhum ser humano pode se conhecer e ter consciência de si mesmo sem que se dê conta de que não é o único no universo. A consciência do *self* individual é sempre consciência dos outros. O do processo de crescimento e a experiência da alteridade que vem pela convivência com os outros na vida social. Todos estes elementos se fundem para o surgimento de um todo, o *self* holístico. É a mente que possibilita ao homem a experiência do mundo. Quando o homem se percebe como este ser social, é a linguagem que o dota do poder de se nomear e de nomear o mundo que o cerca. Esta experiência do senso comum vai sendo refinada cada vez mais na evolução da mente até alcançar o sentido de construção racional do universo. Na evolução holística da mente ela ganha o poder da consciência sobre os objetos que estão no campo da experiência. A mente passa a funcionar então como uma grande organizadora que se dota do poder criativo de modelar as condições do meio através do planejamento das ações. A mente neste estágio se liberta do jugo das condições objetivas do mundo e se transforma em um agente de transformação social. Deste modo, a mente diminui no homem a importância dos fatores estruturais e lhe dota de plasticidade e maleabilidade no interjogo relacional homem/mundo. O campo mental é uma área que abrange os aspectos que a pessoa tem da consciência da sua existência, campo este que é bem mais largo do que o campo material do organismo. Além disso, Smuts acreditava

que existe no homem um *sensus communis* que agiria como um substrato para todos os outros sentidos humanos.

É pela atividade mental que o passado e o futuro podem ser integrados no presente. A memória é uma das grandes bases para a construção da personalidade no homem, trazendo a influência dos fatos passados nas experiências presentes. As experiências ancestrais também se fazem presentes na construção da personalidade chegando ao homem pelos componentes hereditários da memória. O futuro também se faz presente através de um sentido de propósito que é uma das funções da mente. Este sentido de propósito é mais do que uma mera presença do futuro no presente, mas dota a mente da liberdade do poder de criar modificando, na medida do possível, as condições materiais da realidade. O propósito é a mais completa manifestação de liberdade e de criatividade da atividade holística da mente.

A personalidade humana surge a partir da interação mútua entre mente e corpo como a mais elevada estrutura na evolução holística, sendo a mente consciente o seu constituinte mais importante, sem a qual não há a formação deste todo. A personalidade é o aspecto mais criativo e original no ser humano e na evolução holística. Smuts achava que, na sua época, muito pouco se sabia ainda sobre a personalidade. Sugeriu que fosse criada uma nova ciência dedicada apenas ao estudo da personalidade, dada a complexidade e a originalidade destes estudos para serem desenvolvidos pelos métodos adotados pelas ciências da época. O pensamento do paralelismo psicofísico da época impossibilitava um real entendimento do funcionamento da personalidade humana. Na verdade, Smuts dizia que até a noção da interação entre mente e corpo era limitada, pois ambos são elementos da personalidade humana que se influenciam por que de fato estão co-presentes neste todo. É impossível analisar uma parte deste todo separadamente e é aquilo que chamamos vida que une todos os elementos que compõe a personalidade de modo integrado. A personalidade é então um todo único que não é herdado nem transmitido, mas no qual existem qualidades e elementos que o

compõe que podem ter sido herdadas. A personalidade é sempre uma novidade. Seria esta nova disciplina dedicada ao estudo da personalidade a responsável pela re-ligação entre o conhecimento filosófico e científico. Esta nova ciência serviria de base para uma nova Ética e uma nova Metafísica.

Smuts enaltecia a importância da personalidade enquanto o todo mais holístico existente no universo. A personalidade teria inúmeros atributos entre os quais a capacidade de auto-realização, de auto-cura, auto-expressão e de purificação. Smuts entendia a purificação como a capacidade que a personalidade possui de eliminar os elementos desarmônicos da natureza humana. Estes atributos resultam do poder de criação e de liberdade que são dons da personalidade enquanto este todo holístico mais perfeito. O grande motor da personalidade são os desejos que a tornam o movimento ativo do todo representado em cada indivíduo. Quando a personalidade encontra a possibilidade de desenvolver suas habilidades, ela ganha cada vez mais este sentido de completude no qual mente e corpo, razão e sentimentos, desejo e emoções se desenvolvem de forma harmoniosa e integrada. Para que isto ocorra, a personalidade precisa encontrar na sua relação com o meio que a cerca os recursos necessários, tanto materiais quanto morais, intelectuais e sociais para seu desenvolvimento. Quando isto não acontece, a personalidade sucumbe e não se realiza na sua completude.

Smuts valorizava a importância do processo de assimilação pelo qual a personalidade pode metabolizar aquilo que recebe do meio. Quando este processo não ocorre de forma a permitir que a personalidade exerça o seu potencial criativo da auto-regulação de modo satisfatório, a auto-regulação fica deteriorada e o funcionamento organísmico deficitário. Este foi um dos aspectos bastante valorizados no pensamento organísmico de Fritz Perls, que defendia a idéia de que o principal papel do processo psicoterápico era promover o resgate do potencial de auto-regulação das pessoas. Assim como Smuts, Perls acreditava que o exercício da liberdade era uma conquista do homem na evolução holística. É através da liberdade que o homem se

liberta da cadeia das determinações causais e pode mudar o rumo da sua vida de modo consciente e auto-regulativo. “A liberdade não é, portanto, um conceito meramente formal, senão uma atividade real, na qual o Holismo molda e desenvolve a personalidade individual.” (Op. Cit., p. 309).

A mudança é vista por Smuts como inerente ao processo da evolução organísmica, não sendo esta determinada de modo linear ou casual, mas a conseqüência natural de um processo de harmonização dos aspetos velhos e novos que se fazem presente no “todo”. O processo evolutivo holístico é complexo e repleto de variedade e de diversidade.

Smuts já deixava implícita a noção de campo na teoria holística. Os todos são sempre pensados como unidades inseridas em um campo onde o campo não é algo diferente ou adicional, mas sim a continuação de si mesmo na experiência sensível. O campo é uma extensão energética do sistema mostrando as mesmas propriedades que este. O campo funciona como uma ponte através da qual outros sistemas se interpenetram. O organismo e o campo formam uma estrutura contínua sendo o organismo um ponto sensível através do qual esta estrutura se inicia. Nos grupos e nas sociedades há uma interpenetração dos diversos campos individuais gerando a re-configuração de um novo todo resultante desta interação de forças. Fechando com as palavras do próprio Smuts:

Assim como um campo físico tem suas linhas de força, também o campo orgânico da natureza, que resulta da interpenetração de todos os campos de conjuntos que a compõem, tem suas próprias curvas estruturais de progresso. Na sociedade humana vemos como o campo social ou atmosférico torna-se um sistema de controle, uma influência moldadora à qual todos os membros nele introduzidos estão sujeitos. (ibid., p.342)

### **3.2 – A Teoria de Campo e suas implicações na Gestalt Terapia.**

A teoria de campo é outra proposta teórica que sem dúvida se fez presente nas bases epistemológicas da Gestalt Terapia. No entanto, não seria correto afirmarmos que na obra

inicial de Fritz Perls houve uma influência direta da Teoria de Campo, conforme formulada por Kurt Lewin. Na realidade, podemos nos questionar o quanto Fritz Perls conhecia efetivamente da obra de Lewin, ficando evidente nos primeiros livros da abordagem gestáltica que estes se baseavam em noções da Teoria de Campo sem um maior aprofundamento na mesma. Como vimos acima, este pensamento já interpenetrava a visão de organismo e de Holismo adotadas pela Gestalt Terapia.

Com a difusão da Gestalt Terapia houve um trabalho por parte de outros autores de reflexão e maior fundamentação teórica desta abordagem. A Teoria de Campo de Kurt Lewin começa a ser indicada como uma proposta teórica que poderia servir de base para a Gestalt Terapia para pensar o conceito de campo, conceito este tão importante para ela. Não podemos deixar de citar que no primeiro livro de Gestalt Terapia (1951), ao qual nos referimos em outros momentos desta tese, seus autores ( Perls, Heffeline e Goodman) se apropriaram, mesmo que de modo não muito aprofundado e fundamentado, de conceitos básicos da teoria lewiniana, dando especial destaque para o conceito de contato e de fronteiras de contato.

Segundo Garcia-Roza:

A Teoria de Campo não é um domínio particular da Psicologia, nem um tipo geral de teoria que abarque outros domínios, isto é, não pode ser definida como uma teoria no sentido comum que se dá ao termo. A Teoria de Campo provavelmente se caracterizaria melhor como um método... (1972, p.19)

A Teoria de Campo aplicada à psicologia, enquanto uma proposta abrangente e não centrada em nenhum autor em específico, trouxe consigo o enorme destaque a ser dado para o papel do contexto no entendimento dos processos psíquicos, cindindo com a visão meramente introspectiva, mas também deixando destacada a função da interação homem-meio como fundamental na formação da subjetividade, não pressupondo ser possível uma influência do ambiente sobre o sujeito, sem que esta repercutisse numa relação de reciprocidade. A Teoria de Campo em Psicologia abriu uma brecha para a entrada do pensamento sistêmico dentro do universo conceitual desta ciência. Garcia-Roza (1972) acreditava que a Psicologia só se

libertaria do pensamento aristotélico quando substituiu a concepção de classe por uma concepção de campo em suas pesquisas. Este autor apontou que a Teoria de Campo deu ênfase ao fato de que qualquer acontecimento é sempre o resultado de uma multiplicidade de fatores e não de uma única causa.

Buscando sistematizar a Teoria de Campo, segundo Lewin, Garcia-Roza (1972) relacionou os principais atributos da mesma: a) a utilização de um método de construção e não de classificação dos fenômenos, b) um interesse pelos aspectos dinâmicos dos acontecimentos, c) uma perspectiva psicológica e não física, d) uma análise que parte da situação como um todo, e) uma distinção entre problemas sistemáticos e históricos, f) uma representação matemática do campo.

Por isso, pensamos ser relevante apresentar os primórdios da elaboração da Teoria de Campo na obra de Lewin através da adoção de conceitos topológicos na psicologia. Na realidade, a obra original de Lewin surge como uma contribuição deste autor ao trabalho teórico e de pesquisa que vinha sendo desenvolvido pela escola do Gestaltismo. No livro editado em 1936 nos Estados Unidos, intitulado “Principles of Topological Psychology”, Lewin propõe-se a enunciar quais os princípios sob os quais iria se fundamentar a Teoria de Campo. No prefácio deste livro, dedicado à Wolfgang Köhler, Lewin defendeu sua tese de que a psicologia deveria utilizar, não apenas o conceito de tempo, mas também o de espaço. Neste sentido, Lewin propõe que o ramo da matemática conhecido como topologia poderia ajudar a psicologia nesta finalidade através da adoção dos seus conceitos mais básicos.

Lewin percebia que na psicologia, ciência ainda bastante nova na ocasião do lançamento deste livro referido acima, apenas os estudos na área das sensações e percepções encontravam-se razoavelmente desenvolvidos. Para um maior desenvolvimento desta ciência, Lewin acreditava que seria imprescindível criar uma teoria empírica na qual os fatos pudessem ser adequadamente relacionados. Era necessária a criação de conceitos

psicológicos que pudessem ser utilizados nos diversos campos de pesquisa da psicologia e não apenas em campos específicos, tais como a psicologia do desenvolvimento, a psicopatologia, etc. Para esta finalidade a psicologia precisaria adotar conceitos que pudessem ser aplicados tanto para uma visão mais geral dos fatos psicológicos, quanto para estudar as características individuais de um caso específico.

Lewin, seguindo a tradição da Psicologia da Gestalt, já compreendia que a psicologia deveria sempre estudar os indivíduos, levando em consideração as características da pessoa, de seu estado momentâneo e do meio circundante. Os conceitos psicológicos precisavam ser capazes de representar os processos que ocorrem em uma pessoa não como fatos isolados, mas sim levando em consideração a correlação destes com as situações concretas do contexto de vida deste indivíduo. Lewin acreditava que deste modo ele não estaria propondo a criação de um novo sistema conceitual e sim de ferramentas possíveis de representar a realidade dos fatos psicológicos. Grande parte do atraso nas pesquisas psicológicas se dava pelo emprego de conceitos causais para a explicação do comportamento humano. A visão estrutural e dinâmica é que deveria suplantar este atraso.

A proposta de Kurt Lewin era a de que a Psicologia Topológica fosse uma área da psicologia baseada em conceitos da topologia matemática que deveria ser complementada pelos conceitos da Psicologia Vetorial. Até o final do século XIX existia uma grande controvérsia se a psicologia deveria apenas descrever ou também tentar determinar as condições e os efeitos dos processos psicológicos. Lewin apontou que nenhuma lei psicológica poderia prever o comportamento de uma pessoa sem levar em conta as especificidades de sua situação individual – o seu contexto. Esta mudança de paradigma de uma visão voltada meramente para a busca de causas explicativas para uma outra voltada para a concepção global do contexto que considerasse tanto o objeto, quanto os seus entornos, corresponderia, segundo Lewin, a uma passagem da lógica aristotélica para a adoção do modo

de pesquisa proposto por Copérnico. Portanto, aplicando-se este novo modo de pesquisa na psicologia só poderia se entender as forças que governam o comportamento se a situação psicológica do indivíduo como um todo, fosse considerada. – tanto o estado da pessoa quanto o do campo. Na psicologia não existiam termos adequados para este tipo de pensamento, sendo a idéia de meio ambiente a que mais se aproximava. A proposta de Lewin era a de se adotar a noção de “espaço de vida psicológico”\* para indicar a totalidade dos fatos determinantes de um comportamento em um determinado momento. Segundo Lewin: “As diferentes espécies de comportamento que ocorrem em uma determinada situação devem ser entendidas como pertencentes a um sistema coerente de eventos ‘possíveis’ que são na totalidade uma expressão de características particulares desta situação.”( op. cit., p. 16).

Lewin alertava para a grande dificuldade em se definir quais as coisas que seriam ou não importantes psicologicamente para uma determinada pessoa. Ele propunha que a melhor forma de se fazer isto seria assumir aquilo de que a pessoa conscientemente se dá conta, mesmo sabendo da grande dubiedade desta proposta. Outra preocupação de Lewin era a de distinguir entre o que é um efeito e o que é algo real. A visão fenomenológica se faz presente na obra de Lewin quando este propõe que pelo seu método deveria se incluir todos os aspectos envolvidos em uma situação para se entender o comportamento de uma pessoa em um determinado momento. Este modo de conceituação teria a característica de uma construção dinâmica de representação da pessoa e de seu meio ambiente. A situação de vida global da pessoa funcionando como o pano de fundo para uma situação momentânea que se apresentasse. Portanto, na representação psicológica de uma situação os fatos sociais ou físicos devem ser representados na medida em que estes influenciam conscientemente a pessoa em consideração. As influências meramente somáticas devem ser representadas apenas na medida em que estão conectadas com a percepção e o comportamento da pessoa.

---

\* Coloco a expressão em destaque por ser esta expressão usada pelo próprio Lewin.

Uma das grandes contribuições de Lewin foi sobre as considerações feitas por este autor sobre a noção de causalidade e da adoção de explicações causalistas em psicologia. Lewin entendia que existiam dois modos de análise da causalidade em psicologia – os conceitos de causalidade histórica e os de causalidade sistemática. A causalidade histórica foi particularmente importante no desenvolvimento da psicologia individual e de grupos sempre que se precisou entender a gênese de um comportamento. Lewin buscou trazer novos princípios para se pensar a causalidade nos eventos psicológicos. Resumidamente: o princípio da concretude segundo o qual apenas um fato concreto pode ser considerado como tendo efeito sobre algo; a característica relacional dos fatos causais que mostra que um evento é sempre o resultado de uma interação de diversos fatores; e o princípio da contemporaneidade segundo o qual nem fatos passados nem futuros podem servir de causa explicativa para eventos presentes dado que nem o passado nem o futuro existem no momento presente. Este princípio proposto por Lewin foi adotado por Fritz Perls na criação da teoria da Gestalt Terapia, que utilizou integralmente o princípio da contemporaneidade para o estudo dos fatos psicológicos. Com isto, nem Lewin anteriormente e nem Perls posteriormente descartaram a importância dos indicadores de tempo (a noção de passado e de futuro) no contexto psicológico do indivíduo. Apenas fica evidente que aquilo do passado que contribui para o comportamento de um indivíduo se dá pela sua representação do fato no momento presente, assim como qualquer fantasia sobre o futuro é uma predição feita no presente. Lewin usou o termo perspectiva de tempo para indicar que, tanto o futuro, enquanto expectativa vivida no momento, quanto o passado, enquanto lembrança do indivíduo, constitui o campo psicológico atual do sujeito. Do mesmo modo, defendia que o meio físico e social de uma pessoa, na medida em que percebidos por ela, farão parte do seu meio psicológico.

### 3.3 – O pensamento fenomenológico-existencial em Gestalt Terapia

“ Eu não seria fenomenologista se não conseguisse enxergar o óbvio, ou seja, a experiência do atoleiro. Eu não seria Gestaltista se não conseguisse entrar nessa experiência de estar atolado tendo confiança de que alguma figura emergirá do fundo caótico”. (Perls, 1979, p. 52)

No primeiro livro de Gestalt Terapia (1951), livro este ao qual nos referimos em momentos anteriores neste capítulo, não há qualquer referência ao pensamento fenomenológico e existencial como influências na construção desta abordagem. Os conceitos de organismo, *awareness*, auto-regulação, contato e fronteira de contato e *self* são apresentados e desenvolvidos de modo a dar uma sustentação teórica para pensar o funcionamento humano dentro do ponto de vista holístico adotado pela Gestalt Terapia. Passaram-se muitos anos até que outro livro fosse publicado nesta abordagem. Em 1969 Perls publica seu segundo livro de Gestalt Terapia, livro quase integralmente elaborado a partir de transcrições realizadas durante workshops vivenciais coordenados por Perls em Esalen (Centro de Desenvolvimento do Potencial Humano, em Big Sur, Califórnia) durante o período de 1966 a 1968. Na introdução desta obra Perls expõe sua preocupação com os rumos que a psicologia humanista estava tomando naquele momento, onde a busca de um processo de cura instantânea através do uso de uma série de técnicas utilizadas como meros truques poderia torná-la ainda mais perigosa do que a psicanálise freudiana. Nesta introdução ele defende que o objetivo da Gestalt Terapia seria “promover o processo de crescimento e desenvolver o potencial humano” (PERLS, 1977, p.14), apontando apenas um caminho para isto: “...tornar-se real, aprender a assumir uma posição, desenvolver seu centro, compreender a base do existencialismo...” (ibid., p.16). Seu alinhamento com a psicologia humanista em oposição

ao modelo psicanalítico é declarado, apesar destas preocupações apresentadas, e o pensamento existencialista é apontado como fundamental para embasá-la.

Em uma passagem deste livro Perls expõe:

Considero a Gestat-terapia – atualmente um dos três tipos de terapia existencial. A Logoterapia de Frankl, a terapia do Dasein, de Biswanger, e a Gestalt-terapia... O existencialismo deseja se libertar dos conceitos, e trabalhar com o princípio da “presentificação” (awareness), com a fenomenologia. (ibid., p.33)

Faz uma crítica a alguns autores existencialistas dizendo que os mesmos não conseguiram se libertar dos conceitos de outras fontes, citando especificamente Buber (preso aos conceitos do judaísmo), Tillich (preso aos conceitos do protestantismo), Sartre (preso aos conceitos do socialismo), Biswanger (preso aos conceitos da psicanálise) e Heidegger (preso aos conceitos da teoria da linguagem). Defende que a Gestalt Terapia tem como sua principal busca a harmonia com o todo, com o universo. A auto-regulação, que estaria na base deste movimento harmônico, é um fenômeno biológico primário. Para Perls, a postura holística e sua visão de existencialismo estariam extremamente imbricadas. No entanto, em nenhum momento Perls indica uma vinculação com o pensamento filosófico de algum autor existencialista especificamente. Sua visão de existencialismo, assim como de fenomenologia, não são desenvolvidas. Como nos aponta o colega brasileiro, Antônio Elmo Martins, em artigo datado de 1996:

A fenomenologia, como o humanismo e o existencialismo anteriormente discutidos, vê o homem como um todo. É um modo de pensar o ser da maneira como ele se apresenta. É por isso que Perls afirmava que a gestalt-terapia é baseada numa abordagem fenomenológica. Preocupa-se com aquilo que aparece, aquilo que é aparente na coisa, e que se revela por si mesmo na sua luz. (p. 14)

Ainda neste livro citado acima, Perls indica que as duas bases sobre as quais a Gestalt Terapia caminha, são o Agora e o Como: “*Agora* engloba tudo o que existe. O passado já foi e o futuro ainda não é. *Agora* inclui o equilíbrio de estar aqui, é o experienciar, o envolvimento,

o fenômeno, a consciência. *Como* engloba tudo o que é estrutura, comportamento, tudo o que realmente está acontecendo – o processo”. (op. cit., p. 69).

O seu último livro publicado já após seu falecimento (1973), é dividido em duas partes – uma teórica chamada “A Abordagem Gestáltica”, e outra criada a partir de transcrições de trabalhos vivenciais coordenados por ele, chamada “Testemunha Ocular da Terapia”. Neste livro mais uma vez se evidencia a primazia do pensamento holístico na abordagem gestáltica, abordagem esta que se baseia na visão de organismo de Kurt Goldstein, cujo principal foco é o estudo dos processos auto-regulativos. Fritz desenvolve sua teoria sobre a neurose elegendo a auto-regulação como o mecanismo mais importante de funcionamento do homem. A técnica para acompanhar o mecanismo da auto-regulação no sujeito seria o que Perls nomeia uma técnica de concentração.

A principal ferramenta do trabalho prático em Gestalt Terapia é propiciar a concentração do indivíduo sobre seus processos auto-regulativos através de um incremento da *awareness*. A grande ênfase do processo psicoterapêutico é fazer com que o sujeito identifique como ele interrompe o seu fluxo da auto-regulação. A neurose se constitui como a própria interrupção do fluxo auto-regulativo. Em capítulos anteriores já apresentei o conceito da *awareness* e discuti a importância do mesmo no campo conceitual da abordagem gestáltica.

Durante a transcrição de trabalho de grupo em andamento Fritz diz que utiliza uma base fenomenológica no seu trabalho de concentração no fluxo auto-regulativo, sem dar maiores explicações para o que significaria trabalhar fenomenologicamente. (ibid., p.138).

Segundo suas palavras:

Este exemplo mostra como, pela concentração na interrupção em si, em seus “comos”, não nos porquês – o paciente vem a se conscientizar que está se interrompendo e se dá conta do que está interrompendo. Também se torna capaz de dissolver suas interrupções e de viver e resolver uma experiência não resolvida. (ibid., p. 82)

No início da década de 70 foram lançados dois importantes livros de Gestalt Terapia nos Estados Unidos. O livro do casal de psicoterapeutas americanos Erving e Miriam Polster “Gestalt Terapia Integrada” (Erving foi discípulo direto de Perls), e outro livro chamado “Gestalt Terapia – Teoria, Técnica e Aplicações”, que foi uma organização de artigos de diversos autores (alguns deles também discípulos diretos de Perls). Estes dois livros tem mais por objetivo uma apresentação da teoria da técnica da Gestalt Terapia do que refletir epistemologicamente sobre esta abordagem. Em nenhum deles existem referências às bases filosóficas fenomenológicas e existencialistas da Gestalt Terapia.

Em 1981 é lançado na Alemanha um livro dedicado a uma proposta de Gestaltpedagogia. Neste livro, publicado no Brasil em 1985, os autores colocam o existencialismo como fundamentação filosófica da Gestalt Terapia. A Gestalt Terapia é destacada enquanto parte do movimento da psicologia humanista, que fora enormemente influenciado pelos autores existencialistas franceses: “Os conceitos gestálticos centrais, como por exemplo, concentração sobre o ser concreto, concentração sobre a existência individual em relação aos outros, auto-responsabilidade, possibilidades de escolha significativa etc., são também base dos existencialistas franceses.” (p. 41).

Assim como Perls já fizera, os autores deste livro também apontaram os perigos subjacentes aos ideais da psicologia humanista, podendo se reduzir a uma visão de homem apolítica e alienada. No entanto, a orientação humanística trouxe para a psicologia; tanto para sua prática como teoricamente, o destaque para o fator subjetivo, tão negligenciado pela visão objetivista da ciência moderna. A pessoa que vivencia uma experiência é o centro do estudo do ser humano. As capacidades inerentes a todo ser humano são re-valorizadas dando destaque ao objetivo de desenvolvimento dos potenciais humanos. Desta visão humanista é que se derivam as buscas pelo crescimento e desenvolvimento do homem, tão apregoada pelos autores da Gestalt Terapia, bem como pelas demais escolas existencialistas:

A abordagem da gestalt acentua acertadamente a auto-responsabilidade, a possibilidade de escolha, o agir e o mudar ativos. Existe, porém, o risco de que a inclusão de fatores sociais seja preterida. No exemplo da “liberdade incondicional” de Sartre, essa idéia pode ser exemplarmente mostrada. (Op.Cit., p. 43)

Em entrevista dada por Laura Perls ao Gestalt Journal (1982), jornal americano dedicado à publicação de artigos em Gestalt Terapia, ela admite que a filosofia existencialista havia sido de grande importância na formação acadêmica dela e de Fritz. Ela cita Paul Tillich, Kierkegaard, Heidegger e os fenomenologistas Husserl e Scheler, como autores que teriam lido e os influenciado (p.15). Conta que haviam pensado no nome Terapia Existencial, para a abordagem que estavam criando, devido a grande importância da orientação existencial nos princípios auto-regulativos que estudavam. No entanto, tiveram receio de que este nome pudesse identificá-los com o pensamento niilista de Sartre, o que não desejavam que acontecesse.

Nesta mesma publicação há uma entrevista com o psicoterapeuta americano Isadore Fromm, discípulo direto do casal Perls e membro do primeiro grupo de Gestalt Terapeutas formados. Isadore fora paciente de Fritz, que havia se interessado em atendê-lo quando soube que este estava estudando alguns manuscritos de Husserl. Isadore admite que seu conhecimento da obra de Husserl era bastante limitado, mas mesmo assim ainda maior do que os do próprio Fritz. Isadore diz que se de fato há uma influência do pensamento fenomenológico na Gestalt Terapia esta adveio do interesse de Fritz pela obra de Husserl. Do mesmo modo, Fritz tinha interesse também pelo pensamento dos existencialistas franceses. No entanto, seu conhecimento destes autores era bastante limitado. (p.28).

Parece que de fato, foram os autores posteriores a Fritz que, realmente se preocuparam em dar maior sustentação filosófica à visão de homem da Gestalt Terapia. A importância do Gestaltismo como uma base de sustentação teórica para a Gestalt Terapia foi, desde a obra original de Perls, Hefferline e Goodman, declarada. A escola psicológica alemã do

Gestaltismo adota o conceito de fenômeno, inicialmente apresentado por Brentano e melhor formulado na proposta filosófica da fenomenologia de Husserl. A Psicologia da Gestalt se utilizou, portanto, do método fenomenológico para o desenvolvimento de pesquisas científicas sobre percepção. Ao adotar o pressuposto do gestaltismo de que o todo é sempre maior que a soma das partes, valorizando a lei da figura e fundo como uma lei que governaria o princípio da auto-regulação orgânica de Goldstein no ser humano, a Gestalt Terapia destaca-se como uma abordagem suportada na visão de fenômeno de Husserl. No entanto, um maior comprometimento com o pensamento filosófico do existencialismo e da fenomenologia, só será posteriormente valorizado.

Segundo palavras da psicoterapeuta Therese Tellegen (1984): “A postura fenomenológica da abordagem gestáltica está historicamente ligada à psicologia da Gestalt, cuja linha mestra se inscreve na fenomenologia husserliana.” ( p.41).

O psicoterapeuta e professor universitário brasileiro, Jorge Ponciano Ribeiro, autor de diversos livros em Gestalt Terapia, é um dos grandes propagadores das bases fenomenológicas e existenciais na Gestalt Terapia. Segundo suas palavras:

Nossa opção pela afirmação sartriana de que a existência precede a essência obedece à nossa crença de que o homem é um ser de responsabilidade, um ser permanentemente mutante, um ser de relação. Obedece ao postulado da esperança de que é sempre possível e viável ser diferente, ser novo a cada dia. (1993, p. 14)

Deste modo, este autor coloca a Gestalt Terapia como uma abordagem cuja visão de homem é existencial, pois partimos do pressuposto de que o homem é responsável pela condução da sua vida e que através da *awareness* é que esta pessoa poderá identificar e buscar a satisfação de suas necessidades, se atualizar e com isso crescer e se desenvolver. A noção de crescimento aqui associada está diretamente relacionada à idéia de que o homem é um ser em permanente processo de transformação e adaptação das suas necessidades às possibilidades de realização oferecidas pelo meio. Esta negociação permanente entre a pessoa

e o meio, vista como inerente ao processo auto-regulativo do ser humano, rompe com qualquer perspectiva de defesa de uma postura egoísta do sujeito perante a realidade, crítica muitas vezes feita ao pensamento sartriano. Segundo Martins:

A Gestalt Terapia procura penetrar na própria vivência da pessoa, captar o seu modo de existir, o seu ser-no-mundo, as características do seu existir, particularmente a sua maneira de vivenciar o espaço e o tempo (*hic et nunc* – aqui e agora). Não nos tomem por egoístas apressados, pois trata-se de ser-no-mundo, as nossas vivências não estão contidas dentro de nós, mas se manifestam intimamente relacionadas ao ambiente, às pessoas. (1996, p. 12)

Do mesmo modo, esta crença de que o homem é um ser que se reconstrói, permanentemente, na relação com o mundo, também se faz presente na obra de Ribeiro, defendendo este autor que o método fenomenológico é o adequado para sustentar a atuação do Gestalt Terapeuta. Segundo suas palavras: “Trabalhar fenomenologicamente é tentar ficar com a realidade como é em si, é trabalhar a partir dela. É ver o fenômeno como a realidade primeira e a partir dele e só dele caminhar para a compreensão do que significa ir além do fenômeno.” (1993, p. 15).

O conceito de fenômeno muito se aproxima do conceito de óbvio, conceito este extremamente valorizado em toda a obra de Fritz Perls. Para Perls, a neurose se manifestaria como uma impossibilidade da pessoa em entrar em contato com o óbvio de cada situação, com aquilo que está no Agora. Segundo Ponciano Ribeiro:

Procuramos a fonte do conhecimento pela concentração na experiência imediata, sem pressupostos... Isto significa, em última análise, que a experiência única e imediata do sujeito precede toda tentativa de classificação ou julgamento e que deve estar diante da realidade sem a priori, deixando-se acontecer na coisa, com a coisa e através dela. (op. cit, p. 15)

De acordo com Ribeiro (1985), qualquer abordagem de psicoterapia que tenha a pessoa como centro alinha-se ao movimento da Psicologia Humanista, do qual já tratamos anteriormente. (p. 29). No entanto, no seu ponto de vista: “ A proposta de Gestalt Terapia é

mais do que uma reflexão humanística, ela se realiza a partir de uma postura básica, filosófica, existencial.” (ibid., p. 32).

Este autor destaca que a Gestalt Terapia considera o homem particular livre para tomar suas decisões e fazer suas escolhas. Do mesmo modo, o existencialismo não se propõe a tratar do ser universal, mas sim do homem concreto, dotado de vontade e liberdade pessoais. Sendo assim, a psicoterapia existencial baseia-se sobre a busca do encontro existencial, ou seja: “... o encontro real entre duas pessoas, numa relação paritária, onde ambos estão sob uma única luz: o fato de estar e de ser no mundo, numa tentativa de compreender, de experienciar, de reavaliar, de fortalecer, de singularizar o que significa, de fato, existir.” (op. cit., p.34).

Nos livros de Ponciano Ribeiro ele dá destaque especial ao pensamento de Sartre como próximo à visão de homem da Gestalt Terapia. O papel da liberdade, da escolha, da noção de projeto existencial, são fundamentos da filosofia sartriana. Esta concepção também merece bastante destaque na Gestalt Terapia: “...o homem nada mais é do que aquilo que ele decide ser, do que aquilo que ele projeta ser; sua essência surge como uma resultante de seus atos... (op.cit., p. 38). A concepção inicial de Perls de que o homem é um ser dotado de potencialidades, e que estas se realizam na sua vivência no mundo, também é uma das aproximações com o pensamento existencial, conforme Ribeiro destaca. A realização do projeto existencial é um eterno vir-a-ser, algo que nunca se encerra, e o homem cria o mundo e se recria neste processo:

Queremos, de novo, reafirmar que o existencialismo, nas suas linhas gerais, envolve um empenho concreto com a realidade, aqui e agora, presente. Ele nos oferece pressupostos para um método analítico-reflexivo que nos permite analisar fenomenologicamente a existência. Ele põe no centro das coisas o homem, o ser humano, e o valoriza assim como ele é, o analisa reflexivamente através de sua existência concreta e o vê realizando-se sob o influxo da decisão livre.

No espírito da Gestalt-terapia, que aqui tomamos como modelo de uma psicoterapia existencial-fenomenológica, encontramos as mesmas

preocupações através de conceitos que serão posteriormente apresentados e aprofundados, ressaltando de uma maneira geral, a crença no homem, aqui e agora presente, capaz de tornar-se cada vez mais consciente de si próprio, a partir da experiência vivida agora e da certeza de sua extensão para depois, dentro de uma visão holística do homem como homem e dele como ser no mundo. (ibid., p. 41)

Na concepção fenomenológica de Ponciano Ribeiro, o homem é compreendido como um complexo fenômeno em si, “aquele em que o manifestar-se da consciência percorre caminhos de difícil acesso, pois o fenômeno homem se revela lentamente. Quanto mais ele se desnuda,... mais ele está em contato com a realidade, com sua essência.” (ibid., p. 46). A psicoterapia na abordagem gestáltica é vista como um processo pelo qual o fenômeno homem se revela, nesta relação existencial entre terapeuta e cliente. O papel do terapeuta é o de compreender este fenômeno que se revela, pois “...não se trata de um espetáculo a ver, mais de um texto a compreender.” (ibid., p. 44). “Ao se desvelar, o homem se conhece e, desvelando-se a si próprio, ele pode compreender o outro.” (ibid., p.35).

Este sentido hermenêutico da psicoterapia é realçado por Ribeiro em diversos momentos, fazendo este autor interlocuções entre o pensamento de Heidegger e a visão de homem da Gestalt Terapia. Ribeiro destaca a concepção heideggeriana de que só o homem existe, enquanto todas as coisas apenas são. Quanto ao sentido de desvelamento, idéia esta advinda da obra de Heidegger, Ribeiro diz que “desvelar-se na realidade individual significa prestar atenção à pessoa tal qual ela se mostra, dentro de seus limites, de suas fronteiras, dentro do sistema de contato que ela estabeleceu com o mundo.” (Op.cit., p. 36). O homem é o ser que tem a opção de decidir sobre o seu caminho pessoal, diferenciando das coisas que apenas são. Ribeiro diz que o homem, dentro da concepção da Gestalt Terapia, é o *Dasein*\* pois ele é visto como uma presença individual, diferenciado do mundo, ao mesmo tempo que inserido neste.

---

\* Apresentamos o termo *Dasein* no segundo capítulo.

Assim como Ponciano Ribeiro, o psicoterapeuta brasileiro Afonso Fonseca (2005) também se preocupou em traçar aproximações entre a filosofia hermenêutica de Heidegger e a visão de homem da Gestalt Terapia. Na realidade, ele vai ainda mais adiante quando afirma que: “os seres humanos vivem de *interpretar* as possibilidades de seu *ser no mundo*, vivem da interpretação fenomenológica-existencial do seu vivido... (p.44).” \* Fonseca aponta que há uma ligação absoluta entre a noção de interpretação fenomenológica-existencial e a de compreensão. Deste modo, a interpretação fenomenológico-existencial é um modo de interpretação compreensiva. A compreensão é “...a própria constituição imediata do vivido do ser no mundo.” (45).

Quanto à concepção filosófica da Gestalt Terapia, Fonseca acredita que seja focada na “acentuação do vivido, do vivencial devir de seus desdobramentos, e de sua expressividade imediata – tanto na terapia como na cotidianidade, como atitudes provedoras das dinâmicas de auto-regulação orgânica da pessoa...” (p. 61). Ele destaca a abordagem gestáltica e abordagem rogeriana como sendo aquelas que mais valorizam a efetiva compreensão do vivido do cliente.

Fonseca destaca a importância da pouco valorizada Psicologia do Ato de Franz Brentano para o conceito de experimento assumido pela Gestalt Terapia. O papel de Brentano na história da psicologia foi de grande importância pela sua contestação à ciência experimental desenvolvida por Wundt, buscando um novo sentido, a partir do ponto de vista existencial fenomenológico. Deste modo, deu ênfase ao que Fonseca chama de empirismo fenomenológico, que aparece sustentando a teoria da Gestalt Terapia:

---

\* Os grifos são do autor.

É de raiz bastante profunda, arraigada e consistente, portanto, o sentido do sentido experimental na fundamentação filosófica, na concepção teórica e método da Gestalt Terapia. E justamente assim, em termos de fundamentação filosófica, de concepção, e de, digamos, método. A Gestalt Terapia fundamenta-se e enraíza-se, desta forma, no leito consistente da fenomenologia existencial e de uma filosofia de vida, e da existência, eminentemente afirmativa experimental, perspectivativa.... Para a Gestalt Terapia, neste sentido, a própria vivência, o vivido e seus desdobramentos em devir, constituem-se, e afirmam-se, como *dominâncias* orgânicas. (op. cit., p.81)\*

Alguns autores que trataram da aplicação do método fenomenológico à prática da Gestalt Terapia falam de uma abordagem dialógica como sendo a mais apropriada para esta intenção, compreendendo a psicoterapia dialógica como a aplicação do conceito de diálogo proposto por Martin Buber. Procurando a definição de diálogo no Novo Dicionário Aurélio (1971): “(Do gr. Diálogos, pelo lat. Dialogu) S.m. 1. Fala entre duas ou mais pessoas; conversação, colóquio. 2. Obra literária ou científica em forma dialogada 3. Troca ou discussão de idéias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia; comunicação.” (p.471).

Como escreveu o psicoterapeuta americano Richard Hycner (1987), em livro escrito em co- autoria com Lynne Jacobs chamado “Relação e Cura em Gestalt-terapia”:

Ao discutir o dialógico não estou me referindo ao discurso, mas sim a uma atitude, awareness e abertura de se preocupar com a outra pessoa, única, e a nossa conexão inter-humana com essa pessoa. Estou falando de uma atitude genuína de sentir, sensibilizar e experienciar as outras pessoas *como uma pessoa* ( não como objeto ou parte de objeto); e disponibilidade para “ouvir” profundamente a experiência da outra pessoa sem julgamentos. É a abertura para “ouvir” o que não está sendo falado e para “ver” o que não é visível. É a presença para o mistério de nossa interexistência. (p.16)

Fonseca (2005) também destaca a filosofia de Buber como uma importante contribuição para a Gestalt Terapia. Em seu artigo afirma que Laura Perls fora particularmente afetada pelo pensamento de Buber, mas que Fritz Perls também sofrera influências deste filósofo. Fonseca

---

\* Os grifos da citação são do autor.

considera que: “A contribuição de Buber para a ontologia dialógica do humano é fundamental para a concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial”. (p.76).

Uma relação dialógica apresenta-se, então, como um modelo de relação baseado no diálogo, como uma forma de interação que pressupõe um processo comunicacional, de troca de informações. É na interação que ocorre entre o cliente e o psicólogo que o diálogo ocorre, enquanto um ato onde se compartilham significados. Partindo desta experiência conjunta o cliente vislumbrará novas possibilidades para sua vida, que antes estavam adormecidas, podendo se organizar dispondo dos seus próprios recursos. Esta crença no poder da relação dialógica de promover o re-estabelecimento do fluxo da *awareness* gerando crescimento e expansão das fronteiras de contato, é um dos pontos em comum da visão de homem da Gestalt Terapia com a concepção de Buber do encontro EU-TU.

O psicoterapeuta francês, Jean Ambrosi (1984), destacou a importância de se distinguir o trabalho inicial de Fritz Perls, bastante restrito em termos de publicação e de elaboração teórica, da necessidade posterior dos outros autores desta abordagem buscarem suportes filosóficos e teóricos para suas práticas. Ele mesmo apontou alguns aspectos comuns entre o pensamento de Heidegger e as propostas da Gestalt Terapia. Segundo suas palavras:

O “já presente” que Heidegger evoca nos dispensa de todo projeto que poderíamos formular para o outro. Não se trata em gestalt terapia unicamente de estar presente. Veremos que a qualidade desta presença obriga o terapeuta a um esforço pessoal de constância e de objetivo similares àquele da pessoa do paciente (mesmo se, falando-se propriamente, não se trata de estabelecer uma dinâmica a partir de um estado de mal estar para um melhor estar... (ibid., p. 62)

A intenção deste autor é prover a Gestalt Terapia de ferramentas conceituais adequadas para assegurar uma postura teórica e clínica dinâmica e dialética. Ele destaca que uma das grandes novidades trazidas pela Gestalt Terapia foi a valorização da responsabilidade por parte dos pacientes. “A pessoa nunca é somente a vítima que ela gosta de menosprezar. Tampouco é o agente único de seu mal-estar. Ela combina as atitudes de vítima e de agente

responsável.” (ibid., p. 63). O sentido de responsabilidade trazido pela Gestalt Terapia é, sem dúvida, um ponto de conexão com o pensamento sartriano, com uma visão existencialista de ser humano. Pensar o homem como estando sujeito às demandas do meio e, ao mesmo tempo, sendo autor de sua própria vida foi um marco diferencial bastante importante em relação ao pensamento psicanalítico da época do surgimento da Gestalt Terapia. Não podemos nos esquecer de que o caminho profissional de Perls foi traçado, durante muito anos, como adepto do movimento psicanalítico. Parte do seu rompimento se dá quando ele adere a esta visão de homem responsável, não previsível, onde o suceder dos acontecimentos da sua vida não responde a uma visão causal de realidade. No entanto, não podemos negar que a obra de Perls não nos deu subsídios suficientes para compreender o lugar da filosofia fenomenológica e existencial na Gestalt Terapia.

#### 4 – As novas contribuições à teoria da Gestalt Terapia.

Partindo das principais bases teóricas e filosóficas da abordagem gestáltica apresentadas no capítulo anterior, procuraremos sistematizar a seguir algumas das contribuições trazidas por autores atuais desta abordagem enquanto revisões teóricas. Acreditamos que o conceito de mudança na Gestalt Terapia deva ser sustentado, tanto sobre suas bases iniciais, quanto sobre as releituras teóricas que apresentaremos a seguir.

O americano Gary Yontef é um dos autores mais renomados e reconhecidos nesta abordagem na atualidade, tanto por seu papel de formador de novos profissionais (tendo estado à frente do Instituto de Gestalt de Los Angeles por muito tempo e viajado por outros países difundindo seu trabalho teórico e prático na abordagem), quanto pelo valor das suas publicações, que buscam revisões e apresentam propostas concretas de modo sistematizado e consistente.

Yontef defende a idéia de que a Gestalt Terapia é uma Teoria de Campo Fenomenológica baseada no modelo dialógico de relacionamento clínico. Conforme suas palavras:

A abordagem de campo gestáltica é fenomenológica. Ela estuda o “campo” conforme ele é experienciado por uma pessoa, num dado momento. Em termos fenomenológicos qualquer evento pode ser estudado ou experienciado. “Experienciado” não significa apenas ou principalmente “subjetivo” ou “sentido”. Isto inclui a experiência “objetiva” ou exterocepção, tanto quanto emoções ou outras experiências “subjetivas”. (1993, p. 159)

Mais adiante este autor resume esta proposição do seguinte modo:

A abordagem gestáltica é uma abordagem de campo fenomenológica, por seu aspecto de descrever, em vez de presumir ou explicar. A *awareness* imediata é usada para obter *insight* da estrutura básica do campo... O objetivo da Gestalt-terapia é compatível com a afirmação anterior, no aspecto de a própria *awareness* ser o único objetivo. (ibid., p. 161)

Segundo esta concepção de Yontef, a Gestalt Terapia firma suas bases sobre um modo de pensar os fenômenos, coerente com os pressupostos das teorias de campo. Yontef não se

restringe a nenhum autor especificamente quando se refere à importância da teoria de campo para esta abordagem, mas preocupa-se mais em investigar as implicações desta adoção. O que ele nos aponta é que uma destas principais implicações seja exatamente relativa ao tema da mudança, pois pensar os fenômenos humanos como fenômenos de campo significa assumir que a mudança é uma constante, que nada é estático e que tudo na vida está em movimento. As teorias de campo são teorias processuais que valorizam o fato de que tudo no campo é um eterno vir a ser.

Quanto ao embasamento fenomenológico da Gestalt Terapia, Yontef enfatiza o caráter da observação fenomenológica presente nesta abordagem na qual não se privilegia apenas o comportamento observado, mas também os relatos pessoais, buscando uma descrição daquilo que a pessoa experimenta na situação atual. Voltando-se para o tema da mudança propriamente dito Yontef destacou que:

Na terapia verbal tradicional e na terapia comportamental há um objetivo extrínseco: o paciente não está bem, assim como está. Frequentemente, é feito um acordo entre o terapeuta e o paciente. O terapeuta é o agente da mudança, e o paciente chega a um estado ideal (objetivo-conteúdo), tentando ser o que ele não é. Na Gestalt Terapia, acredita-se que a mudança ocorre antes, conhecendo-se claramente e aceitando o que é dado: quem você é e como você é. Nosso único objetivo é aprender a usar esse processo de awareness. (1998, p. 219)

Neste sentido, Yontef aponta que há uma enorme diferença na compreensão da mudança na Gestalt Terapia em relação às outras abordagens citadas, pois o profissional não busca ser um agente de transformação, levando ao paciente a ser algo diferente do que ele é. O trabalho de busca de incremento da *awareness* é um trabalho que visa que a pessoa possa se dar conta do que ela é em cada momento, não buscando ser diferente do que se é. A mudança pode acontecer de modo absolutamente espontâneo e sem uma intenção de direcionamento para algum objetivo específico. Esta compreensão da mudança encontra-se na Teoria Paradoxal da Mudança de Beisser, concepção esta apresentada em um livro de Gestalt Terapia da década de 70 e retomada por Yontef na atualidade. Em resumo, Yontef defende de que a Gestalt

Terapia tem “um arsenal de tecnologia fenomenológica para usar” (p.222), ao invés de fazermos um mero contrato com o cliente de modificá-lo.\*

Para este autor, realmente a Gestalt Terapia se propõe a utilizar um enfoque novo dentro do campo das psicoterapias de uma maneira geral. Não podemos nos enquadrar dentro de nenhum rótulo previamente definido, ou seja, não somos uma proposta de psicoterapia verbal, corporal, comportamental ou terapia de encontro. A Gestalt Terapia tem uma proposta bastante própria de atuação que é a de focalizar a *awareness* buscando o incremento do fluxo da auto-regulação orgânica, mas dentro de um modelo dialógico de relacionamento interpessoal.

Deste modo, não atuamos sobre propostas de técnicas previamente definidas, pois partimos da realidade da experiência daquela pessoa que está ali, no momento da consulta. O experimento, principal recurso técnico desta abordagem, é na realidade a busca de algo que possa facilitar esta pessoa a experimentar aquilo que ela está experienciando neste seu momento atual. Sendo assim, o experimento é único e totalmente relacionado ao contexto de vida daquela pessoa, e dependente do momento no qual ele é proposto.

Outro autor de importância no cenário Gestalt Terapia da atualidade é o americano Richard Hycner. Conforme citação deste autor transcrita na página 58, fica evidente que o mesmo valoriza a postura dialógica como a mais adequada ao profissional da abordagem gestáltica. Este autor acredita que esta postura permite que possamos “ouvir o que não está sendo dito e ver o que não está sendo mostrado” quando nos propomos a experienciar junto com a outra pessoa. O que será isto então que ele denomina de não dito e não visível que acontece no encontro entre pessoas? Ele fala de um mistério que se revela na inter-existência. Será que psicoterapia diz respeito a este mistério? Falar de psicologia clínica é falar de uma relação que

---

\* A teoria paradoxal da mudança foi apresentada no capítulo anterior.

se estabelece entre duas ou mais pessoas. É falar de uma interação que ocorre e de algo que acontece a partir disto. É falar de contato. Psicoterapia, portanto, pressupõe contato, pressupõe diálogo. E o que é isto que denominamos um encontro e qual a função do psicoterapeuta nesta perspectiva? Diz Hycner:

Nosso ser, e conseqüentemente, nosso *self*, é tão entrelaçado com o dos outros que, sem *encontro* com a alteridade, não se poderia existir como humano. Precisamos genuinamente encontrar os outros, validar sua condição de pessoa, ser encontrado e validado por eles. Precisamos viver na *awareness* do que Buber denominou de inter-humano. (1997, p. 189)

Portanto, Hycner fala do contato entre duas pessoas dentro da perspectiva do encontro. O encontro como o momento onde um ser humano se revela a outro ser humano. Ele descreve o papel da psicoterapia (mas não só da psicoterapia) como o lugar onde a pessoa possa ter confirmada a sua validade como pessoa no mundo. Como tratado no capítulo anterior, Hycner faz uso da filosofia de Buber para tratar do encontro como o momento onde o “Eu e Tu” se dá numa relação. Deste modo, a sua perspectiva de *self* e o sentido de humanidade vão sendo construídos na relação dialógica, na alteridade.

O inter-humano – o entre – é uma esfera distinta abrangendo pelo menos duas subjetividades que manifestam as relações Eu-Tu e Eu-Isso. Essa abordagem enfatiza que os seres humanos são inextricável e ontologicamente – não apenas psicologicamente – entrelaçados uns com os outros.

... A partir da perspectiva dialógica, o *self* é somente um dos pólos, embora certamente o principal dentro do processo de expansão do entre. O *self* é m produto do entre e não vice-versa. (ibid., p. 189)

Qual é então o limite entre o individual, a pessoa em si, e o outro(s) envolvido(s) nesta relação dialógica? Onde acaba o Eu e se inicia o Tu? Pela teoria da Gestalt Terapia, conforme exposta anteriormente, este limite entre o indivíduo e o que o cerca se dá na fronteira de contato organismo/meio. Como vimos, é aqui que o conceito de *self* é utilizado. O *self* se constitui como este sistema de contatos que se dá na fronteira. É, portanto, um *self* relacional e processual.

Segundo a Teoria do *Self* proposta no primeiro livro de Gestalt Terapia (1951), já discutido em capítulo inicial, este era definido:

- O *self* é um sistema complexo de contatos.
- O *self* é um processo de formação de figura/fundo em situações de contato.
- O *self* não é uma instituição fixa e sim um processo de ajustamento do organismo às dificuldades experienciadas na fronteira de contato.
- O *self* em algumas situações pode estar diminuído, em outras mais expandido.
- Na neurose há uma inibição do *self*.
- O *self* é sentido como uma potencialidade.
- O *self* é espontâneo.
- O *self* não é nem ativo nem passivo.

Neste livro os autores defendem a idéia de que com a liberação do *self* haveria um “crescimento” do indivíduo. Esta visão de crescimento é apontada em vários momentos como uma das decorrências de um processo de psicoterapia bem sucedido. No entanto, não há uma definição precisa do que se considera um processo de crescimento. Os autores falam que com o crescimento da pessoa ocorre um processo simultâneo de crescimento do *self* (ou vice-versa). No último livro de Fritz Perls há a seguinte definição da Gestalt Terapia:

A idéia da terapia Gestalt é transformar pessoas de papel em pessoas reais. Eu sei que é uma tarefa ambiciosa. É fazer o homem inteiro de nosso tempo vir à vida, e ensiná-lo a usar seu potencial inato para ser, digamos, um líder sem ser um rebelde, tendo um centro ao invés de viver inclinado... Deixem-me repetir isto. Tornamo-nos fóbicos em relação à dor e ao sofrimento. Qualquer coisa que não seja alegre ou prazerosa é evitada. Assim, fugimos de qualquer frustração que possa ser dolorosa e tentamos diminuí-la. E o resultado é uma falta de crescimento. Quando falo numa prontidão para ir ao encontro do desagradável, certamente não estou falando de uma educação para o masoquismo; pelo contrário, o masoquista é uma pessoa que tem medo da dor e se treina para tolerá-la. Falo do sofrimento que acompanha o crescimento. Falo de encarar honestamente as situações desagradáveis. E isto se acha muito ligado à abordagem gestáltica. (1977, 131-132)

Então, desde o primeiro livro até este último, já estava explícita a idéia de que o crescimento é um processo conseqüente ao contato. O processo de crescimento foi também nomeado como processo de restauração e de assimilação. O crescimento é conseqüência do ajustamento criativo, e não um processo que se dá ao nível da consciência. Deste modo, isto que foi chamado por crescimento diz respeito a uma mudança, a uma modificação no modo de funcionamento do sistema. Parece-nos bastante incoerente o uso de conceitos tais quais: centro, potencial inato, crescimento - conforme expostos na citação, com a proposta da teoria de *self* apresentada acima. Esta era contrária à noção da existência de instâncias psíquicas, à visão subjetivista de homem e ao pensamento científico atomista. Então como seria dizer que o *self* cresce, se modifica, como conseqüência do ajustamento criativo? Parece que esta descrição, de um certo modo, fala de um processo que é self-centrado, focado no indivíduo. Como delimitar o que é mudança estrutural (alteração na estrutura do *self*) e o que é processual? Talvez este processo de assimilação (crescimento) na realidade possa ser melhor entendido como um processo de re-estruturação energética e informacional, não objetivamente quantificável e/ou mensurável. Este é um dos temas que vem sendo discutido e re-pensando por alguns dos autores atuais na Gestalt Terapia.

Em livro recentemente publicado pelo Gestalt Terapeuta Jorge Ponciano Ribeiro, este autor se propõe a fazer uma substituição do conceito de *self* nesta abordagem pelo conceito de ipseidade. Este conceito foi usado pela primeira vez por Duns Scot, filósofo da Idade Média, que o definia e utilizava “... “para indicar a singularidade da coisa individual”...” (in Ponciano Ribeiro, 2005, p. 26).

Ponciano Ribeiro em seu livro pondera que:

Self, como tudo no universo, é estrutura e processo. Como estrutura, permanece sempre ele mesmo; como processo, evolui, cresce e se desenvolve... Self é uma propriedade da personalidade, é um subsistema num sistema maior...; por isso estou indo além do self. Estou propondo ipseidade, que, como o self, é estrutura e processo, dependendo do ângulo do qual ambos são observados... Enquanto self é um “si-mesmo” mais

geograficamente relacional, fundamentado no aqui e agora, ipseidade é um “si-mesmo” mais pleno, cosmicamente relacional e baseado no lá, no aqui, apontando teleologicamente para o futuro. É um si mesmo fruto da evolução e em permanente evolução... (ibid, 27-28)

A grande preocupação deste autor não é simplesmente trocar o termo *self* por outro, mais adequado, mas sim questionar o modo como este conceito foi usado na teoria da Gestalt Terapia. Ponciano Ribeiro (2005), em concordância com outros autores, como Yontef (1998), por exemplo, acredita que houve uma má utilização deste conceito, de modo impreciso e pouco fundamentado epistemologicamente, o que gerou muita confusão e deturpação na sua definição. O *self* foi de certo modo reificado - sendo entendido como algo, como um isto, como um objeto. Deste modo, a visão do *self* como estrutura ficou mais evidente e valorizada do que a noção deste como processo. Ponciano Ribeiro não está propondo a destituição da importância deste conceito na Gestalt, mas sim uma revisão do mesmo.

A proposta da troca do termo *self* por ipseidade é apenas uma tentativa de se libertar do mau uso do mesmo que veio sendo feito no campo teórico da Gestalt Terapia (mas não só nesta abordagem!). Na realidade, este autor aponta que, assim como a noção de *self*, as noções de sujeito e de subjetividade também sofrem da “má teorização” por parte de vários autores desta abordagem. Estes termos são usados de uma forma pouco criteriosa e sem grandes ponderações sobre o real significado e da coerência dos mesmos com o pensamento fenomenológico, organísmico-holístico e de campo. Pelo pensamento gestáltico, o *self* é o modo de contato do eu com a realidade. Ele é um subsistema relacional do sistema maior, que é a personalidade como um todo.

Penso que agora seria importante voltarmos à visão do Holismo de Smuts no qual ele apregoa que o mais alto e complexo sistema holístico é a personalidade. A função relacional da personalidade, para Smuts, é a mente. Aqui fica evidente uma clara discrepância entre a formulação inicial do Holismo de Smuts e da utilização destes conceitos pela Gestalt Terapia

nos seus primeiros livros. Aquilo que vem sendo chamado de *self* pela Gestalt Terapia foi definido por Smuts como a função mental do homem. A personalidade, sistema holístico mais evoluído existente segundo Smuts, é para a Gestalt Terapia uma função do *self*. Logo, há uma clara inversão nestes conceitos – para Smuts a personalidade é o sistema holístico mais evoluído e que diferencia o homem de todos os outros seres da natureza. A personalidade tem como substrato a relação entre a mente e o corpo, entre a mente e a realidade.\*

Deste modo, concordo com as ponderações trazidas por Ponciano Ribeiro da inadequação do uso do conceito de *self* na Gestalt Terapia. No entanto, localizo a raiz deste problema muito mais na falta de suporte epistemológico no pensamento holístico do que numa deturpação do significado real deste termo. A personalidade, holisticamente pensada, não é uma função do *self* (o *self* sim é uma função da personalidade!).

Acredito que para repensarmos o conceito de mudança em psicoterapia, primordialmente pensando na abordagem gestáltica, precisamos nos embasar melhor sobre estas noções – de *self*, sujeito e personalidade. Precisamos destituir estes conceitos do seu lugar de instâncias psíquicas, de objetos tangíveis e palpáveis, mesmo que relacionais. O caráter estrutural-processual de constituição do *self* (ou do sujeito, ou da personalidade, ou da subjetividade, seja lá como estes conceitos são organizados por cada autor), não pode ser compreendido de modo objetivista. \*\*

Voltando ao pensamento de Ponciano Ribeiro, que busca resgatar esta grande confusão que ocorreu na Gestalt Terapia com o conceito de *self* e de personalidade holísticos. Ele diz:

---

\* Ver o que já foi exposto sobre o Holismo a partir da página 64.

\*\* O termo objetivista não diz respeito a objetivo, mas sim a objeto.

Self é o nosso sistema que acolhe nossas vicissitudes operadoras de mudança, às vezes em equilíbrio, às vezes em equilíbrio precário, às vezes em equilíbrio estável. Como uma propriedade da pessoa humana, como um sistema integrador de outros sistemas, todos eles subsistemas em escalas quantitativa e qualitativa diferentes de um sistema maior e unificador máximo das potencialidades em atualização, self deixa de ser algo indefinido, reflexo de algo maior, para ser, ele mesmo, um dos centros, uma das zonas energéticas da pessoa humana. (2005, p.55)... self e eu são expressões energéticas de forças que dominam o campo em dado momento e em dado espaço (ibid., p. 60). Self é quase a finalização de um processo evolutivo de alta complexidade, por meio do qual ele foi deixando todas as fases ou níveis inferiores, acumulando o melhor da evolução até se tornar o “si-mesmo”, um atributo da personalidade.(ibid., 66)

Para Ponciano Ribeiro (2005), a processualidade do *self* lhe é conferida pelo seu caráter temporal. A espacialidade do *self* lhe confere a possibilidade de se reconhecer, como si-mesmo, enquanto um *continuum* em permanente mudança. Esta concepção de self respeita os fundamentos da Teoria de Campo de Kurt Lewin e do pensamento sistêmico orgânico de Goldstein. O self processual/estrutural, temporal/espacial também se torna coerente com o pensamento fenomenológico do *dasein* heideggeriano. Além disso, fica evidente a postura ecológica-holística de *self* enquanto um *continuum* auto-eco-atualizador.

Outro autor que propôs modificações quanto ao conceito de *self* na abordagem gestáltica foi Yontef. Para ele não podemos pensar este conceito sem nos remetermos ao pensamento da teoria de campo. Conforme suas palavras: “O conceito de self da Gestalt-terapia é outro exemplo. Acredito que este seja um conceito muito mais elegante e útil do que se pensa, mas ele só pode ser adequadamente entendido no contexto da teoria de campo.” (1998, p. 177). A noção do *self* como processual só pode ser realmente entendida dentro de uma perspectiva de campo. Assim como apontou Ponciano Ribeiro, Yontef reconhece que a teoria de campo capacita a Gestalt Terapia a entender o *self* como processo e estrutura, simultaneamente.

Esta particularidade da teoria de campo, de estudar os eventos psíquicos sempre em processo dinâmico e movimento, deriva-se de sua conceituação originária trazida da física e transposta para a psicologia. A teoria da relatividade trouxe a compreensão do campo como

um continuum nos quais os organismos existem apenas como interações de forças no campo. Deste modo, o *self* só se estrutura em processo constante de mudança e transformação originado pelas interações de força que se dão no campo. “Freqüentemente, pequenas mudanças têm efeitos enormes, porque tudo no campo é afetado de maneira imprevisível.” (ibid, p. 196). O pensamento linear mecanicista não está apto para tratar dos processos de mudança dentro de uma perspectiva de campo. A Teoria do Caos foi um dos recursos teóricos para se pensar a mudança nesta ótica – da instabilidade e da imprevisibilidade.

Os fenômenos que acontecem em um campo são sempre fenômenos energéticos nos quais há uma especificação de tempo e lugar. “Para estudar um evento, sejam os eventos subatômicos da mecânica quântica ou os movimentos celestiais da teoria da relatividade, o evento precisa ser posicionado no tempo e no espaço.” (op. cit., p. 199). Assim sendo, as forças energéticas que atuam em um campo estão em interação no momento presente (tempo) em um dado contexto (espaço). Daí surge a orientação processual do *self* em Gestalt, na qual toda a energia está em movimento o tempo todo, em um processo de vir-a-ser. Matéria e energia não são estados antagônicos. A matéria é uma condensação de energia em um dado momento do processo em andamento.

Na teoria de campo da Gestalt-terapia, tudo é considerado energia, e o movimento de um campo (nossa área: o campo organismo/ambiente). Tudo é ação e está no processo de vir a ser, no processo de evoluir e transformar. (op. Cit., p. 202)

Portanto, segundo o pensamento de Yontef, a mudança é inevitável e a *awareness* é o instrumento que temos para lidar com ela - através da *awareness* podemos nos dar conta da realidade experiencial em cada momento. O *self* é este sistema de *awareness* em

funcionamento no campo, que con-figura (forma uma figura) dando um significado à experiência temporalmente e espacialmente situada.

Em artigos de Cláudia Baptista Távora (1999, 2004), esta autora propõe que passemos a pensar o modelo de *self* na Gestalt Terapia como um *self* emergente. Távora opõe-se radicalmente ao modelo de *self* aprisionado, encapsulado, *self* como instância psicológica. Para ela, a visão de *self* processual já estava formulada na obra inicial de Perls, Hefferline e Goodman (1951). Segundo suas palavras:

A riqueza dessas concepções se deve ao fato de caracterizarmos o self não como uma entidade fixa ou uma instância psíquica (como “eu” ou “ego”), mas sim como processo pessoal e característico, maneira de reagir em dado momento e campo; não tanto como “núcleo” rígido de personalidade, mas como estilo pessoal; não como “estrutura” mas como função de contato; não o “ser”, mas o em-sendo-no-mundo. (1999, p. 12)

Távora (1999) afirma que devemos pensar o *self* como um *self* emergente, ou seja, como um *self* que vai sendo criado no diálogo que se estabelece entre pessoas. Diálogo aqui compreendido como um processo interacional/informacional, como já tratamos no capítulo anterior. Esta concepção de *self* emergente compartilha do ponto de vista de outros referenciais teóricos, mais especificamente das propostas psicológicas em teoria sistêmica que compreendem o processo psicoterápico como um processo conversacional. Algumas contribuições do pensamento sistêmico para a psicologia serão discutidas no próximo capítulo. Em Gestalt Terapia seria correto pensarmos em um modelo conversacional dialógico pelo qual, através do diálogo que se estabelece na relação terapêutica, vão emergindo novos selves, decorrentes das interferências mútuas entre cliente e terapeuta e atravessados pelos contextos de vida de cada um. No entanto, muito pouco foi feito a partir da formulação inicial da Teoria de Self do primeiro livro de Gestalt Terapia. “De modo que o amadurecimento dessa abordagem depende, também da nossa capacidade/disponibilidade para acompanhar o

tempo e recolocar, no presente, nossos projetos e propostas sobre o homem e o mundo.”  
(Távora, 1999, p 10).

Em consonância com a visão de *self* apresentada inicialmente na Gestalt Terapia de que o *self* não é uma figura, mas sim o processo dinâmico de construção de figuras, Távora (2004) re-afirma a importância do entendimento do *self* como algo que nunca está pronto, como em processo de permanente mudança e transformação dos seus entornos. Portanto, o *self* na Gestalt Terapia deve ser tratado dentro de uma visão teórica temporal e não encapsulada (o *self* não está dentro da pessoa e nem se constitui como um núcleo). Távora adere ao conceito de subjetividade como o de uma experiência em permanente movimento na qual subjetividade e temporalidade são co-relacionadas.

Esta reformulação na visão de *self* proposta traz inúmeras implicações na prática clínica. Um dos aspectos que gostaria de destacar é a impossibilidade de se adotar um modelo de psicodiagnóstico fechado, que prevê a detecção dos principais sintomas a fim de se buscar um padrão de referência para se diagnosticar. Por este modelo oriundo do pensamento médico, a busca é de que o paciente possa ser identificado segundo uma categoria previamente definida. O caráter da processualidade do *self* é ignorado e o psicodiagnóstico tem a pretensão de encaixar a realidade de uma pessoa específica dentro de padrões prévios de descrição de comportamentos e sintomatologia.

Neste sentido, vários autores vêm contribuindo com propostas inovadoras de modelo diagnóstico. Estas propostas baseiam-se na visão do diagnóstico também como um processo, algo que não se encerra (em todos os sentidos). O psicodiagnóstico vai acontecendo na dialogicidade da relação entre cliente e psicoterapeuta. O lugar de poder do psicoterapeuta que lhe é conferido na medida de que ele está apto a dizer o que o outro tem (qual a doença em que se encaixa), é transformado em uma proposta onde a *awareness* do cliente é que serve como referência para ir acompanhando a experiência que vai sendo vivida no Aqui/Agora.

Podemos destacar as colegas brasileiras, Barroso (1991) e Frazão (1991,1995), pelo muito que nos tem acrescentado através da publicação de artigos e apresentações deste tema nos congressos desta abordagem. Segundo Frazão (1991) “o paciente traz no aqui-e-agora aquilo que sabe de si ou pode comunicar de si.” (p.15). Já segundo Barroso:

Diagnosticar um ser humano no contexto da psicoterapia implica, pois, para mim, em seguir acompanhando-o, renovando constantemente o saber. Significa prosseguir (re)conhecendo-o ao longo de sua existência, através das relações que ele estabelece com e em seu mundo. Através de sua relação comigo, através das relações que ele mantém com seus sujeitos e objetos, com os objetos-sujeitos e sujeitos-objetos de seu dia-a-dia, com os eus, os tus, e os issos com os quais interage nos tempos e espaços que segue percorrendo. (Barroso, 1991, p.56)

Portanto, para se pensar a mudança como um processo natural do fluxo do vir a ser, fluxo este que não tem direção previsível e nem intenção possível de dirigi-lo, o modelo de psicodiagnóstico processual proposto por estas autoras irá permitir que o profissional vá acompanhando as “novas configurações que as gestalten”\* trazidas por seus clientes irão traçando ao longo do tempo.

Outro autor que tratou do tema da mudança na Gestalt Terapia foi o americano Joseph Zinker (2001). Este autor foi discípulo direto do casal Perls e é psicoterapeuta e formador mundialmente reconhecido, e que tem se destacado no ensino e na prática do atendimento familiar e de casais.

Referindo-se ao papel do psicoterapeuta nesta abordagem como o de um observador atento aos aspectos estéticos do processo de auto-regulação do(s) cliente(s) ele diz que “... a formação e destruição de gestalten é um processo estético e não simplesmente utilitário.” (ibid., p. 52). Quando ele resgata a visão do processo da auto-regulação como um processo estético ele se reporta à lei da boa forma do gestaltismo, acreditando que todo fluxo de

---

\* Coloco a expressão entre aspas, pois uso de total licença poética para tratar do vocabulário gestáltico..

destruição e reestruturação de gestalten é regido por esta lei. Este processo demanda um fluxo energético que é mobilizado através da *awareness*. Deste modo, Zinker concebe a patologia como “...interrupções no processo natural que levam a esforços repetidos, e muitas vezes corajosos, para resolver o problema . A patologia é conceituada com uma interrupção no processo – um impasse...” (ibid., p. 52). Quanto ao terapeuta em gestalt ele diz:

Algo pode acontecer, mas se não houver alguém para testemunhar, isto terá algum significado? Nossa presença e nossas intervenções ajudam a criar mudança por meio da ampliação da *awareness* e da articulação de significado ao sustentar o contato por intermédio do diálogo e do encontro imediato. (p.53)

Como vemos, este autor concebe o papel do psicoterapeuta como o de “testemunha-dor” mas também como o de alguém que intervêm e promove mudanças através das suas intervenções. A “presença” do psicoterapeuta é uma presença intervencionista e ele usa o termo “agente de mudança” para falar deste papel. (ibid., p. 54). Ele concebe a “presença” do psicoterapeuta como a possibilidade deste utilizar de “si-mesmo-como-um-instrumento” no processo terapêutico. Estar presente significa estar totalmente centrado para permitir que o sistema-cliente emerja, brilhe, se envolva, e seja assimilado”. (p., 56-57).

Fica evidente que a concepção de Zinker sobre o papel do psicoterapeuta em Gestalt difere, significativamente, da postura de outros autores apresentados, como Yontef e Hycner, que tratam deste papel dentro de um modelo absolutamente fenomenológico e dialógico. Na realidade, esta confusão não se situa neste exemplo específico, mas é bem mais abrangente. Sabemos que hoje em dia existem duas tendências distintas na formação dos profissionais desta abordagem – uma mais diretiva e outra mais fenomenológica. Como o próprio Zinker expõe (ibid., p. 54), ele compreende a Gestalt Terapia como uma abordagem que integra a visão fenomenológica com uma atuação behaviorista em muitos momentos. Ele se refere ao behaviorismo como sendo uma prática que busca a modificação comportamental. “Isto dá à Gestalt Terapia a característica única de modificar o comportamento consciente do cliente na

situação da terapia.” (ibid., p. 37). completando esta idéia ele diz que “trabalhamos com a *awareness* o tempo todo, e conforme ajudamos os sistemas-pacientes a articular sua *awareness*, eles lentamente se experienciam mudando.” (ibid., p. 44).

A contribuição de Zinker para o conceito de mudança é ambígua, pois, conforme vimos acima, em alguns momentos ele considera que o Gestalt Terapeuta deva ter um modo de intervenção behaviorista. Em outros momentos ele diz que o conceito de mudança no behaviorismo difere do nosso, pois os modelos de terapia behaviorista “...oferecem mudança sem a responsabilidade necessária para realizar escolhas. O cliente ou o sistema-cliente muda sem participar ativamente do processo de mudança.” (ibid., p. 115). Quanto à Gestalt Terapia, o aprofundamento da *awareness* na pessoa dota-a de um maior sentido de responsabilidade em relação as suas atitudes. Zinker cita um trecho do livro de Nevis, para exemplificar seu conceito de mudança:

A mudança não acontece por intermédio de uma tentativa de coerção do indivíduo ou de outra pessoa que tente mudá-lo, mas acontece se a pessoa dedicar tempo e esforço para ser aquilo que é – para investir plenamente em suas posições atuais. Ao rejeitar o papel de agente de mudança, tornamos possíveis as mudanças significativas e ordenadas. (in Zinker, 2001, p. 125)

A visão de Nevis trazida por Zinker é totalmente congruente com a teoria paradoxal da mudança, já apresentada. O grande paradoxo desta teoria é que a mudança ocorre quando a pessoa busca ser como ela é, e não diferente. Esta concepção em nada se aproxima de algumas das idéias de Zinker que expusemos, onde o gestalt terapeuta tem um papel ativo na transformação comportamental do cliente (s). Esta confusão conceitual é um mero reflexo de uma grande confusão que ocorre entre os profissionais desta abordagem quanto ao seu papel profissional. Deste modo, só poderemos pensar a mudança de uma forma realmente coerente se deixarmos nossas bases epistemológicas absolutamente claras – se delimitarmos nosso “campo teórico e conceitual”. A minha proposição, que venho desenvolvendo ao longo desta

tese, é de que não podemos nos afastar das premissas do pensamento holístico, organísmico, fenomenológico e de campo para termos um respaldo teórico e filosófico adequado.

O psicoterapeuta francês, Jean-Marie Robine (2003), dá destaque ao papel da teoria de campo para este objetivo. Ele sugere que a Gestalt Terapia deveria se diferenciar um pouco da abordagem dialógica e se centrar mais nos aspectos propriamente do campo. Compreende que pela perspectiva dialógica consideramos duas individualidades, separadas, que se encontram e se transformam a partir deste encontro “no campo”. Um outro modo de entender a situação é a perspectiva que trata dos acontecimentos que são “do campo”, que são situacionais. Esta distinção, entre uma “teoria no campo” e uma “teoria do campo”, Robine dizia já estar presente no primeiro livro de Gestalt Terapia publicado. Neste livro, ao qual nos referimos diversas vezes ao longo desta pesquisa, o *self* é descrito como engajado na situação. Citando-o, Robine destaca “... “não existe um sentimento de si e ou de outros objetos fora da experiência que temos da situação”.” (in Perls, Hefferline e Goodman, 1951, p. 220).

Dentro desta proposta, Robine destaca que outro aspecto do *self* é que este é uma função móbil do campo. Na situação que acontece as pessoas envolvidas ao mesmo tempo em que são feitas pela situação, participam da criação desta. É no vínculo com a situação que o *self* se desenvolve. O sentido emerge da situação, a realidade que percebemos não se difere daquela que estamos construindo, a cada momento. “O trabalho de restauração do *self* está, portanto, muito mais ligado a um enraizamento na situação do que a uma avaliação feita por uma pessoa sobre a psique da outra.” (Robine, 2003, p. 33).

Quanto ao campo, este autor diz que existem diferentes interpretações sobre seu sentido na abordagem. Uma considera que o campo seria um “plano-de-fundo ambiental” (cultura, história etc.). Esta perspectiva ele denomina como uma perspectiva contextual. Outra se baseia nos conceitos de Lewin, conforme discutidos no capítulo 3. Nesta perspectiva o campo é visto como um campo de forças que se exercem sobre o (s) sujeito (s). Robine destaca que

ao longo da obra de Lewin este autor modificou consideravelmente alguns dos seus conceitos, sendo difícil tê-lo como uma referência. Outro modelo, do qual ele participa, compreende o campo utilizando um somatório de conceitos – desde as idéias iniciais de Lewin acrescidas do pensamento sistêmico e fenomenológico. O grande destaque seria de considerar o campo como fluxo, como situação, no qual somos “co-criadores no aqui-agora”. Deste modo, muito mais importante do que nos fixarmos nas figuras em si, devemos estar atentos ao processo de criação de figura-fundo.

Mas não é tanto a figura em si que chama nossa atenção, é mais a relação que a figura mantém com o fundo que a constitui e a traz consigo... É, sem dúvida, deste ato fundador que parte o Gestalt Terapeuta, o que assinala também nossa atenção para a especificidade do aqui, no aqui-agora de cada encontro. (ibid., p. 36)

Diante de todos estes questionamentos e novas contribuições trazidas para o campo teórico da Gestalt Terapia, fica evidente a importância então de se melhor fundamentar os conceitos situacionais - tanto partindo do enfoque sistêmico, quando do pensamento fenomenológico e existencial no campo das psicoterapias. Para entendermos o que realmente significa mudar, nesta abordagem, precisamos delimitar melhor o aqui-agora da situação, o fenômeno.

## **5 – As contribuições das Psicoterapias Sistêmicas e as Psicoterapias de base fenomenológico-existenciais para o conceito de mudança.**

Hoje em dia existem no panorama da psicologia inúmeras propostas de abordagens psicoterápicas, tendo estas abordagens suportes teóricos próprios, bem como modos de intervenção e técnicas condizentes com suas bases epistemológicas. O conceito de mudança é bastante diverso de acordo com o modelo adotado. As escolas de base psicanalítica podem se pautar tanto por uma leitura ortodoxa das obras freudianas, quanto por releituras e novas contribuições trazidas por outros autores no seio da psicanálise. O behaviorismo se apresenta enquanto uma abordagem que reúne técnicas mais diretivas e um modelo mais voltado para resultados aparentes e para a clara modificação dos comportamentos desadaptados do sujeito. As chamadas abordagens de psicoterapia corporal possuem um modelo de psicodiagnóstico bastante particular onde o corpo físico é colocado em cena e a distribuição energética e formação de enrijecimentos musculares no mesmo é uma das diretrizes a serem consideradas dentro de uma proposta de tratamento.

No entanto, existe ainda um grande número de abordagens que não se pautam nem pelo modelo psicanalítico, nem pelo modelo comportamentalista, nem se enquadram dentre as abordagens corporais, mas propõe-se a fazer uso das bases filosóficas fenomenológicas-existenciais ou das teorias sistêmicas, para fornecer-lhes uma visão de homem e de mundo. Sendo assim, de que modo podemos conceituar o que é mudança levando em consideração este enquadre agora citado? Pois, se tomarmos como base uma abordagem psicoterápica que adere ao modelo comportamentalista a mudança é avaliável pelo comportamento exteriorizado pelo paciente, ou seja, ela é perceptível e implica em uma quebra de padrão de comportamento viciado ou repetitivo que é substituído por um outro padrão agora mais satisfatório para o próprio sujeito e mais condizente com o meio psico-social em que este se

insere. Nas escolas de psicoterapia corporal, sejam estas de base reichiana ou bioenergética, a mudança traz nova distribuição dos fluxos energéticos do sujeito, que repercute através de transformações evidentes no seu corpo físico (afrouxamento de tensões) e também no seu comportamento psico-social. Passaremos abaixo a tratar da visão de mudança dentro das escolas que aderiram aos enfoques citados acima – a perspectiva fenomenológica-existencial e a perspectiva sistêmica. Pensamos que é de nosso particular interesse expor o modo como estas abordagens vem tratando do tema da mudança pois a abordagem gestáltica, conforme discutido no capítulo 3, propõe-se a adotar estes dois referenciais no seu embasamento teórico e filosófico.

Na Psicologia Humanista há uma valorização dos autores existencialistas que defenderam a noção de subjetividade presente nos ideais de liberdade individual, auto-realização possível pela adoção de um projeto existencial particular. As abordagens de psicologia fenomenológica-existencial deparam-se diante destas controvérsias suscitadas pela obra de Heidegger. Será possível concatenar a visão de homem presente nos autores existencialistas com a fenomenologia hermenêutica de Heidegger? Qual o caminho para pensar o ser humano sem ser de modo essencialista, desconstruindo, portanto, as categorias de ego, subjetividade e consciência individual? De que modo estas questões se fazem presente na vida do homem contemporâneo?

Procuraremos a seguir descrever quais são os principais pontos de vista das psicoterapias de base fenomenológica-existencial e, conseqüentemente, os conceitos desenvolvidos para descrever o homem da atualidade. Talvez o aspecto mais relevante desta discussão seja em relação ao conceito de subjetividade adotado pelos profissionais que se ancoram neste suporte filosófico. Sem dúvida o sujeito aqui concebido não é entendido como um sistema fechado e autônomo, estável e finalizado, mas sim uma estrutura em permanente transformação e fluxo,

intercambiando informações e ações no seu campo de experiências. Neste sentido seria impossível tratar de um Eu e um Tu de modo excludentes e descartados, de um dentro e de um fora como separações bem definidas de um limite de fronteira dos aspectos inter e intra-subjetivos. As ditas “doenças psicopatológicas” aproximam-se muito mais do que poderíamos considerar perda de flexibilidade nesta permanente interação com o meio do que a apresentação de um quadro sintomatológico padronizável, ou seja, incapacidade de permitir que as mudanças ocorram espontaneamente. Conforme definição dada pela professora e psicoterapeuta Ana Maria Feijó (2000) em seu livro publicado sobre a visão de homem adotada pelas psicoterapias fenomenológico-existenciais:

Nesta visão, o homem constitui-se como abertura com possibilidade de estar-no-mundo em sua cotidianidade mediana, imprópria e impessoal e, ao mesmo tempo, própria e singular. Portanto, não é tomado como encapsulado, fechado em si mesmo, em termos de subjetividade, tal como é criticada por Heidegger.(p.97)

Grande parte destas propostas está apoiada nos ideais da Psicologia Humanista, e trazem uma visão de sujeito cujos atributos mais valorizados seriam a liberdade, a privacidade, a autenticidade e a singularidade. No entanto, a perspectiva heideggeriana é crítica em relação à noção de consciência intencional e de sujeito trazidas por Husserl e Dilthey, que foram em grande parte utilizadas pelos filósofos existencialistas que serviram de inspiração para a psicologia humanista. O Dasein heideggeriano não se equipara, de modo algum, a esta visão de homem que valoriza a liberdade e a autenticidade enquanto dons maiores, que permitiriam a pessoa buscar através de um processo de auto-conscientização a realização de potenciais internos responsáveis por um mecanismo de auto-atualização no homem. De um modo geral, procuraremos descrever abaixo os principais conceitos adotados pelos adeptos deste modelo fenomenológico-existencial, tentando destacar aquilo que de comum ainda podemos encontrar apesar de todas as críticas contidas na hermenêutica heideggeriana:

- Compreensão da angústia como um caminho para a revelação de um projeto existencial, e não como um sintoma psicopatológico a ser suprimido.
- Conceitos interacionais/relacionais são vistos como mais importantes do que os processos meramente isolados e individuais.
- Sentido de compromisso e de responsabilidade em relação ao todo, ao ambiente e às outras pessoas.
- Compreensão de que a vida realmente se dá no aqui-agora, mas que o momento não é desvinculado de um sentido de historicidade, de construção de um projeto de vida inserido dentro de um contexto situacional. O que eu faço com a minha vida traz sim implicações no global e num projeto de sociedade maior. A perda de si mesmo, o distanciamento que o homem vinha sofrendo de seus projetos e ideais e também de um sentido de realização pessoal e social mais aprofundados, as decorrências desta alienação e o isolamento tal qual um mero sobrevivente, são temas considerados e valorizados para todos aqueles que se identificaram com as reflexões filosóficas dos autores da psicologia fenomenológica-existencial. Portanto, os psicoterapeutas que adotam esta linha de orientação, estão bastante disponíveis para uma escuta acolhedora destas angústias e reflexões por parte daqueles que chegam aos seus consultórios e clínicas. Estes temas não lhes causam estranheza, e uma busca de desocultamento, de contato genuíno do ser-com-o-outro, de aceitação das queixas do outro sem uma tentativa de adaptação ou de modificação de seus comportamentos, um respeito profundo à liberdade e ao projeto existencial da pessoa e, ao mesmo tempo, uma compreensão de que o ser é sempre ser-no-mundo trazida pela fenomenologia heideggeriana, conferem um sentido de responsabilidade ao homem consigo mesmo e com sua passagem pelo mundo e na vida social.

Um ponto em comum entre os profissionais que atuam segundo este modelo (bases filosóficas fenomenológicas e existencialistas), é de que ao longo deste processo de enorme desenvolvimento tecnológico e de uma cobrança de extrema eficiência e rapidez de assimilação de informações, o ser humano tem vivido um distanciamento das suas experiências do cotidiano e se perdido em um sentido de individualidade como um padrão de mera repetição de papéis sociais. A proposta da hermenêutica heideggeriana diz respeito ao modo de ser do homem em geral, não se restringindo apenas aos aspectos psico-sócio-culturais, embora para a clínica estes sejam sempre essenciais. A hermenêutica heideggeriana não busca tratar dos seres humanos como uma mera junção de subjetividades isoladas. Sendo assim, o diálogo que se estabelece entre o psicoterapeuta e aquele que lhe busca não é passível de um modo de interpretação preso a códigos previamente determinados. A figura do psicoterapeuta não é a de alguém que, através de uma posição autoritária, poderá elucidar o sentido daquilo que está sendo enunciado pelo outro.

A fenomenologia heideggeriana resgata na hermenêutica um sentido de interpretação, dado que algo está oculto e que apenas através desta relação dialógica poderá ocorrer uma abertura de sentido e de revelação. O sentido a ser revelado não está na consciência, na mente, ou em qualquer outra instância do homem que se queira destacar, mas este sentido está no diálogo em si. Apenas através deste encontro dialógico, desta fusão de horizontes, é que um entendimento verdadeiro pode ocorrer. O diálogo é o ato transformacional, e não a interpretação estereotipada ou arbitrária do mesmo. Como já dissemos antes, este não é um encontro que se dá entre dois sujeitos particularizados e descontextualizados. Este diálogo está inserido em uma história sócio-cultural.

As abordagens fenomenológicas-existenciais de psicoterapia não podem ignorar todas as discussões que vem sendo travadas por autores das ciências sociais questionando a noção de subjetividade humana e de constituição de um sujeito como “objeto” de estudo. A

hermenêutica heideggeriana é um suporte filosófico possível de reflexão sobre o verdadeiro sentido do ser, enquanto ser que se revela na existência histórica compartilhada. Acreditamos que um primeiro passo a ser dado pelos psicoterapeutas de base fenomenológica-existencial seja exatamente destacar de que fenomenologia e de que existencialismo é possível falar para se construir uma proposta de atuação que utilize a hermenêutica enquanto um importante recurso para a clínica. A perspectiva essencialista no pensamento psicológico faz-se ainda bastante presente. A obra de Heidegger é de grande valia diante desta realidade, pois este autor de fato efetuou um rompimento com uma visão de sujeito pregnante na psicologia, que tomava a consciência humana e seu modo de funcionamento como “objetos” possíveis de estudo e exame.

Um dos primeiros e poucos livros escritos no Brasil sobre o tema da mudança, traz uma proposta de reflexão sobre a mudança a partir de alguns pressupostos do pensamento do Gestaltismo e do Dasein heideggeriano. Neste livro intitulado “Mudança e Psicoterapia Gestaltista” (1978), Vera Felicidade Campos apresenta a seguinte definição de mudança:

Mudar é desadaptar-se, porque a mudança é um movimento antitético à estabilização, à inércia. Mudança é transformação de quantidade em qualidade, é perceber o mundo, os outros e a si mesmo de maneira nova. Neste sentido, todos os aspectos comportamentais humanos podem ser enfocados sob este aspecto de mudança, admitindo que o comportamento humano é sempre um movimento, convergente ou divergente, estruturante ou desestruturante, daí a constante humana ser a mudança enquanto ser-no-mundo temporalmente presentificado, sem apriorismos ou metas. (p.15)

Podemos perceber na citação da autora uma clara influência do pensamento heideggeriano, referindo-se a mesma ao ser humano enquanto um ser-no-mundo. Dando continuidade ao, livro a autora desenvolve a idéia de que as ditas “psicopatologias” seriam, na realidade, represamentos no processo de mudança do homem, deixando este imóvel, estagnado e inerte aos acontecimentos. O processo saudável de funcionamento do ser humano é um processo de eterna fluidez e instabilidade de equilíbrio. O papel da psicoterapia seria o de promover um

“descontextuamento dinamizador sistemático global e sincronicamente realizado pelo terapeuta.” (ibid., p. 91). O papel deste dito descontextuamento é restabelecer o movimento de mudança, tirar o indivíduo da estagnação.

E a Gestalt Terapia propriamente dita, como tem tratado deste tema? Conforme palavras minhas contidas na minha dissertação de mestrado:

A abordagem gestáltica valoriza o papel da mudança na vida do ser humano. A verdadeira mudança acontece quando abandonamos o fardo do condicionamento da nossa história e deixamos o fluxo da vida guiar em liberdade o eu que nos organiza. Dentro do campo conceitual da Gestalt Terapia fala-se do conceito de Introjeção enquanto um mecanismo de defesa do ego, mecanismo este gerador de neurose quando utilizado de forma mecânica e repetitiva. Pela Introjeção assimilamos do meio padrões pré-estabelecidos de comportamento, regras morais, dogmas e preconceitos, que passamos a adotar como verdades pessoais, impossibilitando o surgimento de respostas espontâneas para as demandas surgidas na relação homem/meio. No entanto, a abordagem gestáltica não se identifica com uma perspectiva essencialista. Este “eu verdadeiro” que buscamos atingir através do processo psicoterapêutico não se trata de uma essência, mas sim muito mais de um “germe” informacional... Importante destacar que para a Gestalt-terapia, uma mudança não necessariamente é traduzida racionalmente. O “dar-se conta” que a Gestalt Terapia adota (referindo-se aqui a dar-se conta como tradução para o conceito de “awareness” original na língua inglesa), não passa por um processo de elaboração racional, mas por uma visão de sabedoria do organismo (consciência ampliada), que se modifica no seu funcionamento sem a necessária influência da ação deliberada. (p. 88 )

Outros autores fizeram uso da Teoria Geral dos Sistemas e da cibernética para pensar o papel da mudança nos indivíduos e nos grupos humanos. Podemos destacar o trabalho inicial dos pesquisadores de Palo Alto (Núcleo de Pesquisas em Teoria de Sistemas e Comunicacionais surgido a partir das pesquisas de Gregory Bateson), e o grande desenvolvimento que foi dado a partir deste grupo para as escolas de Teoria Sistêmica em clínica psicológica. Em artigo publicado pela Dra. Dora Fried Schnitman (1996), Diretora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica com orientação sistêmica na Universidade de Buenos Aires, a mesma destaca que:

Um interesse crescente na mudança, assim como a construção de modelos destinados a entender a organização de novas formas, marcou a passagem da primeira à segunda cibernética, durante os anos 70. Com o papel do desvio, da diversidade e das flutuações como fontes potenciais de novas transformações se traçou uma curva entre a sistêmica dos 70 e dos 80. Assim, o trabalho de Prigogine sobre sistemas afastados do equilíbrio e sua noção de ordem através de flutuações foram incorporados à sistêmica para descrever observações clínicas e evolutivas das famílias. A crise e as mudanças foram entendidas em termos de patamares de instabilidade e uma passagem a novos regimes dinâmicos por uma ampliação de flutuações. Crise, instabilidade, mudança, novidade, esses eixos articuladores do pensamento e a prática sistêmica tomaram a forma paradigmática de um modelo evolutivo. (p.245)

Os primeiros modelos surgidos na terapia sistêmica de família utilizavam os conceitos da fase mais mecanicista da cibernética adotando, em grande parte, o padrão da terapia comportamental. Estes modelos são hoje nomeados de modelos de terapia sistêmica de primeira ordem, relativos ao modelo cibernético de primeira ordem. Foi Gregory Bateson quem duramente criticou estes modelos, apontando para a necessidade de revisão dos mesmos, segundo as visões de sistema de segunda ordem, ou seja, visões que englobam o estudo dos sistemas mais complexos e menos possíveis de serem avaliados em termos de comportamentos esperados.

O trabalho inicial de Bateson e de seu núcleo de pesquisadores, culminaram na criação do instituto de pesquisas na área de saúde mental em Palo Alto na década de 50. Estas pesquisas inicialmente estavam voltadas para os modelos comunicacionais adotados pelos esquizofrênicos. O conceito de duplo vínculo surgiu a partir das mesmas para explicar um padrão de comunicação repetitivo e baseado em injunções contraditórias, bastante frequentes entre os pacientes portadores de sintomas esquizofrênicos. Bateson percebeu que algo no comportamento das famílias destes pacientes parecia encorajar que os mesmos repetissem este padrão comunicacional. É como se o sistema familiar se reorganizasse de modo adaptativo em torno dos sintomas dos pacientes. Estas pesquisas ainda se centraram sobre o conceito de

homeostase para explicar um modo de funcionamento dos sistemas familiares visando à manutenção de um determinado tipo de equilíbrio.

No ano de 1967, Watzlawick, outro dos pesquisadores de Palo Alto, publica um livro cujo o intuito era apresentar as principais propostas relativas à teoria comunicacional deste núcleo. Este livro, intitulado “Pragmática da Comunicação Humana”, pretendia sistematizar uma abordagem terapêutica adequada ao atendimento de famílias. A partir do final da década de 70 o próprio Bateson propôs uma adequação deste modelo às teorias construtivistas. Deste modo, alguns psicoterapeutas continuaram adotando as propostas iniciais do grupo de Palo Alto, que ficou nomeada como a linha de terapia familiar sistêmica estratégica, ainda centrada sobre o conceito de homeostase, como o mecanismo principal de equilibração do sistema. Outro grupo adotou o modelo construtivista, mais de acordo com o pensamento da segunda cibernética.

No artigo mencionado acima da Dra. Dora Schnitman (1996), ela expõe que, como uma evolução desta busca dentro do campo de pesquisas da Terapia Familiar Sistêmica, alguns autores se propuseram a abandonar a metáfora da cibernética para adotar a hermenêutica como suporte à prática clínica. A hermenêutica é aqui entendida como uma ramificação da interpretação textual, sendo que o meio básico da psicoterapia é a conversação. As teorias do Construtivismo e do Construcionismo Social formaram uma base comum para as práticas clínicas sistêmicas, definindo a linguagem como um modo de representação e tendo sido construída, assim como o conhecimento, no intercâmbio social. “Abandona-se, assim, uma perspectiva essencialista do si mesmo, da identidade, e traz-se ao centro de interesse para a terapia aqueles processos de *construção* dos sujeitos que se *constroem* ao *construir* práticas, conhecimento, cultura, dinâmicas sociais.” (p. 249).

Na tese de Mestrado relativa ao tema da Terapia Sistêmica de Família, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1996 e publicada pelo Instituto Noos, a

psicóloga Rosana Rapizo pondera que os modelos clínicos recentes privilegiam então o estudo da linguagem enquanto conversação e narrativa. O papel do psicoterapeuta é de co-construtor de realidades alternativas. Segundo suas palavras:

A terapia passa a ser considerada um domínio de conversação e a proposta é abrir mão de técnicas diretivas, como tarefas, rituais, prescrições ou técnicas não verbais, originalmente ligadas às modalidades terapêuticas de primeira ordem, notadamente às terapias conhecidas como estratégicas. (op. cit., p. 16)

Esta autora aponta que na sua modalidade de terapia as principais influências teóricas vieram de autores que são pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento, como por exemplo, o biólogo Humberto Maturana, o antropólogo Gregory Bateson, o físico Heinz von Foerster, o químico Ilya Prigogine, etc. Todos estes dedicaram-se ao questionamento dos fundamentos da ciência clássica, procurando uma visão sistêmica que pudesse integrar os diversos campos do conhecimento. O papel da transformação no estudo dos grupos humanos, dos fenômenos da natureza, foi um dos elos que Rosana percebe entre todos os autores citados acima. Eles procuraram basear seus estudos em uma noção de ordem e de estabilidade inovadoras. A busca pela aplicação dos conceitos da cibernética e da Teoria Geral dos Sistemas ao estudo das relações humanas tem sido uma tentativa da psicoterapia em direção ao pensamento sistêmico e complexo. Neste sentido, as terapias sistêmicas de família estão procurando evoluir em busca de explicações para o funcionamento da dinâmica familiar não lineares e mecanicistas.

Conforme já tratado no segundo capítulo desta tese, o conceito de mudança já estaria sendo revisto desde o primeiro modelo da cibernética, não sendo mais a mudança apontada como antagônica à constância, mas como um movimento complementar na manutenção do sistema. Ainda assim, o padrão de estabilidade era valorizado para explicar os mecanismos homeostáticos como mecanismos geradores de equilíbrio. “É ainda uma descrição que traz implícita a idéia de que os sistemas funcionam com uma meta, um propósito de funcionamento ótimo que equivale ao equilíbrio.” (op. cit., p.27).

O modelo da primeira cibernética valorizava a mudança, mas percebendo-a como responsável por um mecanismo adaptativo. As mudanças descontínuas não podiam ser tratadas por esta ótica.

Na verdade, sempre se descreveu a mudança descontínua nos sistemas vivos. Sempre se soube de sua importância e singularidade. Bateson e Watzlawick, usando os mesmos conceitos, descrevem a mudança descontínua como uma mudança de segunda ordem. Dentro de um sistema vivo, esta mudança significa reorganizar o contexto ou as próprias leis de conhecimento e apreensão do mundo... Este tipo de mudança contrapõe-se àquelas reversíveis e adaptativas que mantêm o sistema próximo ao seu padrão e que são relacionadas aos mecanismos de correção do desvio. Estas últimas foram chamadas de mudanças de primeira ordem. (ibid., p. 30)

A cibernética de segunda ordem, conforme denominação dada por von Foerster, se afirmou como uma nova proposta de modelo sistêmico, voltada para os sistemas mais complexos, nos quais os padrões homeostáticos de estabilidade e de equilíbrio não corresponderiam à realidade destes sistemas. O princípio da ordem através do ruído de von Foerster (1960), e da ordem através da flutuação de Prigogine (1979), pareceram mais adequados à segunda cibernética. Na segunda cibernética o papel do observador é de extrema importância para o estudo dos sistemas, entendendo que estes observadores trocam informações através do uso da linguagem. “O observador é entendido como agente contextualizado biológica, histórica e culturalmente... a observação é construída contextualmente por outro, os observadores constroem o contexto que os constrói como observadores.” (in Rapizo, p. 37).

O papel da linguagem ganha destaque na segunda cibernética e também nos modelos de psicoterapia sistêmica que a adotam. A linguagem, em uma visão bastante próxima da heideggeriana, não é apenas um veículo de comunicação, pois tem a capacidade de re-criar o mundo quando o nomeia. O uso da linguagem e o conhecimento caminham paralelamente e o mundo vai sendo construído e re-construído pelo homem que o descreve, lingüisticamente, procurando explicá-lo. Esta noção de um processo constante de criação e transformação da

realidade através da relação entre o homem e o mundo é a base do construtivismo enquanto um modelo teórico.

Podemos concluir assim que o construtivismo... não é um “relativismo”, já que isto implicaria na existência de algo independente da observação, um “a priori” que pudesse ser visto de diversos ângulos. Também não se trata de considerar ingenuamente que qualquer construção é válida, que o que vemos ou pensamos está na “cabeça” de cada um. (op. cit., p. 39)

Os modelos de terapia familiar sistêmica de segunda ordem rompem com a idéia de que a terapia seja um veículo com a intenção de promover uma mudança interna nos sistemas, desconsiderando o meio social como um todo. Na realidade, parte de um novo paradigma que implica em uma nova forma de conhecer e atuar no mundo, tirando o foco do sintoma do indivíduo (ou da família) para se focar na observação das relações que o produzem e o mantêm. A noção de homeostase, valorizada na primeira cibernética, é substituída pelo conceito de auto-organização, mas apropriado aos sistemas humanos que funcionam distanciados do equilíbrio:

Não é possível para estes sistemas a regra ideal, a norma pré-concebida, que assegure sua otimização. A resolução da crise gera soluções novas, mas nem sempre significa “progresso”... Conseqüentemente, para os terapeutas, o papel da variedade, da novidade e do acaso no funcionamento familiar vai merecer mais atenção. Os terapeutas buscam não mais apenas redundâncias e regularidade no sistema, mas seus recursos para gerar soluções alternativas aos seus padrões relacionais habituais. (ibid., p. 68)

Muitos dos questionamentos apontados por esta autora em sua tese de mestrado sobre terapia familiar sistêmica são extremamente pertinentes para pensarmos na Gestalt Terapia. O que implica substituir a noção de homeostase pela de auto-regulação para descrever e compreender os mecanismos patológicos do homem? Qual é realmente o papel do psicoterapeuta, dado que ele não pode controlar nem determinar o processo de mudança do cliente? Será o seu papel o de ser um facilitador da mudança ou esta acontecerá, inevitavelmente? Parece impossível encontrar respostas para estas questões sem que se

busque embasamento nos autores, como von Foerster e Prigogine já discutidos acima, para melhor conceituar as noções de ordem e desordem, de autonomia e mudança:

Conseqüentemente, neste momento, quase todos os baluartes sobre os quais a terapia sistêmica de família se apoiava, começam a ruir. Nem homeostase, nem intervenções que “causam” mudanças, nem possibilidade de controle. Impossível a observação objetiva. Os sistemas evoluem descontinuamente, usam a desordem para alcançar novas ordens, não são determinados pelo meio, mas sim por sua estrutura; no caso dos sistemas sociais, são sistemas de linguagem, e ainda por cima, apenas distinções de um observador que não tem nenhuma fundamentação objetiva para seu conhecimento. O conhecimento revela propriedades do observador. (op. cit., p. 70)

Esta autora deixa evidente de que a noção de que poderíamos consertar uma estrutura (no caso, a família) promovendo algum tipo de mudança na mesma, é hoje totalmente inadequada diante das contribuições de todos os pesquisadores já citados neste capítulo. É uma realidade indiscutível, tanto para os psicoterapeutas sistêmicos quanto para os de base fenomenológico-existenciais que os problemas não estão nas pessoas individualmente, ou nos casais, ou nas famílias, ou em alguns grupos em específico, mas estão nas relações que estes estabelecem com o meio. “O que interessa ao terapeuta é a ecologia de idéias que determina o sistema que vem à terapia” (ibid., p.71). É a linguagem que revela os sistemas interacionais envolvidos para o estudo de qualquer situação humana.

Neste sentido, parece que a solução apontada para as terapias sistêmicas é a mesma que Heidegger já declarava. Só através da hermenêutica entendida enquanto um recurso de interpretação fenomenológica do discurso, é que podemos vislumbrar este ser que está aí, este ser-no-mundo. “A atividade terapêutica é concebida como lingüística e dialógica, mais do que como intervenção de um agente sobre um sujeito individual ou coletivo, como realidade sobre a qual se deve operar”. (op.cit., p. 72).

O pesquisador e professor do curso de pós-graduação do Instituto de Psicologia da UFRJ, Dr. Ued Manjud Maluf (2002), propõe a adoção de um novo modelo, a neo-hermenêutica, para tratar do tema da transformação no universo.

Dentro desta perspectiva, entender-se-á a neo-hermenêutica como a interpretação, ou busca de sentido, de textos, quer verbais – orais, escritos -, quer não verbais ou pragmáticos (a semiótica em geral) – e circunstanciais, compreendendo estes desde o farfalhar das folhas das árvores, os sons dos animais, as trajetórias dos vãos das aves, mudanças meteorológicas repentinas, até o aspecto das vísceras dos animais sacrificados; de modo pontual, neo-hermenêutica indicará a busca de uma escuta dos números (por seu reconhecido fascínio) e das palavras – como se ambos se expressassem sob a forma da sensibilidade intuitiva e não só da razão analítica. Sob a perspectiva acima, ênfase especial é dada, na hermenêutica de textos verbais, ao papel da etimologia como um instrumento essencial... Relembre-se que a filosofia moderna sempre esteve em busca de uma “linguagem universal”. E “linguagem”, claro, sempre demanda uma particular hermenêutica. O que, entre outras coisas, envolve o “florescimento” e “fenecimento” de vocábulos, fazendo eco ao que o poeta latino Horácio (séc. I. a.C.) em sua *Arte Poética* já dizia: “(...) igual aos bosques, que mudam as folhas, a cada ano – pois caem as velhas – assim também acaba a vida das palavras já gastas, e, com vigor juvenil, florescem; e recobram forças as recém-nascidas.” (op.cit., p. 339)

Continuando na exposição de sua concepção de uma neo-hermêutica, Maluf destaca a importância do trabalho desenvolvido por Bertalanffy na década de 50 dizendo que:

Sistema, passou, desse modo, a ser identificado como a “linguagem científica” para a ciências humanas. Mas devo ressaltar que Bertalanffy se preocupou, com um fervor crítico nunca igualado, com o que denominava “ratização do homem” ou “hominização do rato” – ou “robotização do humano/humanização do robô. (ibid., p. 341)

No entanto, Maluf defende que a noção de sistema, amplamente difundida a partir da Teoria Geral de Sistemas Abertos de Bertalanffy, ainda caracteriza-se por um “punitiforme fisicalismo – que transpassa a modernidade em termos de evidência de trajetória” (idem, p.341). Segundo Maluf, vivemos no momento atual uma crise de “colapso total de trajetória”, sendo sua proposta que passemos a considerar a teoria dos “Mosaicos de Isomorfos Não Triviais” como a mais adequada para tratar dos fenômenos. Como é de se esperar, em um mosaico a mesma informação pode aparecer sob formatos diversos, singulares. Os isomorfos, na teoria de Maluf, se constituem como uma noção alternativa para a aceção tradicional do termo. São o resultado da aplicação de um tipo especial de transformação, amensurável, denominada Transformação Reversível Não Fechada. Neste modelo de transformação

adotado por Maluf, a mesma aplica-se sobre o protótipo (informação original), e assegura a preservação deste sob múltiplos formatos distintos singulares, os idiótipos. A aplicação da transformação é, segundo Maluf, sujeito-dependente. Ela se acha condicionada às motivações particulares de um sujeito. O resultado desta operação é não-fechado ou fluído, ou seja, é um resultado não definitivo e, ao mesmo tempo, definido. O protótipo seria aquilo que pela transformação fica preservado na transformação, assumindo múltiplos formatos – os idiótipos.

Na teoria de Maluf, a neo-hermenêutica aparece como um modo especial de contemplação. A proposta de uma neo-hermêutica tem um sentido de uma escuta quase oracular do significado oculto de palavras e números e, eventualmente, de gestos e atitudes, para tanto contando mais com a sensibilidade de uma intuição do que com o crivo analítico de uma razão “cartesiana”.

No modelo dos mosaicos proposto por Maluf, por meio da transformação, as dualidades, oposições, diferenças ou diversidade ficam entendidas como inseparáveis entre si, constitutivas de uma *unidade* (o mosaico) que não se fecha, por não ser reflexiva, e, por isso, fluida, intérmina.

Sem dúvida, um grande desenvolvimento aconteceu na psicologia com a expansão das teorias sistêmicas para seu âmbito de estudos. No entanto, como Maluf vem apontando, também o modelo sistêmico é limitado, trazendo ranços de uma linguagem fisicalista para descrever o homem. Dos primeiros modelos cibernéticos, que serviram de suporte para as psicoterapias de base sistêmica iniciais, chegamos no momento a outras propostas que evoluíram pela adoção das cibernéticas de segunda ordem. A acolhida às contribuições de alguns pesquisadores apresentados que tem se dedicado em estudar os sistemas de equilíbrio e ordem na natureza, nos organismos biológicos, nos sistemas sociais, é também inevitável para que as abordagens psicoterápicas possam repensar a idéia do papel da mudança e da transformação no homem.

Neste sentido, o modelo de subjetividade possível na teoria dos mosaicos pode ser pensado, tal qual uma metáfora (hermenêutica) como subjetividade(s) que vai se configurando e re-configurando como em um caleidoscópio. Maluf entende que no mosaico há um germe informacional que sofrendo múltiplas transformações, vai assumindo novas formas, cores e modelos. Sobre uma particular configuração opera uma transformação, transformação esta não previsível, pois sobre esta opera o “isomorfismo não trivial”.

Deste modo, uma hermenêutica para a Gestalt Terapia se apresentaria como um modo especial de contemplação\*, absolutamente fluida e liberta de qualquer tentativa de explicação. Assim, como no caleidoscópio, o papel da hermenêutica seria o de admirar cada nova configuração que vai surgindo, entendendo que estas provocam, sempre, repercussões, implicações e interações no campo, também constituintes de novos mosaicos.

---

\* O sentido especial de contemplação proposto neste artigo é o de um modo de contemplação e de admiração não passivo. Ou seja, contemplar e admirar são atitudes interacionais e dinâmicas que ocorrem na relação que se dá entre o sujeito (admirador) e o objeto de admiração.

## Conclusões

Sem dúvida existem infinitas possibilidades de relações entre pessoas acontecerem. Pode-se dar o nome que for mais apropriado para cada uma delas, mas é preciso ficar clara a distinção entre estas outras possibilidades de relação e o que entendemos por psicoterapia. Psicoterapia diz respeito a uma práxis que ocorre a partir do encontro entre duas ou mais pessoas (ao menos um profissional e um ou mais clientes), onde uma delas sofre, e só através da explicitação do seu sofrimento é que poderão surgir novas possibilidades de ação que antes não estavam sendo vislumbradas. Existem várias maneiras - posturas profissionais diferentes - de interagir nesta relação. Algumas mais diretivas, outras mais próximas ou mais distantes, mas o que importa é que sempre alguém que sofre procura um profissional com a intenção de apaziguar sua dor, seja ela consciente ou escamoteada. Não se discorda de que o sujeito que procura um psicoterapeuta em seu consultório sente algum tipo de dor existencial.

Este sujeito que chega a nós vive uma dor que não é necessariamente de origem física, não é, portanto, evidente e palpável, é subjetiva e singular. O psicoterapeuta não é um técnico que lida com um fato objetivo, logicamente explicitado no corpo físico e possível de ser diagnosticado através dos olhos nus ou de aparelhos tecnológicos apropriados. Esta dor de que os clientes falam é da categoria do imponderável, do pessoal e particular e, portanto, única. É da ordem do vivido, do experienciado. E manifestar esta vivência é muito mais do que descrevê-la pelo uso de palavras apenas, é falar de emoções, de dificuldades. É perder o ar, ficar paralisado, ter vontade de sumir, cair no choro, tremer, embargar a voz, ficar ruborizado ou lívido, suar frio, ter vertigens ou dor de barriga. É lidar com uma gama enorme de reações e emoções que emergem a cada momento. É ser intérprete e autor de uma história de vida que vai sendo revelada a cada encontro que acontece entre uma pessoa, o profissional, e esta outra pessoa, o cliente. Somos os atores e autores da nossa própria vida, a diferença entre eu me exprimir, seja de que forma for, sobre o que estou vivendo e a simples narrativa

verbal de tudo o que poderia dizer a respeito talvez seja mais ou menos parecida com a possibilidade de uma pessoa comum ler o texto de Shakespeare ou um ator representá-lo.

Um dos palcos possíveis de representação dos grandes dramas humanos é o dito setting terapêutico. E qual é a forma de se tratar do que é sagrado, do que é dramático, do que é real? O lugar do sagrado é o lugar da contemplação, o lugar do pessoal é o lugar da relação e o lugar da relação é o lugar do contato, da interação. O que se troca no espaço psicoterápico é um pacote de personalidade que me faz ser um indivíduo profissão/psicólogo e que me dispõe a estar com um outro indivíduo possibilidade/dor. Grande parte desta dor que estamos considerando é decorrência de uma ausência de afetos verdadeiros, de uma privação de contatos genuínos, de uma impossibilidade de estabelecimento de vínculos saudáveis. É desta dor que se *trata*, reconstruindo vínculos afetivos, re-significando o que foi um dia desrespeito e desconfiança por uma tentativa de se tornar o oposto. Por mais aperfeiçoadas que estejam, todas as teletecnologias jamais podem criar canais de substituição genuínos para o vínculo humano que prescindam da experiência do contato real em se tratando de uma relação psicoterapêutica. Pois quando falamos desta qualidade de relação falamos de um espaço eticamente sagrado. É na interação que ocorre entre o cliente e o psicólogo que a compreensão ocorre, enquanto um ato onde se compartilham significados. Partindo desta experiência conjunta o cliente vislumbrará novas possibilidades para sua vida, que antes estavam adormecidas, podendo se organizar dispondo dos seus próprios recursos.

Dentro desta visão, não é coerente pensarmos na psicoterapia como o espaço no qual o cliente busca um profissional para que este diagnostique e prescreva procedimentos de cura para um problema explícito (doença). Deste modo, o modelo médico não pode de modo algum ser aplicado dentro do pensamento fenomenológico e de campo. A relação psicoterápica, concebida pelo modelo dialógico, só se inicia quando ocorre o encontro entre estas duas pessoas – psicólogo e cliente. A partir deste encontro, um novo campo se

configura, diverso daquele formado a partir da mera junção dos campos psicológicos destas pessoas individualmente. Qualquer procedimento técnico só é pertinente dentro deste enfoque relacional.

E como é pensar a possibilidade de mudança dentro desta visão? A mudança pode ser vista como uma mudança centrada em um dos pólos desta relação cliente/terapeuta? Sistemicamente pensando, esta compreensão da mudança como ocorrendo em um dos componentes do sistema isoladamente é totalmente equivocada. A mudança não é localizada em partes, pedaços do sistema, pois qualquer alteração em uma das partes do sistema traz repercussões neste sistema de modo global. O que muda não é só UM sujeito (que também está mudando neste todo em transformação), mas a totalidade das experiências entre todos os envolvidos neste processo – quer sejam estes um cliente, seu terapeuta e o campo contextual que envolve a ambos.

Dentro da proposta da relação dialógica, exposta anteriormente, esta se apresenta como um modelo de relação baseado no diálogo, como uma forma de interação que pressupõe um processo comunicacional, de troca de informações. No livro *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (1996), os autores Harold A. Goolishian e Harlene Anderson irão tratar da questão do diálogo. Apresentam o conceito de si mesmo como aquilo que emerge a partir da experiência de contar-nos a nós mesmos e aos outros sobre nós mesmos. Dentro desta perspectiva somos atores, agentes de nosso próprio discurso, discurso este que muda constantemente não estando preso a momentos e espaços específicos. O si mesmo se revela como expressão, como um ser em devir através da linguagem e pela narração. Somos co-autores das identidades que construímos pelo diálogo na narração. Os autores destacam que: “...; os seres humanos são agentes conscientes, intencionais, que se co-criam a si mesmos e a seu entorno numa permanente interação comunicativa com os demais. Esta criação contínua

de significado e realidade é um fenômeno intersubjetivo que se baseia em e é parte do diálogo e da interação simbólica.”(p.196). Na página seguinte pontuam que:

A existência humana e social está determinada pela comunicação, do mesmo modo que está o significado que emerge durante a terapia. Saber de antemão, seja a partir da teoria ou do diagnóstico, é reduzir a compreensão a um nível tão abstrato que passa por alto a índole intersubjetiva única e singular da experiência e da compreensão. (ibid., p.197)

É na perspectiva do construcionismo social, que propõe que somos re-criados a cada momento nas interações que ocorrem nos processos comunicacionais interpessoais, que alguns autores atuais da psicologia estão encontrando uma possibilidade epistemológica para *tratar* deste sujeito da atualidade. Estes autores destacam o diálogo enquanto um recurso metodológico adequado para a atuação técnica psicoterápica. A conjugação da visão hermenêutica fenomenológica com as propostas do construcionismo social é uma alternativa viável para embasar uma abordagem dialógica em psicoterapia. Partindo do conceito de historicidade contido na visão do círculo hermenêutico de Dilthey, reportando-nos a este ser-no-mundo como indicado na obra de Heidegger e enfronhando-se nestas novas propostas apontadas pelos autores do construcionismo social, podemos alcançar um referencial adequado para *tratar* deste novo homem. Este referencial não é de modo algum definitivo e estático. Assim como fala de um ser transformante/transformado, fluido e imprevisível, este modelo é também dinâmico e indeterminado. Alinha-se com as novas propostas paradigmáticas libertando-se dos modelos positivistas e reducionistas em psicologia. Transcende a dialética hegeliana chegando a uma visão processual do fenômeno social. Conjuga a visão de ser com a noção de mudança em processo constante de interação, de comunicação, de diálogo e de devir.

Diante do que foi exposto no segundo capítulo quanto às críticas atuais ao modelo de subjetividade ego-centrado, substancialista, seria adequado focar o conceito de mudança não como uma mudança de uma parte do sistema de intercâmbios, sistema este denominado de

organismo na abordagem gestáltica. A mudança não está “dentro” do homem, não é um núcleo informacional que muda, nem são os padrões de comportamento que mudam, mas a mudança é, na realidade, um processo transformacional interacional homem-meio. Não pode se estudar a mudança isoladamente, ou seja, como uma mudança centrada no sujeito ou como uma mudança ocorrida apenas no ambiente. Por isso a noção de transformação interacional é adequada para esta compreensão. Neste sentido, o modelo dos mosaicos de isomorfos do Dr. Ued Maluf pode nos ser de grande utilidade. Para Maluf a unidade a ser considerada é o que ele denomina de mosaico, abandonando as noções de sujeito, organismo ou sistema que este autor já julgava atualmente superadas. A propriedade fundamental do mosaico é a da transformação. A transformação é compreendida como o processo de fluidez informacional dinâmico do universo. Algumas das leis que regulam o funcionamento do mosaico são a de reversibilidade não biunívoca (a transformação) e a de fluidez. No entanto, Maluf ressalta que existe algum tipo de preservação de informação nos mosaicos. Esta informação não constitui uma essência, um núcleo, mas o protótipo sobre o qual a transformação se opera.

Deste modo, transpondo o conceito de mosaico de Maluf para o campo das psicoterapias e, portanto, para se construir uma visão de homem, não é adequado descrever uma essência, um núcleo na qual esteja contida a subjetividade, mas entender que o que caracteriza o homem é a sua permanente transformação, suas diferentes configurações. Deste modo a estagnação, a permanência em um modelo fixo seriam as anomalias neste funcionamento mosaicular.

Na abordagem gestáltica, o processo de “adoecimento” denominado de formação de neurose pode ser descrito como uma manutenção de padrões de comportamento na ilusão de garantir ao sujeito uma proteção quanto à experiência da ansiedade causada em situações novas e não conhecidas. Kurt Goldstein já havia descrito este modelo para explicar o comportamento repetitivo e estereotipado por parte de indivíduos portadores de lesões cerebrais. Perls toma este modelo e o expande para descrever o comportamento dos ditos

“sujeitos normais” mostrando que qualquer restrição à mudança, a cristalização em um repertório limitado de comportamentos é característica da neurose. Então, deste modo, possibilidade de mudança é sinônimo de saúde.

Diante deste ponto de vista o principal objetivo da Gestalt Terapia não é promover uma modificação na micro, ou macro unidade (pessoa, casal, família, grupo de pessoas dentro de uma instituição qualquer, sociedade, etc.). O trabalho do gestalt terapeuta não está voltado para uma modificação adaptativa a alguma demanda definida previamente (mudança comportamental ou eliminação de sintomas, melhoria na qualidade das comunicações intra-sistêmicas ou qualquer outro tipo de resultado esperado). O objetivo de qualquer forma de atuação em Gestalt Terapia é promover a fluidez necessária ao processo de auto-regulação organísmica, focalizando os impedimentos e entraves neste processo. O instrumento para isto é o incremento da *awareness*, incremento este obtido através de uma intensificação dos contatos intra e inter-sistêmicos. A atuação do gestalt terapeuta vai acontecendo na medida em que uma relação vai sendo estabelecida entre ele e esta unidade bio-psico-social. Portanto, este modo de atuação é sempre um modo de atuação que vai sendo construído, compartilhadamente, entre a pessoa do profissional e o seu contratante.

Seria interessante dizer que, na época em que a Gestalt Terapia foi criada, houve uma grande controvérsia por parte dos primeiros autores desta abordagem sobre o nome que deveria ser dado para esta. O nome Gestalt Terapia não foi uma unanimidade, pois alguns destes profissionais temiam que este nome trouxesse muitas confusões e não deixasse clara a verdadeira proposta da abordagem, dando a impressão de ser apenas uma aplicação no campo da psicoterapia das leis de percepção traçadas pelo Gestaltismo. Na realidade, um dos nomes propostos por este grupo era o de Terapia da Concentração, pois estes achavam que o trabalho focalizado no incremento da *awareness* era mais bem descrito como um trabalho de auto-conscientização, um trabalho de concentração. Esta proposta de trabalho, voltada para a

intensificação da *awareness* através da focalização nas interrupções do contato visando restituir o fluxo da auto-regulação, sempre foi o objetivo primeiro da Gestalt Terapia. Deste modo, a teoria da mudança sistematizada por Beisser (apresentada ao longo da tese) é totalmente coerente com as propostas iniciais desta abordagem, pelas quais mudar não é ser diferente do que se é, mas sim poder ser como se é.

Diante disto, as afinidades entre a proposta de atuação da Gestalt Terapia e de algumas escolas de meditação fica bastante evidente. Muitos autores desta abordagem se reportaram ao trabalho de meditação do Zen Budismo, trabalho este voltado para uma busca de concentração na experiência vivida no momento presente pelo indivíduo dentro de uma proposta muito mais contemplativa do que de modificação do comportamento manifesto. De modo algum a abordagem gestáltica assumiu para si os preceitos religiosos do Zen Budismo, apesar de algumas semelhanças quanto a esta compreensão do homem dentro de um ponto de vista também holístico e centrado na experiência do momento presente. Assim como pelo Zen Budismo busca-se chegar à iluminação através desta prática meditativa contemplativa, pela Gestalt Terapia busca-se chegar ao livre fluir da auto-regulação pela intensificação da *awareness* obtida pela melhoria da qualidade do contato do indivíduo consigo mesmo e com a realidade que o cerca.

A visão de saúde adotada pela abordagem gestáltica está diretamente relacionada ao tema da mudança. Estar saudável não é apresentar um repertório de comportamentos aceitos socialmente e, deste modo, adaptativos. Pelo contrário, a saúde é entendida também de modo processual, não sendo possível afirmar que alguém é saudável, mas sim que alguém funcionou de um modo saudável em uma situação determinada. O que poderíamos considerar saudável é a possibilidade do sujeito suportar experiências novas e ter respostas criativas e diferentes diante das mesmas. Por conta desta premissa houve sempre uma grande recusa por parte dos profissionais desta abordagem em utilizar modelos diagnósticos que se propusessem a

descrever tipos psicológicos definidos dentro dos quais os indivíduos pudessem ser classificados e categorizados. O modelo diagnóstico que se tornou mais aceito é o do diagnóstico dialógico-processual (apresentado no capítulo 4), ou seja, no diálogo que se estabelece entre o psicólogo e seu cliente (pessoa, casal, família, grupo, etc.), vão sendo reconhecidos padrões neuróticos de funcionamento e suas decorrências (empobrecimento no contato, dificuldades de planejar e executar ações coerentes com as necessidades identificadas a cada momento, etc.).

Existe também uma grande aproximação entre a visão de homem da abordagem gestáltica com o *dasein* heideggeriano. Conforme discutido anteriormente, Heidegger foi um dos primeiros pensadores que se insurgiu contra a visão de homem adotada pelas ciências sociais no século passado. A visão essencialista sempre procurou encontrar algum tipo de núcleo que pudesse ser concebido como constituinte da subjetividade. Mesmo na fenomenologia de Husserl, a consciência era vista como o lugar, o núcleo, o centro, onde o sujeito revela sua essência. Heidegger buscou deixar evidente que é no jogo relacional que se dá a abertura de sentido no mundo, que é o *dasein*. Não existe uma essência. O que singulariza o *dasein* não se restringe a modelos constitutivos de subjetividade. Existe este ser que está aí, está no mundo, ou melhor dizendo, este ser que É no mundo. A queda do homem está na restrição de sentidos, na perda da autenticidade. O *dasein* vai se constituindo na experiência vivida, em um contexto sócio-histórico também em construção. A existência humana é temporal e espacial. A única certeza na vida do homem é a sua morte, este é o destino para o qual estamos todos fadados a nos dirigir e que nos gera angústia. Heidegger apontava a importância da experiência da angústia como caminho para a transformação e para a singularização da existência através do rompimento com o processo de empobrecimento das experiências vividas trazidas pela sociedade tecnicista moderna.

Perls apontou a importância do homem em aprender a suportar a ansiedade - lidar com as frustrações inerentes a sua condição de homem integrado ao meio ambiente, pois quando o homem busca fugir da ansiedade restringindo-se em um repertório de comportamentos estereotipados, ele abre mão da sua condição de liberdade e de criatividade diante das mudanças que mostram que a novidade é a única certeza em uma trajetória de vida absolutamente incontrolável e instável. Como proposto anteriormente por mim na dissertação de mestrado, o modelo de equilíbrio compatível com a abordagem gestáltica é o que aponta para uma modalidade de equilíbrio instável e dinâmico, onde o caos não é um fator de desarmonia, mas mostra que qualquer tipo de ordem é passageira e efêmera diante dos acontecimentos do mundo.

Penso que a grande modificação epistemológica a ser traçada para se contemplar uma visão de mudança realmente inovadora e não pré-determinada está na revisão do conceito de organismo, libertando-o do ranço biologicista e fisicalista acima discutido. O conceito de organismo para descrever a especificidade do ser humano me parece limitante, por mais que o conceito de organismo proposto por Goldstein fosse um conceito holístico e sistêmico. Creio que o ser humano só pode ser compreendido enquanto uma unidade bio-psico-social. Neste sentido, o *dasein* heideggeriano pode trazer inspiração para se pensar o homem, na Gestalt Terapia, que o também o concebe como ser-no-mundo.

E qual a implicação desta visão para a noção de mudança? Apesar de Heidegger não ter tratado deste tema propriamente, fica evidente na sua concepção de homem que este é compreendido como um ser relacional e contextualizado e, portanto, transformacional e imprevisível. O conceito de inautenticidade em Heidegger é riquíssimo, mostrando que a grande perda da pessoa na sociedade tecnicista contemporânea é a perda de sentido, de autenticidade. Sendo assim, a autenticidade se dá pela constante mudança inerente ao devir. O *dasein* não é um ser pronto, como já dito acima, mas ele é um “estar sendo” que vai sendo

construído e vai construindo novas realidades através da linguagem que se estabelece pela sua capacidade de nomear e representar simbolicamente sua relação com o mundo. O que difere o homem das coisas em si é a linguagem, que lhe dota da capacidade de ser, ao mesmo tempo, construtor e obra dos acontecimentos.

Voltando ao modelo dos mosaicos proposto por Maluf. Neste modelo, inúmeros formatos podem ir se configurando nesta unidade de referência, mas existe algo que é constituinte, que permanece, mesmo nas mudanças. Lembro-me aqui de um sonho narrado por um amigo após conversa relativa ao tema desta tese. Transcrevo-o a seguir:

Eu sonhei que você estava se mudando, indo morar em outra casa. Quanto chegava na sala do seu apartamento, todas as caixas já tinham ido embora. Você me perguntava: “É isto que fica então - só as paredes, a pia, as louças do banheiro? E eu te respondia: “Não, a cor que você colocou na parede não estava aí antes, foi escolha sua, mas ela você também não pode levar”.

(Fragmento de sonho sonhado pelo Dr. Alberto Pereira Lima, gestalt terapeuta e psicoterapeuta junguiano, em 2/10/2005)

Por mais que mudemos, as paredes da casa permanecem as mesmas. Talvez algumas possam até serem derrubadas em uma grande reforma. No entanto, as bases de sustentação terão que permanecer para que esta casa não corra o risco de ruir, cair, desmoronar.

Se tomarmos esta metáfora para entendermos a visão de self processual/estrutural apresentada no capítulo 4, os alicerces seriam os fatores estruturais, e os demais fatores (decoração, objetos, móveis etc.), processuais. E aí me vem a pergunta – e a cor das paredes, é estrutural ou processual? Ela foi colocada nesta casa, ela não estava aí a priori. Ela também vai se modificar ao longo do tempo, mas uma vez as paredes pintadas, para mudá-las, só pintando novamente. As cores que estão aí (no espaço) não podem ser levadas (no tempo). Agora, esta mesma cor poderá ser reproduzida em outra parede, no futuro. No entanto, a reprodução já é uma tentativa de cópia da produção original e sempre será uma novidade. É impossível re-produzir algo de forma exata ao seu modelo original. Se não fosse assim, todos

os grandes falsificadores de obras de arte jamais seriam flagrados. Por mais perfeita que uma reprodução seja, ela sempre traz uma diferença em relação ao modelo original.

Dentro deste ponto de vista acredito que exista uma grande diferença em falarmos no processo de mudança como um processo processual e estrutural ou como um processo processual-estrutural. O binômio processo-estrutura fala de algo que se estrutura em processo ou de um processo que vai se estruturando. Pensando em termos de formação de figura-fundo (aqui também o binômio difere de falarmos de figura e fundo), há a construção de figura, mas sempre em relação ao fundo. Não podemos pensar em uma figura pura, isolada. Do mesmo modo, não existe uma estrutura pura, descartada do processo, em se tratando da mudança na vida do homem. Aquilo que é estrutura é estrutura no tempo, ganha uma forma no espaço-tempo da existência. Como já discutimos ao longo desta tese, uma das importantes contribuições de Einstein para a história do pensamento científico com a Teoria da Relatividade foi a noção de que espaço e tempo formam um binômio.

Ou seja, ao longo desta pesquisa chegamos a conclusão de que as categorias adequadas para se pensar a mudança na vida do ser humano em psicologia são sempre categorias binomiais (espaço-tempo, estrutura-processo, dentro-fora, objetivo-subjetivo, etc.). Vasconcellos (2005) conclui que “a dialógica é característica fundamental do pensamento complexo, ou seja, de um pensamento capaz de unir conceitos que tradicionalmente se opõem, considerados racionalmente antagônicos, e que até então se encontravam em compartimentos fechados”. (p. 114). Ser processual é funcionar dentro de uma ampla gama de formatos possíveis. Segundo o modelo dos Mosaicos de Maluf, estes são tantos quantos possam existir na natureza. A única lei constante no processo de transformação que vai se operando na evolução da natureza é a própria mudança. O que não é mudança, não é processo, é morte, é estagnação (existem teorias espiritualistas que até disto discordam, pois entendem a morte como mais uma momento de passagem para um outro modo de vida).

A mudança na Gestalt Terapia é entendida como um processo inerente ao ser humano, dado que o princípio básico que rege o seu funcionamento é a auto-regulação. No entanto, a mudança não pode ser concebida como tendo direcionamento, nem como possível de ser previamente definida, pois ela é uma decorrência natural deste processo de auto-regulação pelo qual o homem passa constantemente. Pela auto-regulação podemos entender o ser humano como um sistema aberto, em permanente intercâmbio com o meio, intercâmbio este que gera um fluxo informacional e transformacional nesta unidade bio-psico-social. Este princípio auto-regulador é um princípio holístico, portanto ele não está centrado no homem, mas sim ele é um princípio da própria dinâmica de transformação da realidade.

O que propicia a auto-regulação no homem é a *awareness*. A *awareness* pode ser definida como o processo de contato desta unidade bio-psico-social (intra-sistêmico e inter-sistêmico) que, compreendendo o homem como um ser relacional e dotado da capacidade de abstração e simbolização (linguagem), a partir deste contato inter-relacional ele tem a capacidade de reconhecer necessidades, abstrair e planejar ações voltadas para a satisfação das mesmas e executar ações coerentes. A *awareness* (dar-se conta) não é um conhecimento racional sobre os fatos, pois ela é integrativa das sensações, percepções, abstrações e ações. A *awareness* é que propicia o adequado funcionamento do fluxo auto-regulativo do homem. A mudança pode ser entendida como uma consequência deste processo, que é sempre re-configuracional, dado que não existem constantes neste intercâmbio relacional.

Dentro desta compreensão da *awareness* como o processo pelo qual a pessoa integra a sua experiência em todos os níveis (sensório-motor, racional, emocional, bioquímico, fisiológico, social, etc.) e lhe dá um significado (alcança uma compreensão do sentido desta experiência no seu momento de vida), a *awareness*, por si só, é transformação. Pensando em linguagem sistêmica, há uma reorganização no modo de funcionamento do sistema sempre que uma nova demanda surge. Não importando aqui se esta demanda possa ser meramente uma necessidade

biológica a ser satisfeita (sede, ou fome, por exemplo), ou um emaranhado complexo de estímulos, muitas vezes contraditórios, que pedem uma resposta da pessoa diante dos mesmos. O que de fato podemos perceber é que não podemos compreender a *awareness* como ocasionando apenas uma mudança comportamental, uma mudança de atitude por parte do sujeito. Os processos de mudança - compreendendo a mudança como a transformação natural pela qual os sistemas abertos, regidos pelo princípio da auto-regulação passam constantemente – são deste sistema como um todo, desta *Gestalt*, deste *Holos*. Indo mais além, em se tratando de sistemas abertos, a transformação é uma transformação que reverbera em todo o campo e traz interferências generalizadas. É praticamente impossível localizar o “núcleo”, o ponto onde se inicia a mudança e a direção que a mesma irá tomar.

As mudanças podem ser abruptas, ou podem ser mudanças que vão acontecendo de modo lento e constante. Como vimos no primeiro capítulo da tese, os paradigmas científicos que tratam da questão da ordem e do equilíbrio em sistemas na atualidade descrevem modos diversos de funcionamento, onde a mudança pode se dar como um salto qualitativo, como uma grande ruptura, ou como um processo lento e ritmado de transformação. Também é assim na vida do homem – percebemos que mudanças acontecem conosco, de repente. Outras vezes nos damos conta de que algo mudou, sem nem termos notado o processo de mudança acontecer. Às vezes temos a sensação de que somos seres absolutamente estagnados, onde nada de novo acontece. Isto é tudo absolutamente relativo – relativo a cada pessoa, a cada época, a cada momento histórico e cultural, a cada novidade que aconteça e que nos gera reações as mais diversas. Em muitos momentos sabemos que algo em nós mudou, algo está diferente, mas não conseguimos localizar esta mudança (pois mudança não se localiza – ela sempre “se espalha”), e nem uma razão que a explique pontualmente. Outras mudanças acontecem de modo linear, como decorrência de um acontecimento localizado e conhecido. Mesmo assim, qual será o resultado da mudança, nunca sabemos. Nem sobre nós mesmos,

muito menos em relação a uma outra pessoa. O modo de reação e as conseqüências desta r no todo da vida desta pessoa, são impossíveis de determinar.

E o psicoterapeuta em Gestalt Terapia (ou em qualquer outra abordagem que se apóie sobre uma visão de homem fenomenológico-existencial ou em um enfoque sistêmico não estratégico), qual o seu papel neste processo? Ser um mero espectador ou um acompanhante da “viagem alheia”? Alguém que intervêm de modo a facilitar este processo? Ou alguém que **com-partilha?** Partilhar com alguém de algo é fazer parte deste acontecimento. É, necessariamente, estar implicado na situação. É funcionar como um **com-junto**. Um conjunto que se forma quando o Eu e o Outro configuram um Nós. O pensamento dialógico, discutido durante esta tese, fala desta idéia de uma relação onde um encontro, um Nós é configurado.

Voltando à noção de conjunto, dois sistemas podem configurar-se como conjuntos absolutamente separados ou como dois conjuntos que possuem uma zona de intersecção. Relacionar-se, dentro do ponto de vista do pensamento dialógico, é passar a funcionar como dois conjuntos em intersecção. Existem regiões destes conjuntos que são particulares a cada um, outra onde os dois conjuntos se encontram e se mesclam. Através desta intersecção informações são trocadas, mas, sem a menor dúvida, trocas energéticas são feitas. E o que são estas trocas energéticas e como elas se dão? Este é um dos temas que ainda temos muito pouco conhecimento no campo da psicologia e que nos impede, enormemente, de ter uma noção mais exata de como as transformações se operam de modo mais consistente.

Qual a energia que circula no homem e como isto se dá? Como são os processos de intercâmbio energético que ocorrem entre as pessoas e entre o seu meio ambiente? Quais as conseqüências destes para o funcionamento da pessoa e dos sistemas que a envolvem? A Gestalt Terapia adota a Teoria Holística que assume a existência de uma energia universal e que é própria da natureza. Esta energia não é do homem, ela está aí e circula no homem. Deste modo, o sistema organismo/meio é de fato um sistema bio-psico-social e ecológico.

Alberto Pereira Lima, autor do livro “Gestalt e Sonhos” (2002), define a energia “como uma carga genérica, que emana da superfície da pessoa.” (p. 39). Ele diz que tomou esta definição de energia emprestada de Zinker, autor a que já me referi quando apresentei algumas de suas contribuições para a Gestalt Terapia na atualidade. Lima defende a idéia de que qualquer trabalho terapêutico deve ter como fonte energética a energia do cliente e não a do terapeuta. Ele diz que “a área da existência da pessoa que requer um trabalho psicoterápico é precisamente aquela na qual uma grande carga energética foi investida, ou aquela na qual falta investimento.” (idem).

Do modo como este conceito de energia é apresentado, me parece que parte importante do fluxo da auto-regulação orgânica é o fluxo de circulação energética do indivíduo. Este tema foi abundantemente tratado por outros autores, principalmente aqueles ligados às escolas de psicoterapia corporal, podendo citar aqui especificamente Reich e Lowen. Devo ressaltar que Perls, ainda no seu percurso como psicanalista, foi analisando de Reich na época em que este vinha pesquisando as noções de caráter e de couraça muscular. Então esta noção de que o ser humano se caracteriza como um sistema carregado de energia e em permanente fluxo, já se fazia presente desde sempre na visão de homem trazida por ele. Acrescendo-se a isto o pensamento orgânico-holístico e a teoria de campo, esta afirmação da importância de se considerar a circulação energética como vital para a existência do homem é um dos traços marcantes da teoria da Gestalt Terapia. No entanto, este é outro aspecto teórico que fica mal fundamentado e disperso nas obras publicadas. Qual o conceito de energia de que nos utilizamos, e qual a implicação deste para se compreender os processos de mudança no homem, é ainda algo bem pouco explorado.

Voltando aqui mais uma vez para o primeiro livro de Gestalt Terapia publicado, lembrome de que o sub-título deste é “Excitement and Growth in the Human Personality”, sub-título este que não foi aproveitado na tradução brasileira do livro. A idéia do excitamento é de que

o processo de identificação de necessidades gera uma mobilização energética na pessoa (excitação) e que o crescimento é uma consequência imediata do “fechamento” desta situação. Lembramos aqui que a visão de crescimento diz respeito à expansão das fronteiras de contato, a assimilação de novos recursos, a re-estruturação do fluxo energético, e não tem qualquer ligação com a idéia e mudança de tamanho ou de expansão dos limites físicos do indivíduo. Neste livro ficam registradas as idéias de que “a psicoterapia é um método não de correção, mas de crescimento” (p.51), no qual consideramos “o desenvolvimento da experiência concreta” (idem). O objetivo da psicoterapia não é romper com as resistências, mas sabemos que “uma quantidade enorme de energia e de decisão criativa prévia está investida...” (p. 62) nas mesmas. Deste modo, quando há um re-estabelecimento do fluxo natural da auto-regulação, há uma liberação de energia contida e a energia disponível no organismo circula de maneira espontânea e vibrante. A pessoa funciona assim de modo pulsante, vibrante. Os autores definem a neurose então como “evitação do excitação espontâneo e a limitação das excitações” (p. 235). A “neurose”, ou má funcionalidade crônica do processo da auto-regulação é, portanto, um movimento de represamento energético.

Dentro desta visão de que somos seres sistêmicos carregados de energia em circulação, a visão da neurose como uma interrupção no fluxo da auto-regulação é também uma interrupção nos processos naturais de circulação energética. Então, funcionar saudavelmente é mudar constantemente. A estagnação energética é uma das decorrências do processo neurótico de funcionamento, e traz consequências desarmônicas em todo o funcionamento deste complexo sistema. Segundo a psicóloga e epistemóloga de pensamento sistêmico, Maria José de Vasconcellos (2005):

O organismo vivo, sendo um sistema aberto à energia, pode evoluir de um estado para outro mais diferenciado, apresentando uma crescente diferenciação e heterogeneidade... Os seres vivos dispõem de grande capacidade de adaptação às variações do ambiente, enquanto um autômato, dispondo de um ou de poucos canais de comunicação, é muito limitado em

suas possibilidades de lidar com perturbações imprevistas... Manter-se por meio da mudança – conservar-se, transformando-se: essa coexistência de estabilidade e mudança é considerada característica essencial da vida e Bertalanffy afirma que a Teoria Geral dos Sistemas incorpora igualmente a manutenção e a mudança, a transformação e a preservação contínuas do sistema. (p. 228/229)

E o que dizer de nós, seres humanos, que além de sermos organismos vivos ainda somos dotados de criatividade e de todos os recursos que o nosso desenvolvimento mental nos trouxe? A nossa função de saúde na vida é a mudança. No entanto, a mudança não está em nós, ela não se aprisiona e se encapsula, assim como a noção de *self* apresentada. Ela não está dentro de nós, nem fora de nós, ela está na vida, no fluxo dos acontecimentos que não para. Parafraseando Cazusa : “O tempo não para”. A vida, também não para. Nós - se pararmos e estancarmos (tentando segurar e controlar este grande movimento, que é pura energia universal), no mínimo perderemos o rumo da história e o sabor dos acontecimentos.

E a psicoterapia, dentro desta visão, ela tem então uma função? Ela tem uma direção? Gostaria de usar aqui a metáfora já usada pelo psicoterapeuta Abel Guedes (in Porchat e Barros, 1985), quando diz que nossa busca, como psicoterapeutas, não é jamais promover um concerto mas sim um concerto. Ou seja, não temos a função de mudar ninguém, de sermos promotores de mudança para fazer com que alguém que vinha sendo de um jeito passasse a ser de outro. Somos sim co-autores de uma obra conjunta, que sem dúvida é mais estética do que objetiva e funcional. Para mim, o caráter estético da psicoterapia, tão apregoado pelos seus primeiros “artistas” (os criadores da abordagem, Perls e sua esposa Laura principalmente), fica cada vez mais evidente. Pois o fluxo da vida sempre procura uma “boa forma” e quando ele encontra caminho, ela acontece.

Usando de outra metáfora do colega Walter Ribeiro (1991), somos como chacareiros que temos a incumbência de preparar o terreno e deixar a terra pronta para a sementeira. O que

isto significa - que nosso espaço de trabalho deve ser um lugar de acolhimento. Que nós, enquanto profissionais, somos apenas Pessoas que acolhem outras Pessoas. Se houverem boas sementes a serem plantadas, teremos uma boa safra. Se não, não há muito o que fazer. Este autor afirma (1998) que a Teoria Paradoxal da Mudança de Beisser é absolutamente coerente com o processo de mudança do ser humano e, por sinal, nada paradoxal, pois é absolutamente coerente com a longa experiência clínica de Walter na abordagem. Segundo suas palavras:

Deixa de ser paradoxal, para ser lógica, na medida em que esses estudos, reflexões e acuradas reflexões clínicas mais demoradas esclareceram um pouco mais o processo de condições e possibilidades de mudança como um processo que decorre naturalmente da resolução de conflitos em contextos favoráveis, não judicativos e principalmente não coercitivos. (ibid., p. 61)

Somos então passivos diante do outro? Não, devemos ser pessoas vivas e em permanente mudança. Pessoas cuja energia não esteja represada, esteja circulando, buscando sempre a direção da auto-regulação. Nosso compromisso, enquanto profissionais, é buscarmos estar *aware* de nós mesmos, do mundo, da vida. Se o outro nos chega usando uma armadura pesada, que restringe seus movimentos e sua espontaneidade, não é nosso dever retirá-la. Até por que neste ato, podemos no mínimo invadir ou machucar a outra pessoa. Podemos sim é apontá-la, funcionar um pouco como espelho, um pouco como mímico e ir deixando a outra pessoa “se dar conta” de que está “armada”. Só ela pode fazer a escolha se quer continuar assim, ou seja, continuar sendo sempre do mesmo modo, ou se irá se permitir ser diferente. Pois acreditamos que só somos nós mesmos quando desistimos de ser diferentes e tentamos apenas ser como somos.

Portanto, para nós, a psicoterapia não é um lugar que alguém procura quando precisa mudar. A vida, por si só, é assim. E, como diria o poeta:

Prefiro ser essa metamorfose ambulante

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes  
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Sobre o que é o amor  
Sobre o que eu nem sei quem sou  
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou  
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor  
Lhe tenho amor  
Lhe tenho horror  
Lhe faço amor  
Eu sou um ator

É chato chegar a um objetivo num instante  
Eu quero viver essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.

*(Metamorfose Ambulante*

*Composição: RAUL SEIXAS)*

## Referências Bibliográficas

- AMBROSI, J. La Gestalt Therapie Revisitée. Toulouse: Privat, 1984.
- BARROSO, F. Dos Bastidores de uma Gestalt-Terapeuta: Revendo a Questão do Diagnóstico em Psicoterapia. In: I Congresso Nacional de Gestalt Terapia, Brasília, 1991.
- BAUMAN, Z. Globalização- as conseqüências humanas . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- BERTALANFFY, L. Teoria Geral dos Sistemas. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BEZERRA JR., B.; PLASTINO, C. Corpo, afeto e linguagem; a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001.
- BUROW, O. & SCHERPP, K. Gestaltpedagogia – um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus, 1985.
- CAMPOS, V. Mudança e Psicoterapia Gestaltista. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.  
Individualidade, Questionamento e Psicoterapia Gestaltista. Rio de Janeiro: Alhambra, 1983.
- CAPRA, F. O Tão da Física. São Paulo: Cultrix, 1975.  
O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHURCHMAN, C. Introdução à Teoria dos Sistemas. Petrópolis: Vozes, 1971.
- FAIRCLOUGH, N. Discurso e Mudança Social . Brasília: Editora UNB, 2001.
- FEIJOÓ, A. M. A Escuta e a Fala em Psicoterapia – Uma Proposta Fenomenológico-Existencial. São Paulo: Vetor, 2000.
- FERREIRA, Y. E LIMA, P. Polaridade em Gestalt-Terapia como Mosaico de Isomorfos Não-Triviais da Teoria das Estranhezas. Rio de Janeiro, CNPQ - Imago - UFRJ, ABP, 47 (3/4): 81-92, 1995.
- FONSECA, A.. Gestalt Terapia Fenomenológico Existencial. Maceió: Pedang, 2005.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.
- FRAZÃO, L. Contribuições para uma visão Gestáltica da Psicopatologia e do Psicodiagnóstico. In: II Congresso Nacional de Gestalt Terapia, Vitória, 1995.
- FREITAG, B. A Teoria Crítica: ontem e hoje. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- FRICK, B. Psicologia Humanista. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

- GAINES, J. Fritz Perls - Here and Now. California, Integrated Press, 1979.
- GILES, T. História do Existencialismo e da Fenomenologia. São Paulo, EDUSP, 1975.
- GINGER, S.&A. Gestalt - Uma Terapia do Contato. São Paulo, Summus Editorial, 1995.
- GOLDSTEIN, K. La naturaleza Humana a La Luz de la Psicopatologia. Buenos Aires: Paidós, 1961.  
The Organism. Nova York: Zone Books, 1995
- GROFF, S. Além do Cérebro. São Paulo, Summus Editorial, 1994.
- HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. Rio: Zahar, 1982.
- HALL, S. A identidade cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HARVEY, D. Condição Pós-Moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1994.
- HEIDEGGER, M. Sobre o Humanismo. Edições Tempo Brasileiro Ltda., Rio de Janeiro, 1967.  
Ser e Tempo – Partes I e II. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- LASCH, C. O Mínimo Eu. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984.
- LATNER, J. The Gestalt Therapy Book. New York, Bantam Book, 1974.
- LEWIN, K. Principles of Topological Psychology. New York: McGraw-Hill, 1936.
- LIMA, A. Gestalt e Sonhos. São Paulo: Summus, 2002.
- MALUF, U. Teoria das Estranhezas - A Próxima Realidade, no prelo.
- MARTINS, A. A Concepção Humanístico-existencial-fenomenológica da Gestalt. Rio de Janeiro: Presença, Revista Vita de Gestalt Terapia, páginas 7-16, 1996.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. Humanismo e Terror. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1968.
- NEVIS, E. Organizational consulting; a Gestalt approach. New York: Gardner Press, 1987.
- NOGARE, P. Humanismos e Anti-Humanismos - Introdução à Antropologia Filosófica. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
- PERLS, F. Ego, Hunger and Agression. New York, Vintage Books, 1942/1969.  
Gestalt-Terapia Explicada. São Paulo, Summus Editorial, 1977.  
Escarafunchando Fritz – Dentro e Fora da Lata de Lixo. São Paulo: Summus, 1979.

- A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- PERLS, F & OUTROS. Isto é Gestalt. São Paulo: Summus Editorial, 1977.
- PERLS, F., HEFFERLINE, R.& GOODMAN, P. Gestalt Therapy - Excitement and Growth in the Human Personality. New York: Bantam Book, 1951/1980.
- PERLS, L. Vivendo en Los Límites. Valencia: Promolibro, 1994.
- PESSIS-PASTERNAK, G. Do Caos à Inteligência Artificial. São Paulo: UNESP, 1993.
- PORCHAT, I E BARROS, P (organizadores). Ser Terapeuta. São Paulo: Summus, 1985.
- PRIGOGINE, I., STENGERS, I. A Nova Aliança. Brasília: Ed. da UNB, 1984.
- PRIGOGINE, I. O Fim das Certezas. São Paulo: Editora UNESP, 1996.
- RAPIZO, R. Terapia Sistêmica de Família – Da Instrução à Construção. Rio de Janeiro: Noos, 1996.
- RIBEIRO, J. PONCIANO - Gestalt Terapia: Refazendo um Caminho. São Paulo: Summus, 1985.
- Gestalt Terapia – O Processo Grupal. São Paulo: Summus, 1994.
- RIBEIRO, W. – O Gestalt Terapeuta e o Chacareiro. In: III Encontro Nacional de Gestalt Terapia, Brasília, 1991.
- Existência e Essência. São Paulo: Summus, 1998.
- ROBINE, J. – Do campo à situação. Revista de Gestalt (ISSN 1677-6747), n.12, p. 30-37. São Paulo: Sedes Sapientiae, 2003
- SÁ NOVAES, R. Hermenêutica e Clínica Psicoterápica. Anais do I Seminário de Pesquisa e Extensão. Cadernos do CEG, vol 7, pág. 27/32. Niterói: Eduff, 1998.
- SCHNITMAN, D. (org) Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SENNETT, R. O declínio do homem público – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SIGELMANN, E. A Ciência Pós-Moderna Na Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: CNPQ - Imago – UFRJ, ABP, 43 (3/4): 36-44, 1991.

- SMUTS, J. Holism and Evolution. New York: Gestalt Journal, Press, 1996.
- TÁVORA, C. Do Self Encapsulado aos Selves Processuais e Construídos. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, Revista de Gestalt, n.8, p. 7-15, 1999.
- The Theory of Self in Gestalt Therapy: Re-Establishing a Relationship Between Subjectivity and Temporality. New York: Gestalt Review, 8 (2):229-244, 2004.
- TELLEGEN, T. Gestalt e Grupos – Uma Perspectiva Sistêmica. São Paulo: Summus, 1984.
- VASCONCELLOS, M. Pensamento Sistêmico – O Novo Paradigma da Ciência. São Paulo: Papyrus, 2005.
- VILLAÇA, N. Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- WYSONG, J. & ROSENFELD, E. An Oral History of Gestalt Therapy. New York: Gestalt Journal Press, 1982.
- YONTEF, G. Processo, Diálogo e Awareness. São Paulo: Summus, 1993.
- ZINKER, J. A busca da elegância em psicoterapia. São Paulo: Summus, 2001.
- WERTHEIMER, M. Pequena história da psicologia. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

## **Anexo I - Citações originais.**

1 - “The environment of an organism is by no means something definite and static but is continuously forming commensurably with the development of the organism and its activity.” (citação p. 47)

2 – “We can say that an organism is governed by the tendency to actualize, as much as possible, its individual capacities, its “nature” in the world. This nature is what we call the psychosomatic constitution,... This tendency to actualize its nature, to actualize “itself”, is the basic drive, the only drive by which the life of the organism is determined.” (citação p. 50)

3 - “ The better centered and integrated a personality is, the more definite and stable are these “Gestalten”. (citação p.56)

4 – “The objectively verifiable changes of particulars, in pulse, temperatures, and so on, ate to the physician only a confirmation of the correctness of his assumption. And likewise the patient himself experiences disease primarily as a basic change of his attitude toward the environment, as uncertainty and anxiety – the subjective manifestations of catastrophic conditions.” (citação p. 58)

5 - Realization is determined by its structural organization as much as by its capacity to tolerate or overcome catastrophes... The manner in which an organism copes with a defect is always characteristic of its individual nature. This reveals itself not only in the quality of the performance – that is, in the scope and differentiation of his world – but equally as much in strength with which shocks can be resisted without breaking the organism . (citação p. 61)

6 - “ Both matter and life consists, in the atom and the cell, of unit structures whose ordered grouping produces the natural wholes which we call bodies or organisms.” (citação p. 65)

7 - “ “... “wholes” are basic to the character of the universe, and Holism, as the operative factor in the evolution of the wholes, is the ultimate principle of the universe.” (citação p. 65)

8 – “ Man is based on both worlds; while he has one foot planted on the mechanistic plane, his other is firmly planted on the holistic plane, with a distinct lean-over towards the latter. Essentially he is a spiritual and holistic being, not a mechanistic type, with *sui generis* categories of mental and ethical orders. (citação p. 68)

9 - ““Freedom is thus not a mere abstract formal concept, but a real activity; it is the limits within which Holism moulds and develops the individual personality.” (citação p. 74)

10 - As a physical field has its lines of force, so the organic field of Nature, which results from the creative interpenetration of all fields of wholes composing her, has its own structural curves of progress. In human society we see how the social field or atmosphere becomes a system of control, a moulding influence to which all incoming members are subject. (citação p. 75)

11 - “ The different kinds of behavior that occur in a certain situation are to be understood as belonging to a coherent system of “possible” events that are in the totality na expression of the particular characteristics of this situation.” (p.79)

12 – “Lê “déjà présent”, que Heidegger évoque, nous dispense de tout projet que nous pourrions formuler pour l’autre. Il ne s’agit en gestalt thérapie “que” d’être présent. Nous verrons que la qualité de cette présence oblige le thérapeute à un effort personnel de constant et d’objectif semblables à celui du patient personnel (même si à proprement parler il ne s’agit pas d’établir une dynamique à partir d’un état de mal-être vers un mieux-être.” (citação p. 92)

13 -“ La personne n’est jamais seulement la victime qu’elle se plaît à décrier. Elle n’est pas non plus l’agent unique de son mal-être. Elle combine les attitudes de victime et d’agent responsable.” (citação p. 92)